

Descobrir, explorar, apropriar

O Design de Interiores como elemento valorizador da Arquitectura - Um exemplo prático



Ana Filipa Dias Miranda
Mestrado em Design
Núcleo de Espaço Urbano e Interiores

Orientador: Pedro Resende Leão, Arquitecto
e Professor de Técnicas de Instalação na
Escola Superior de Artes e Design

Ana Filipa Dias Miranda
Mestrado em Design
Núcleo de Espaço Urbano e Interiores
Orientador: Pedro Resende Leão, Arquitecto e Professor na Escola
Superior de Artes e Design

Aos meus pais

resumo

A arquitectura de interiores, o design de interiores e decoração de interiores podem ser entendidos como manifestações de uma mesma arte, manifestações estas variando apenas na escala e na profundidade da intervenção, da edificação de paredes novas, à construção do mobiliário ou à edificação de revestimentos.

Reconhecendo que estas manifestações da mesma arte têm em comum o facto de projectarem para o ser humano, é importante que a sociedade entenda o designer de interiores, como complemento ao trabalho do arquitecto.

Nesse sentido, o presente projecto debruça-se sobre a actual posição do designer de interiores em relação à arquitectura e a sua importância no desenvolvimento da sua prática profissional, demonstrando através de um exemplo prático – a Creche da Santa Casa da Misericórdia – de que modo a sua actividade é útil e proveitosa quando integrada numa equipa multidisciplinar.

Palavras-chave:

design de interiores; arquitectura; cor; texturas; desenvolvimento cognitivo; relações espaciais.

abstract

Interior architecture, interior design and interior decoration can be understood as manifestations of the same art, varying only in scale and depth of the intervention, from the building of new walls, the furniture construction to the building coating.

Recognizing that designing for humans is a common link between these manifestations of the same art, it is important that society understand the interior designer, as a complement to the architect work.

In this sense, this project focuses on the current position of Interior designer in relation to architecture and its importance in the development of their professional practice, demonstrating through a practical example - the nursery of the Holy House of Mercy - how its activity is useful and fruitful when part of a multidisciplinary team.

Key-Words:

interior design; architecture; colour; textures; cognitive development, spatial relationships.

agradecimentos

Ao arquitecto Pedro Resende Leão, orientador deste projecto, pelo auxílio na condução do trabalho e pela disponibilidade manifestada.

A todos os que tornaram possível a realização deste projecto e que de alguma forma contribuíram para o seu sucesso e concretização.



1. INTRODUÇÃO

1.1. Objectivos da Investigação	005
1.2. Metodologia da investigação e organização estrutural	005-006

2. A CRIANÇA

2.1. Desenvolvimento da criança	010
2.2. Influência da cor, texturas e grafismos no seu desenvolvimento	011-012
2.2.1. Cor	012-013
2.2.2. Texturas	014
2.2.3. Som	014

3. A CRECHE

3.1. Espaços formativos	018-019
3.2. Exemplos de creches	019
3.2.1. Creches locais	019-021
3.2.2. Outras creches	022-025
3.2.3. Algumas considerações	025-026
3.3. Questionários	026

4. O DESIGNER DE INTERIORES

4.1. O estado do design	
4.2. A sua actividade e áreas de intervenção	030-031
4.3. A relação Designer de Interiores Arquitecto	032

5. O PROJECTO DE INTERIORES

5.1. Enquadramento do projecto de interiores	036-039
5.1.1. Santa Casa da Misericórdia da Maia	040
5.1.2. Creches Santa Casa	041
5.2. Intenção do projecto	042-043
5.2.1. Identificação dos espaços	044-046
5.2.2. Enquadramento geral do projecto	047-049
5.3. Áreas de permanência média	
5.3.1 Áreas de circulação	050-053
5.3.2. Instalações sanitárias	054-061
5.3.3. Gabinete médico/sala de isolamento	062-064
5.3.4. Sala Teatro	065-067
5.4. Áreas de permanência intensa	
5.4.1. Exploradores (dos 3 meses à aquisição da marcha)	068-072
5.4.2. Descobridores (da aquisição da marcha aos 24 meses)	073-078
5.4.3. Apropriadores (dos 24 aos 36 meses)	079-085
5.4.4. Refeitório	086-091

6. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISTA DE FIGURAS

ANEXOS

091-095
098-100
104-105
108

1.

INTRODUÇÃO



1. Introdução

Tudo o que nos rodeia tem influência sobre o nosso desenvolvimento e comportamento, desde pessoas, ambientes e espaços. Como as crianças são um elemento essencial na nossa sociedade, sendo o futuro da mesma, é necessário criar espaços propensos ao seu desenvolvimento correcto, ajudando assim à construção de um ser humano dotado de valores e consciência.

Hoje em dia, cada vez mais o design de interiores tende a ser reconhecido como disciplina, notando-se um crescimento favorável desta prática em todo mundo. No entanto, continua a existir um equívoco entre design de interiores e arquitectura, pois se muitos acham que design é decoração outros tantos assumem o arquitecto como designer de interiores. Sendo para isso pertinente esclarecer e clarificar a sociedade do que pode esperar do designer de interiores, quais as suas responsabilidades e o seu papel no processo de arquitectura.

O designer de interiores, profissional dotado de competências variadas, tem como objectivo a criação de espaços que se adaptem aos estilos de vida dos seus ocupantes, resolvendo problemas e com capacidade de se integrar em equipas multidisciplinares, podendo assim trabalhar juntamente com o arquitecto, sendo um actor que vai acrescentar mais-valias ao projecto.

O facto de o designer de interiores poder trabalhar em conjunto com o arquitecto, ficará reflectido nos seus projectos, como por exemplo, num equipamento de uma creche. Como as crianças estão numa das fases mais importantes do seu crescimento será uma mais-valia estas poderem permanecer e crescer num espaço completamente direccionado para elas e para o seu crescimento, espaço esse projectado e construído por profissionais, tendo como

objectivo satisfazer todas as necessidades das crianças, tanto em termos de percepção e exploração espacial como de desenvolvimento cognitivo.

É importante que haja interacção entre os dois, e ainda mais tratando-se de espaços destinados a receber crianças, tentando perceber de que modo os espaços influenciam o desenvolvimento das mesmas, quais as necessidades em termos espaciais, assim como de que modo o designer de interiores pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e físico da mesma.

Visto que existem milhares de creches, em que todas têm o mesmo objectivo, cuidar de crianças, o designer, criador de espaços inovadores, poderá ser o elemento diferenciador do projecto fazendo com que uma simples creche se destaque das demais creches.

Assim, torna-se essencial promover o trabalho do designer de interiores junto do arquitecto, funcionando como um elemento valorizador da arquitectura e não como um entrave.





1.1 Objectivos de investigação

- Perceber e promover o papel do designer de interiores na arquitectura;
- Evidenciar a necessidade e a relevância do uso do designer de interiores na arquitectura, como elemento valorizador da mesma;
- Explorar pensamentos e modos de actuação sobre a creche na vertente do Designer de Interiores;
- Potenciar espaços próprios para as crianças;
- Estudar de que modo a cor, texturas e som influenciam o desenvolvimento da criança.

1.2 Metodologia da investigação e organização estrutural

O presente projecto de investigação desenvolveu-se, em termos metodológicos, segundo duas componentes:

- uma, de natureza teórica, que visa explorar a posição do designer de interiores na arquitectura, percebendo qual a sua importância na intervenção de espaços, através da influência destes e seus componentes como a cor e texturas dos materiais no comportamento e desenvolvimento da criança;

- e outra, de carácter prático, decorrente do contacto com crianças e educadores no seu ambiente e do posterior trabalho de interpretação e tratamento dos dados obtidos a partir de questionários efectuados.

Inicialmente procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica de forma a estudar-se qual a quantidade de informação existente sobre o assunto em questão. Seguidamente foi feita uma análise aprofundada do tema recolhendo toda a informação pertinente, visto que será essa informação que sustentará o projecto em si. Tendo em conta os diversos temas a ser abordados, como o papel do designer, o contacto com o desenvolvimento das crianças, creches, etc., foram efectuadas leituras cruzadas, de modo a que a literatura ajude no preenchimento de lacunas que possam existir, seguidas de uma análise, filtragem, sintetização e organização dos dados recolhidos.

Os estudos de carácter prático consistiram na realização de inquéritos por questionários colocados a educadores e pais, para assim se apreender qual a opinião destes sobre a influência que o espaço pode ter nos seus filhos e educandos.

Para se apresentar e materializar os resultados da investigação, recorreu-se:

- à produção de texto, apoiado em referências bibliográficas, para o desenvolvimento das temáticas a abordar;
- à apresentação de desenhos técnicos, imagens, fotografias e textos acerca dos exemplos estudados para potenciar um melhor entendimento;



- a organização dos dados recolhidos através dos inquéritos.

A nível estrutural o projecto está organizado em duas partes: uma primeira dedicada à parte teórica onde se expõe todos os dados recolhidos e analisados e uma segunda destinada à parte prática do projecto onde se apresenta uma proposta de interiores.

Após esta síntese estrutural formaliza-se uma apresentação mais completa das temáticas que constituem o trabalho de investigação.

Irá ser apresentada inicialmente, no capítulo 2, uma abordagem geral do desenvolvimento das crianças, as suas diferentes fases de crescimento e a influência que exercem sobre as mesmas elementos como a cor e texturas dos materiais. Este capítulo funcionará como uma espécie de contexto introdutório e base do desenvolvimento do restante trabalho de investigação.

No capítulo 3, será apresentada uma breve nota sobre ambientes formativos onde serão apresentados os questionários realizados e exemplos de creches a nível mundial.

O capítulo 4 dirá respeito à história e evolução da Santa Casa de Misericórdia da Maia, mostrando alguns exemplos de creches criadas pela mesma, no sentido de contextualizar a proposta ao objecto de intervenção.

O capítulo 5, referente ao designer de interiores, é introduzido por uma sucinta análise do estado geral do design. Procura-se ao longo do capítulo esclarecer quais as actividades e áreas de intervenção do designer de interiores, caracterizar

ou fazer entender a complexidade e a importância da relação designer de interiores/arquitecto num projecto de interiores.

Por último no capítulo 6, será apresentada a proposta de projecto para a Creche da Santa Casa da Misericórdia da Maia, onde serão apresentadas todas as ideias, referências e projecto, objecto de estudo desta investigação.

2.

A CRIANÇA

2. A criança

2.1 Desenvolvimento da criança

“As crianças são indivíduos que se encontram numa importante fase de crescimento, desenvolvimento e adaptação ao mundo e cuja compreensão das coisas se processa de uma forma evolutiva, cada vez mais complexa, à medida que se desenrola a sua maturação” (Oliveira, 2007/2008, p. 10) e para conhecer o mundo, sentindo-se seguro é fundamental ao bebé que acabou de sofrer o trauma do nascimento ao entrar no mundo real (O desenvolvimento infantil, 2011), sendo extremamente importante ter espaços aptos a recebê-lo e estimulá-lo, combinando três objectivos diferentes: devem ser relaxantes, estimulantes e tranquilos (Campos, 2011).

Os bebés são seres mentalmente curiosos que desejam intensamente aprender (Chamberlain, 2003), daí a necessidade de estímulos e de qualidades espaciais que respondam às suas necessidades de aprendizagem e experimentação, próprias de cada estado de desenvolvimento, proporcionando assim ao bebé um crescimento saudável (Oliveira, 2007/2008).

Considera-se que, assim que nasce, o bebé começa a desenvolver uma «compreensão» própria, que numa primeira fase, é expressa pelos órgãos dos sentidos, até porque é através deles que comunica (Rodrigues, 2005). Assim, percebe-se que o uso de formatos diferenciados, materiais inusitados e cores vibrantes (Cecchini, 2010) em diversos espaços, tem uma ligação directa com o desenvolvimento da criança. Estímulos decorrentes da presença de figuras coloridas contribuem para o aprimoramento da capacidade

motora e cognitiva, raciocínio, fala, audição, entre outras funções (Rodrigues, 2011).

Durante os primeiros doze meses de vida, a criança relaciona-se com o ambiente através da visão e do tacto, embora também sejam capazes de ouvir e interpretar sons. Qualquer brinquedo que se mova dentro do seu campo de visão atrai a atenção da criança, e ainda mais se o brinquedo emitir algum tipo de música ou som agradável. Por volta dos quinze meses, a criança começa a levantar-se sozinha, aprende a andar e a experimentar constantemente tudo que a rodeia.

Aos dois anos de idade, as capacidades psicomotoras da criança darão um grande passo em frente. Este é o momento de saltitar, cair e trepar qualquer superfície escalável. Com esta idade, a criança quer falar, dormir, brincar e explorar o meio envolvente. (...)

Aos três anos de idade, as crianças começam a relacionar-se com o ambiente de uma forma mais «adulto». Diariamente, a criança vai passar exactamente pelo mesmo processo em cada um dos espaços projectados e pensados para ela. É um lugar acessível? E se não for divertido lá chegar? Será que testa as minhas habilidades ou reflexos? Será que me oferece segurança ou é um desafio? É um espaço natural ou construído por um homem? Parece fria ou quente? Gosto das cores? As suas superfícies ou materiais são macios ou duros? (Campos, 2011, pp. 24-25).

Existem inúmeros estudos psicológicos que mostram a influência da arquitectura e do design de interiores sobre a evolução psicológica da criança. “Conhecer desde a mais tenra idade as necessidades do bebé e poder estimulá-lo de acordo com a sua idade e desenvolvimento é crucial para que a criança venha, no futuro, a ser um adulto física e emocionalmente saudável” (O desenvolvimento infantil, 2011), necessidades essas que podem por vezes ser respondidas através do espaço onde eles se encontram.



Fig. 1 Crianças em várias fases de crescimento

2.2 Influência do som, da cor e das texturas dos materiais no seu desenvolvimento

O som, a cor e os materiais texturados servem como estímulos à evolução da criança, interferindo de forma positiva no desenvolvimento emocional e sistema nervoso do bebé, reflectindo-se no seu comportamento (O desenvolvimento do bebé e da criança, 2011).

As crianças são influenciadas pelas cores desde a fase inicial de vida, estendendo-se por vários anos. As cores alegres e vibrantes, comprovadamente, chamam a atenção dos mais-pequenos. Por essa razão deve-se usar e abusar do «mundo colorido», visto ser uma peça importante na sua educação (Rodrigues, 2011).

Apesar da sua importância, a cor torna-se mais relevante quando utilizada juntamente com materiais e texturas, visto que, podendo escolher entre vários alvos, os bebés olham geralmente mais para padrões coloridos do que para superfícies monocromáticas, assim como para padrões complexos do que para simples e para linhas curvas ao invés das rectas, preferindo a cor ao preto e ao branco e objectos tridimensionais a bidimensionais (Chamberlain, 2003).

É igualmente importante a presença do som no desenvolvimento do bebé. O som para além de estimular o desenvolvimento cognitivo do bebé incita-o a virar a cabeça em várias direcções estimulando o movimento da mesma enquanto tenta perceber de onde deriva o som (Rodrigues, 2005).

As texturas, utilizado em conjunto com um espaço arquitectónico, pode gerar resultados extraordinários, induzindo as crianças a perceber o espaço de maneira diferente e a receber os estímulos de que tanto necessitam (Piu, 2009).



Fig. 2 Criança a pintar

O bebé sente-se atraído por objectos/espacos capazes de o fazer exercitar a percepção do toque, desenvolvendo a coordenação motora das mãos, e ao mesmo tempo a audição caso o espaço ou objecto faça barulho (Cores na educação e no desenvolvimento, 2009), e segundo Fantz, os bebés tem a capacidade de fixar o olhar numa forma e distingui-la de outras desde o nascimento (Chamberlain, 2003), e sendo os materiais uma necessidade da realização da criatividade essas formas podem ser conseguidas com o seu uso.

Assim, percebe-se que a criança tem uma maneira muito peculiar de entender o mundo e, à medida que cresce e se desenvolve, tem acesso a novas informações e experiências esquecendo o seu antigo modo de pensar (Dantas, Rego & Oliveira, 2009). Não obstante, a curiosidade do bebé e o reconhecimento do que é familiar fazem com que os brinquedos e espaços sejam motivantes, quer pelas texturas, quer pelas formas, quer pelas cores (Rodrigues, 2005).

2.2.1 Cor

“A cor é muito mais do que um fenómeno óptico ou do que um meio técnico” (Heller, 2007) é possivelmente uma das principais ferramentas na projectação de um espaço. A escolha de uma cor ou outra determinará as percepções que o utilizador terá do mesmo (Rodrigues, 2005), conseguidas através do efeito que esta cria nele, surtindo assim sentimentos diversos, que se alteram conforme o usuário.

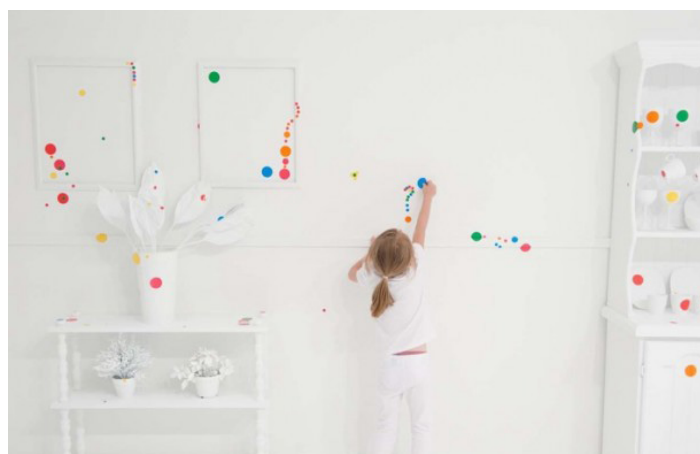


Fig. 3, 4 e 5 (à direita) Instalação presente no Museu de Arte Moderna de Brisbane, na Austrália. O espaço que era todo branco foi conquistado por cores a partir da ajuda das crianças munidas de adesivos coloridos.



Não sendo meros detalhes do dia-a-dia, as cores trazem consigo algum sentimento especial, influenciando o comportamento dos humanos, sendo mais evidente nas crianças, pois é o momento em que elas associam, mesmo sem querer, as cores a sentimentos e lembranças, fazendo parte delas o resto da sua vida (A influência das cores na decoração das crianças, 2011).

Por esta razão, os profissionais que trabalham com as cores, sejam eles, artistas, terapeutas, estilistas, tintureiros, arquitectos ou designers de interiores, devem saber que efeitos produzem as cores nos destinatários dos seus produtos (Heller, 2007).

A escolha da cor torna possível criar a atmosfera que se deseja (Paredes, 2011), e em espaços dedicados a crianças as regras devem ser descontraídas, dando lugar a combinações surpreendentes e mais impressionantes do que as convencionais (Campos, 2011). “A cor quantitativamente dominante será a que vai determinar o ambiente, enquanto as outras terão um efeito diferenciador” (Schleifer, 2006, p.41), e

olhando para os desenhos das crianças, percebe-se que, obviamente, preferem cores vivas a cores mais desenhadas como os cinzas ou tons melancólicos, porque sempre que podem misturam o maior número possível de cores, pois não há nada mais divertido para uma criança do que ver uma cor nova surgir da mistura de outras duas (Campos, 2011).

Nesse sentido, com certeza as crianças vão também querer que a pessoa responsável pelo projecto dos espaços que a elas se destinam também o faça, sendo melhor optar por cores mais atractivas como os verdes, vermelhos, azuis, amarelos, laranjas, etc. (Campos, 2011).

Assim, usar a cor como intenção é um acto intrínseco ao projecto, transformando o espaço num acto de comunicação

(Loução, 1993), e visto que as crianças processam as cores, de uma forma pura, numa parte pré-linguística do cérebro (Franklin et al., 2007, tradução livre), e estando os bebés prontos a usar a visão mal nasçam (Chamberlain, 2003), é extremamente importante o seu uso, porque a cor “é determinante do espaço, sendo uma consequência da interacção entre a luz, a matéria e o utente” (Loução, 1993), tornando-se, mais uma vez um grande aliado ao desenvolvimento da criança.



“A cor deveria ser pensada, sonhada, imaginada.”

(Henry Matisse, pintor francês e criador do Fauvismo)

Fig. 6 Bebé a brincar com cubos de madeira



2.2.2 Texturas

O sujeito constrói o seu próprio conhecimento, processo que se dá a partir da interacção com os outros e com o mundo dos objectos e das ideias (Nadal, 2010). As crianças, com o seu sentido de curiosidade, sentem o espaço através do tacto, passam os dedos pelo material e retiram desse acto uma profunda satisfação sensorial (Papanek, 1997).

Experimentando novas texturas - lisas, ásperas, duras, macias, quentes e frias - as crianças são obrigadas a desafiar o seu campo cognitivo, social e motor, aprendendo assim a controlar o seu próprio corpo (Carvalho & Rubiano, 2001).

Como os artistas são os mais propícios à experimentação de materiais e formas, procurando maneiras de criar novos objectivos (Beylerian & Dent, 2005), e tendo as crianças mais apetite pela variedade, complexidade, cor, formas e padrões (Chamberlain, 2003), o designer, como profissional capaz de usar a sua habilidade em combinar escolhas sensíveis de materiais, tem como desafio conseguir colmatar as necessidades do seu cliente (Beylerian & Dent, 2005) - as crianças.

2.2.3. Som

A criança precisa de ser sensibilizada para o mundo dos sons, pois é pela audição que ela possui o contacto com os fenómenos sonoros e com o som. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela descobrirá

as suas qualidades, sendo muito importante exercitá-la desde muito pequena, pois esse treino irá desenvolver a sua memória e atenção (Caracol, s.d.).

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do quotidiano fazem com que os bebés e crianças iniciem o seu processo de musicalidade de forma intuitiva. Do primeiro ao terceiro ano de vida, os bebés ampliam os modos de expressão musical pelas conquistas vocais e corporais (Pedagogia ao Pé da Letra, 2011).

A música deve estar presente na vida da criança, e na falta desta, actividades ritmadas ou materiais sonoros, visto que o bebé a partir do vigésimo dia de vida é capaz de produzir os seus próprios sons em respostas aos que ouve (Rodrigues, 2005).

A expressão musical das crianças na fase de desenvolvimento físico e cognitivo é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo e afectivo e pela exploração sensório-motor dos materiais sonoros, sendo bastante importante a presença de elementos sonoros nos espaços onde elas permanecem (Pedagogia ao Pé da Letra, 2011).



Fig. 7 Bebé a brincar com brinquedos

3.

A CRECHE

3. A creche

3.1 Espaços formativos

Durante muitos anos, a creche foi um local onde as mães das famílias de classe baixa deixavam os filhos para irem trabalhar, no entanto, hoje é uma instituição educacional que dá assistência física, motora, afectivo-social e intelectual (Como montar um berçário e creche, 2011) à criança.

É de conhecimento geral que os bebés são seres curiosos e observadores e a creche é o lugar ideal para transformar esta curiosidade em conhecimento sobre os animais, as plantas, os lugares e o comportamento humano (Nadal, 2010). Assim, o cenário espacial de uma criança influencia grandemente o seu desenvolvimento, logo é importante que haja uma harmonia entre a avalanche de estímulos e a monotonia, proporcionando tanto o estímulo como o descanso (Schleifer, 2006).

Enquanto durante o tempo de aleitamento o espaço tem de transmitir calor e segurança, com a passagem dos anos cresce na criança o desejo de participar na sua configuração e recorrendo à utilização de cores vivas e acessórios divertidos, é possível satisfazer esta sua necessidade (Schleifer, 2006).

Segundo Campos (2011) a imaginação e a flexibilidade são dois dos ingredientes básicos para estruturar, mobilar e adornar um espaço para crianças – imaginação para igualar a abundante criatividade que transborda de uma criança e a flexibilidade para se adaptar às mudanças que ocorrem a uma velocidade que com certeza seria um pesadelo para qualquer designer inexperiente. E de facto,

muitos designers e arquitectos, que projectam e constroem espaços para crianças, não têm mais que uma vaga ideia sobre as diferentes fases de crescimento vivenciadas pelas crianças e as mudanças que vão ocorrendo nelas. O contrário também se verifica: não há muitas pessoas que trabalhem com crianças que saibam como construir um espaço para elas, ou qual é exactamente a influência deste tipo de ambiente para o planeamento de interiores deste tipo de espaço (Campos, 2011, pp. 24-25).

“Não há, na actualidade, nenhum tema mais relevante para os arquitectos” (Hertzberger, 2011, p.24), do que a construção para a educação, resultando numa pesquisa exhaustiva “sobre os efeitos da luz natural do dia, da cor, da condição de uma escola, das relações interiores e exteriores, do excesso de pessoas, da qualidade ambiental nos meios de aprendizagem e no comportamento” (Taylor, 2011, p.26).

“À arquitectura cabe então fornecer espaços qualificados e adaptáveis a diferentes situações, capazes de proporcionar aos seus utilizadores, possibilidades variadas de apropriação e exploração” (Heitor, 2011, p.34). E quer os arquitectos e designers gostem ou não, os utilizadores dos edifícios que eles projectam tornam-se cada vez mais exigentes, insistindo para que os seus desejos sejam incorporados na construção do edifício que vai determinar as suas vidas (Hofmann, 2011).

Para Catrica (2011), a escola é um dos referentes mais importantes da arquitectura do séc. XX, mas também deve ser um território de afectos e muitas memórias contraditórias, de amigos, de descoberta, de exploração, de medos, de cheiros e de materiais, porque para além da arquitectura, a vivência destes espaços numa idade formativa e de descoberta tem muita influência no crescimento das crianças. E de facto, os arquitectos que projectam escolas e creches procuram criar espaços abertos e familiares, protegidos e confortáveis,

materializando a ideia de segunda casa. No entanto, hoje em dia, não basta apresentarem o familiar mas também albergar o imprevisível (Baptista, 2011).

Logo, e sendo a arquitectura um dos elementos catalisadores da educação, o projecto de creches e jardins-de-infância tornou-se um dos pontos focais no trabalho de arquitectos e designers (Hofmann, 2011), apresentando soluções que se focalizam na qualificação de experiência espacial, procurando explorar os vínculos e práticas educativas e pedagógicas na creche e a experiência perceptiva e sensorial do espaço (Baptista, 2011). Espera-se, portanto, que os ambientes interiores se tornem livros escolares tridimensionais que possam transmitir mensagens diversas aos utilizadores dos mesmos (Taylor, 2011).

De facto, arquitectos e designers criam espaços formativos onde as crianças se possam sentir felizes, com oportunidades de experiências e vivências diversificadas, ajudando-as a conhecerem-se a si próprias, fortalecendo a sua auto-estima, despertando a sua curiosidade e o pensamento crítico (Maia, 2011).

3.2. Exemplos de creches

Segundo alguns professores e educadores as crianças têm uma espécie de «linguagem secreta». Assim, ao planear um novo espaço formativo, o designer deve ter em mente a diferença entre forma e conteúdo, ou entre os elementos estruturais (paredes, portas e janelas) e os elementos móveis (mobiliário), fazendo com que a criança se sinta o mais confortável possível e tenha bastante espaço livre, onde possa brincar e interagir com o ambiente que o rodeia, sem obstáculos desnecessários (Campos, 2011).

Por todo o mundo são criados espaços dedicados às crianças, propensos ao seu desenvolvimento e crescimento. No entanto, verifica-se uma mudança entre as creches projectadas nuns e noutros locais, como se poderá verificar nos exemplos seguintes.

3.2.2. Creches locais

Geração Chupeta, Lisboa

As creches «Geração Chupeta», situadas no Restelo, Lisboa, são organizadas de maneira a pensar nas crianças e ao mesmo tempo de maneira a facilitar a vida aos pais. Estão organizadas por áreas distintas: berçário, usado por bebés a partir dos 3 meses de idade, está equipado com 8 camas e organizado em 3 zonas distintas, sala de berços, sala parque e copa de leites; salas de aquisição da marcha, onde só podem estar um máximo de 10 bebés por sala acompanhados



Fig. 8, 9, 10 Instalações da Creche Geração Chupeta em Lisboa

por uma educadora e uma auxiliar e por fim as salas de 24 a 36 meses, com um máximo de 15 bebés por sala, acompanhados também com uma educadora e uma auxiliar.

É missão da creche cuidar do atendimento das questões básicas de alimentação, higiene, sono, educação e pedagogia. Proporcionar um clima emocional favorável à criança para que ela desenvolva sentimentos de satisfação e de plenitude, que lhe vai permitir suportar e superar as frustrações que, inevitavelmente têm de sofrer ao longo da vida, é igualmente imprescindível (Geração Chupeta, 2008).

Casa da avó, Vila Nova de Gaia

A creche «A Casa da Avó» quer afirmar-se como um serviço, não só dirigido à criança, como também à família. Consciente das implicações que os modernos estilos de vida acarretam para a vida familiar, querem fornecer um serviço que proporcione condições de modo a tranquilizar os pais porque sabem que as crianças se encontram num espaço educativo e de qualidade libertando-os de algumas preocupações como sejam: os biberões, as sopas, as papas, as fraldas, os toalhotes, etc. ficando tudo ao encargo da creche, para que possam ter mais tempo para desfrutar da relação com os seus bebés.

A creche «A casa da Avó» situa-se numa zona residencial em Vila Nova de Gaia, e ocupa um piso de rés-do-chão, o que permite a total circulação dentro do edifício sem o uso de escadas. A creche é composta pelos seguintes espaços: recepção; gabinete direcção; sala de educadores; berçário, onde os berços e catres são individuais e personalizados; sala das tartaruguinhas (sala de parque); copa de leite; sala de isolamento; sala dos patinhos; sala dos golfinhos;

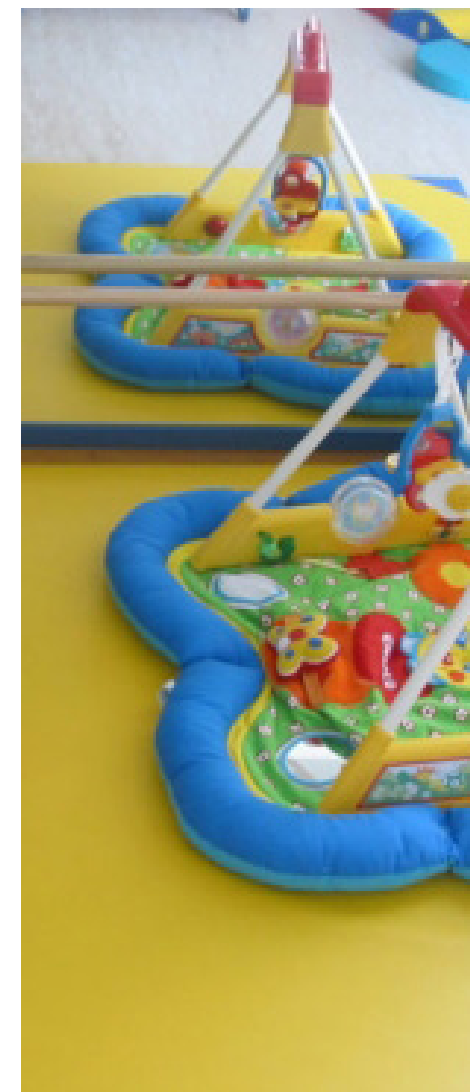


Fig. 11, 12, 13 Instalações da Creche A Casa da Avó em Vila Nova de Gaia

instalações sanitárias de adultos; instalações sanitárias de crianças; cozinha; despensa; refeitório e o espaço exterior (terraço).

Todas as salas foram construídas de raiz e estão equipadas com aquecimento central, ventilação e iluminação natural e artificial, música ambiente com volume regulável em cada uma das salas., material necessário à estimulação do desenvolvimento das crianças de acordo com a sua fase evolutiva, sendo todo o equipamento cómodo, seguro e lavável e adequado às faixas etárias (A Casa da Avó, s.d.).

Casa do Cuco, Porto

A creche «Casa do Cuco» foi pensada e adaptada para crianças dos 4 meses aos 6 anos de idade, estando implantada numa área acolhedora, espaçosa, segura e bem equipada. Tem como missão contribuir para o desenvolvimento cognitivo, sociomoral e psico-motor das crianças, potenciando o seu crescimento saudável e equilibrado, formando futuros cidadãos intervenientes, críticos e conscientes da importância dos valores cívicos e ambientais.

O jardim com 1000 m2, com muitas árvores de fruto e uma horta biológica, permite o contacto com a natureza, as brincadeiras ao ar livre e a aprendizagem do semear para colher. Este conjunto (casa e jardim), utilizado como complemento do trabalho pedagógico, proporciona à criança, um desenvolvimento integrado e feliz, numa fase fundamental do seu desenvolvimento (Casa do Cuco, s.d.).



Fig. 14, 15, 16, 17 Instalações da Creche Casa do Cuco no Porto

3.2.2. Outras creches

Solrosen kindergarten, Noruega

Solrosen é uma creche onde as instalações adequadas à aprendizagem são altamente valorizadas e onde a ideia de creche com uma instituição de retenção foi abandonada há muito tempo. Os espaços são diferentes zonas independentes, cada uma com conteúdo específico. A soma representa a diversidade, onde a criança é desafiada de maneiras diferentes ao longo do dia. A ambição do projecto foi a construção de um espaço convidativo, tornando a creche num lugar que recebe tanto uma criança, como um pai ou um educador.

A entrada do jardim-de-infância faz-se a partir de uma rua, que vai dar a sala central do edifício, que tem uma forma circular. A planta do primeiro piso é pouco convencional, foi projectado para se parecer com as pétalas de um girassol, com as diferentes estações (espaços) espalhadas a volta do núcleo central, que se relaciona com o exterior.

As actividades realizadas nestes espaços são projectadas para o exterior, através das grandes janelas que para além de oferecerem luz natural criam uma relação franca e directa entre o exterior e o interior.

O edifício tem maioritariamente um piso - a pétala no lado norte tem dois andares - e parece baixo, intimista e convidativo, um edifício construído em termos próprios das crianças.

Foi intenção do conceito arquitectónico dar um ar interessante e criar um interface entre interior e exterior. O espaço convida as crianças a realizar diversas actividades, desde as mais calmas até as mais fisicamente desafiantes, tornando-o numa oficina onde cada dia é um novo capítulo na mente curiosa da criança (Rosenberg, 2011, tradução livre).



Fig. 18, 19, 20, 21 Instalações do Solrosen Kindergarten, Noruega, 2009, pelo atelier Stein Halvorsen Sivilarkitekter



Monthey Kindergarten, Suíça

A nova creche Monthey está localizada na cidade de Cinquantoux Park, na Suíça e foi concebida como uma grande casa para as crianças. O local assume uma forma quase orgânica que se funde com o parque arborizado e oferece uma variada gama de espaços interiores.

O edifício pode acomodar cerca de 180 crianças. Está organizado em dois pisos estruturados em seis unidades, que por sua vez está dividida em dois espaços, um de actividade e outro de repouso, equipados com uma casa de banho no meio. Cada unidade tem um carácter distinto, reflectindo a sua posição no edifício, onde todas beneficiam de vistas diferentes do parque, e são banhadas com luz solar de manhã ou de tarde dependendo da sua orientação.

Enquanto a construção é tradicional, o revestimento exterior é inspirado no mundo da infância. As fachadas consistem em ripas de madeira com acabamento a tinta, seguindo uma matriz que faz lembrar as cores dos brinquedos, incluindo rosa, laranja, vermelho e verde.

O interior da creche é composto por uma sucessão rítmica de pisos e tectos coloridos, com tantas cores quanto as unidades existentes, criando ambientes contrastantes que são ao mesmo tempo alegres e brincalhões (Saieh, 2010, tradução livre).

Terenten Kindergarten, Itália

A creche Terenten, cujo nome deriva do local onde está inserida, uma aldeia montanhosa situada no sul de Tirol, Itália, expressa através da arquitectura a sobreposição de três culturas locais, funcionando como um mediador entre esses mundos.

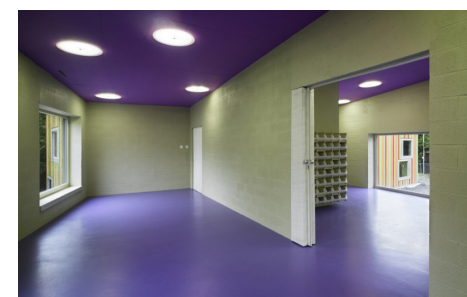
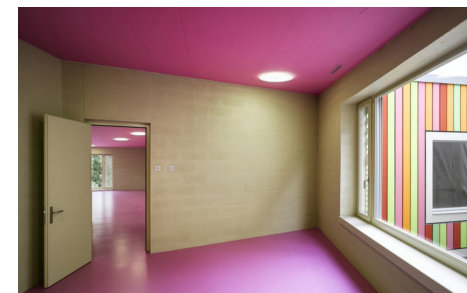


Fig. 22, 23, 24, 25, 26 Instalações do Monthey kindergarten, Suíça, 2007/2008, pelos arquitectos Bonnard Woeffray

O edifício foi cuidadosamente projectado pelos arquitectos, de modo a que este se integrasse no ambiente. O jardim-de-infância emerge do solo, sendo de um dos lados claramente um edifício, e do outro, parte integrante da paisagem. A escala do edifício foi definida em relação a aldeia, mas tendo também em conta a perspectiva das crianças. O uso de elementos arquitectónicos tradicionais na contextualização do edifício traduziu-se com sucesso numa expressão contemporânea.

A creche dedicada à criança foi concebida como um edifício único e individual, que se funde suavemente com o meio envolvente. A partir da intenção urbanística o conceito de design é a intenção de dar significado e identidade ao espaço, sem gerar contrastes repentinos.

O terreno em declive foi usado para acomodar o piso térreo – lado leste-, sendo apenas visível aos transeuntes metade do volume da construção. A frente oriental da escola abre-se para este espaço que pode ser usado durante o recreio e para funções oficiais. A entrada para a creche é feita pela zona pedonal ao nível térreo sendo dividida em três «casas», cujas frentes foram deslocadas para fora do alinhamento do edificado. Para responder ao contexto arquitectónico as três unidades tem diferentes alturas e estão ligadas entre si por meio de conectores de vidro, inundadas por luz natural. As salas estão todas viradas para o sul enquanto as multiactividades têm orientação para norte, ficando assim viradas para a zona pedonal (entrada). As unidades de construção foram concebidas tendo em conta a escola primária existente na zona, criando assim uma ligação entre elas, e a suas dimensões tendo em conta percepção e identidade da criança. As diferentes formas da creche ajudam as crianças a orientarem-se dentro da «casa», entendendo o

espaço e organização social do centro, sentindo-se na sua «própria casa».

O objectivo dos arquitectos foi construir espaços diferenciados, salas que proporcionassem o máximo potencial para estimular as crianças nas suas actividades individuais, orientação, comunicação, interacção social e receptividade estética. As salas podem ser usadas de forma flexível como estúdios para as actividades das crianças mas também como retiros tranquilos.

As salas do piso térreo incorporam dois níveis, com pontes de conexão, galerias e espaços abertos, oferecendo uma variedade de experiencias espaciais. Presas à estrutura de betão estão umas galerias, como se tratasse de ninhos de pássaros, e duas pontes que fazem ligação a área de actividade física comum. As diferentes vistas das várias janelas da creche parecem puxar o cenário envolvente para o interior do edifício.

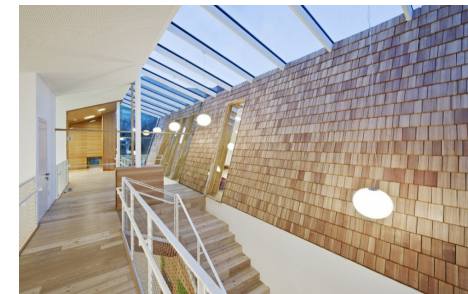


Fig. 27, 28, 29, Instalações do Terenten kindergarten, Itália, 2009/2010, pelo atelier feld72



A partir de cada sala de aula, as crianças podem aceder ao exterior, atravessando um pátio de madeira colocado em frente às mesmas. Um elemento divisor oferece espaço de arrumação para os materiais necessários para as várias actividades, mas funciona também como uma escultura usada pelas crianças, proporcionando nichos de estar, barras ou até um escorrega.

A escolha de materiais foi baseada no princípio orientador da construção de algo especial e ao mesmo tempo de algo do quotidiano. Foram reinterpretados elementos tradicionais a partir de uma perspectiva contemporânea criando novas qualidades: o edifício eleva os padrões e combina-os com novos fenómenos da modernidade global (Minner, 2010, tradução livre).

Dragen Children's House, Dinamarca

A creche Dragen estabelece novos padrões, apresentando-se como um projecto sustentável e pedagogicamente pensado onde todos os componentes têm o rótulo ecológico.

As necessidades das crianças e o seu bem-estar foram o principal impulsionador do projecto. A creche está organizada segundo um conceito arquitectónico simples e claro, estando dividida em 2 níveis, com as áreas das crianças localizadas na parte sul da mesma. Os dois níveis estão ligados por escadas e rampas projectadas para desafiar e estimular as habilidades sensoriais e motoras das crianças.

Nesta creche com muito mais espaço do que numa creche tradicional, existe uma ideia pedagógica para o design de interiores. Toda a arquitectura foi pensada para apoiar o desenvolvimento das crianças de modo a que elas desfrutem de um ambiente atraente e desafiador para aprender

e crescer. Como exemplo do conceito utilizado na sua construção, a creche tem pequenos nichos distribuídos por toda parte, onde as crianças podem brincar, ler ou simplesmente se retirar.

A creche tem espaços diversos para dar às crianças oportunidade de se desenvolverem e brincarem, existindo um pequeno teatro, um atelier, um quarto dedicado as habilidades motoras e cozinhas pedagógicas. Outra das características desta creche são as pequenas brechas existentes nas paredes que permitem as crianças brincar entre duas salas (Møller, 2009, tradução livre).

3.2.3. Algumas considerações

Conforme se pode verificar, a maneira como cada sociedade, cada arquitecto, cada designer encara o projecto é diferente, notando-se ainda mais as diferenças quando se trata de países distintos. No entanto, e porque todos constroem para as crianças, denota-se uma preocupação na criação de espaços que lhes possam satisfazer todas as necessidades e as ajudem no seu desenvolvimento físico e cognitivo.

E de facto, esse desenvolvimento depende bastante da pluralidade de experiências e do espaço a que cada um tem acesso. "A ampliação do repertório de vivências faz com que se refine a percepção da posição do próprio corpo no espaço e projecte a forma de se deslocar para atingir um objectivo. Há uma memória de movimentos a que recorrer" (Dantas et



Fig. 30, 31, 32 Instalações da Dragen Children's House, Dinamarca, 2008/2009, pelo arquitecto C.F. Møller

al., 2009), permitindo não só se situar no espaço em que se encontra mas também imaginar novos ambientes com base na possibilidade de representá-los.

3.3. Questionários (de que precisam as crianças em termos de espaço)

Os questionários celebrados em creches da zona do Porto foram colocados a pessoas individuais com filhos nas idades compreendidas entre os 0 meses e os 4 anos de idade.

Com as várias respostas, percebe-se que a maioria das pessoas acha que as crianças precisam de espaços amplos onde possam dar largas à imaginação, e se possam movimentar à vontade, de várias actividades que as façam desenvolver capacidades motoras e cognitivas, que precisam igualmente de brinquedos coloridos, porque acham que as crianças se sentem mais atraídas por estas.

Inquiridas sobre o tipo de actividades realizadas nas creches, a grande maioria respondeu que são realizadas actividades didácticas, desde jogos, leitura de histórias, brincadeiras com plasticinas, que os ajudam a desenvolver a parte motora e o tacto, actividades que remetem ao ambiente familiar desde brincar às casinhas ou a oficinas de carros.

Indagadas sobre a influência de cores, texturas, sons e elementos naturais no desenvolvimento das crianças, todos entendem que tal ajudaria ao seu desenvolvimento, auxiliando na tomada de consciência dos vários sentidos, a visão, o tacto, a audição, o olfacto e o paladar, dado elas serem

atraídas pelas cores, curiosas relativamente a texturas e sons. Açam igualmente que a presença de hortas naturais e outros elementos no espaço creche ajudará a criança a perceber a importância dos alimentos e a cuidar da terra.

Os questionários realizados vieram auxiliar à concretização do projecto e a desfazer dúvidas existentes relativamente a este tipo de espaços.

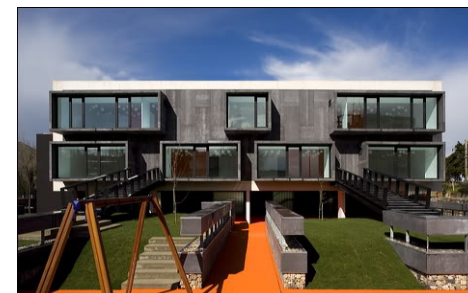


Fig. 33 (à esquerda), 34, 35 (de cima para baixo) Jardim de Infância Popular, Cacém, pelos arquitectos Nadir Bonaccorso e Sónia Silva
Fig. 36, Jardim de Infância João de Deus, Penafiel, pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira

4.

DESIGNER DE INTERIORES

4. Designer de Interiores

4.1. O estado do design...

Em Portugal, o design não é ainda considerado como uma disciplina autónoma (Bártolo, 2006), pois o público, em geral, tem dificuldades em compreender a actividade e os seus benefícios, confundindo-a muitas vezes com outras disciplinas.

O design de interiores, “muitas vezes associado a algo cultural, estético ou apetecível, deve ser considerado como disciplina criadora de retorno, geradora ou potencializadora de melhorias na prática de valores intrínsecos, na funcionalidade ou acessibilidade de produtos e serviços” (Centro Português Design, s.d.).

O designer de interiores, é um profissional qualificado pela educação e pela experiência, para conseguir melhorar a função e qualidade dos espaços interiores. E durante o processo criativo os designers estão constantemente a redefinir-se a si próprios e ao seu trabalho (International Interior Design Association, s.d., tradução livre)

Um campo interdisciplinar não é uma disciplina (...), é uma zona de trocas, no interior da qual não se trata de conjugar, nem tão pouco de confrontar disciplinas autónomas, mas de produzir conhecimentos novos a partir dos níveis de organização da estrutura de cada disciplina e do jogo transaccional dos fluxos que as atravessam (Bártolo, 2006).

Assim o designer trabalhando juntamente com o arquitecto e outros tantos profissionais oferece com os seus projectos, espaços que potenciem uma utilização com mais

funcionalidade e bem-estar.

4.2. A sua actividade e intervenção

Os paralelos entre design de interiores e arquitectura são óbvios, a tendência para a experimentação com novos materiais e novas formas de vida, o regresso a uma linguagem de formas simples e geométrica, o uso da cor enquanto elemento essencial do design e a sempre reconhecida abordagem sistemática.

O perigo é a forma como a arquitectura se está a transformar em imagem, uma espécie de show mediático com tudo o que isso implica em termos da própria execução da arquitectura. São duas faces da mesma moeda, mas é uma realidade que, pesando prós e contras, penso que é vantajosa (Mateus, 2006).

O arquitecto de interiores nunca trabalha no abstracto. O edifício que alberga o interior e seus arredores, bem como os requisitos do cliente juntamente com as necessidades de respeitar as regras de construção e os regulamentos, definem o marco contextual que determina o desafio de criar, estabelecendo restrições e possibilidades e, embora isto possa parecer contrário à intuição, são muitas vezes as restrições que permitem ao designer (Coles & House, 2007, tradução livre) criar espaços inovadores.

Em design, por muitos considerado um processo experimental virado para o futuro, tanto se trabalha intelectualmente, como a partir de níveis profundos da intuição. Assim, e considerando que todos os seres humanos tem necessidades fundamentais à compreensão da ordem, da beleza, da intuição, da antecipação e da inovação, os designers procuram satisfazer estas carências através do

“...the architect must again begin at the very beginning... architects must exercise wheel trained imagination to see in each material, either natural or compounded plastics, their own inherent style. All materials may be beautiful, their beauty or entirely depending upon how well they are used by the Architect.” (Frank Lloyd Wright, 1943)



seu trabalho (Papanek, 1997).

De facto, o design é “um método de obtenção de componentes para atingir a melhor solução de um determinado problema” (Eames, s.d.) podendo incluir “o trabalho de pessoas das mais diversas áreas” (Cooper & Press, 2001, p. 24, tradução livre).

Dentro do seu reportório de capacidades e talentos do designer incluem-se:

- a aptidão para investigar, organizar e inovar;
- o dom para descobrir as respostas adequadas aos problemas;
- a habilidade para testar respostas, experimentando modelos computadorizados e protótipos;
- a prática para transmitir esses desenvolvimentos através de desenhos, modelos, simulação em 3D, entre outras;
- a capacidade para trabalhar com pessoas de diversas culturas e áreas (Papanek, 1997).

Intervindo, na maioria das vezes, em espaços já existentes, e por vezes providos de história ou protegidos pela lei, o designer terá de operar dentro destes (Milano, 2008), respondendo e coordenando o projecto (National Council for Interior Design Qualification, 2004), aproveitando ao máximo os seus elementos expressivos, o seu “talento”, a capacidade de se tornar num espaço diferente, com outra função e com outra capacidade de comunicar permitindo o desenrolar da vida (Milano, 2008). Assim, o designer de interiores intervém no espaço através de instrumentos comuns à arquitectura,

que lhe permitirá modificar o invólucro arquitectónico, mas também através de outros instrumentos como o mobiliário, o design gráfico ou a iluminação (Milano, 2009).

Abra a porta de um edifício qualquer em qualquer parte do mundo e passe. Ao fazê-lo, dar-se-á conta de que sem qualquer esforço consciente, experimenta uma resposta do espaço onde acaba de entrar. Outras respostas posteriores vão reforçar a primeira impressão. Todas essas sensações não são acidentais, são o resultado das mensagens enviadas ao cérebro pelos sentidos – visão, som, tacto e olfacto – que por sua vez analisa a experiência prévia, e cria uma sensação de equilíbrio e proporção, gerando uma reacção psicológica aos estímulos das cores, sons, luz e materiais (Coles & House, 2007, tradução livre).

Assim, o designer de interiores “intervém num domínio onde as exigências não são só físicas, mas também psicológicas, sensoriais, relacionais e de interacção e comunicação com o ambiente envolvente” (Milano, 2009, p.494-495), seguindo uma metodologia sistemática e coordenada - incluindo a investigação, análise e integração dos conhecimentos no processo criativo - para satisfazer as necessidades e os recursos do cliente (National Council for Interior Design Qualification, 2004), ocupando-se, assim da criação de espaços adequados aos propósitos da sua contratação, alimentando também outros aspectos mais indefinidos da existência humana: espaços que provocam emoção e significados (Coles & House, 2007, tradução livre).

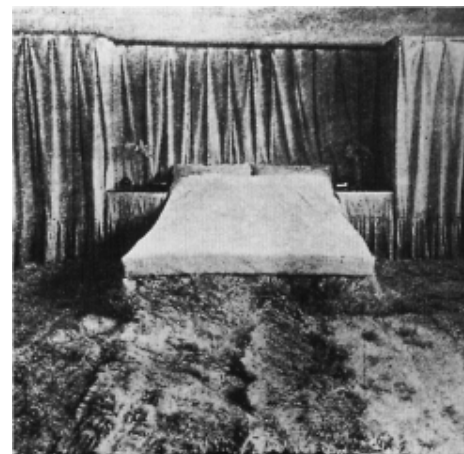


Fig.37 Quarto de Lina Loos, Adolf Loos, 1903



4.3. A relação Designer de Interiores/ Arquitecto

O designer de interiores tem um papel multifacetado. Para lidar com este facto o designer precisa de ser eficiente e disciplinado, com boas práticas de negócios, assim como criativas, artísticas e flexíveis. O design de interiores é uma indústria direccionada para as pessoas envolvendo não só a colaboração com os clientes, mas também com outros profissionais, especialistas e fornecedores, sendo vital que o designer seja um bom comunicador (Gibbs, 2005).

Num mundo em constante mudança, o designer é chamado a antecipar problemas, definir estratégias, gerar oportunidades e a liderar projectos multidisciplinares (Associação nacional de designers, s.d.). Munido de várias ferramentas que auxiliam o seu trabalho, e tendo como função a recolha e coordenação de um conjunto interdisciplinar de competências (Munari, 1990), o designer torna-se assim capaz de responder a um determinado número de necessidades aferidas por parte do público-alvo (Dorst, 2003).

Face à existente interdisciplinaridade, importa referir que é possível ao designer desenvolver capacidades de leitura e transformação do espaço, através de inúmeros instrumentos disciplinares, que possam incluir tanto os campos da arquitectura como o equipamento e comunicação (Milano,

2008), sendo assim possível ao designer de interiores responder de um modo mais qualificado à necessidade do seu público, preservando sempre o seu bem-estar e segurança (National Council for Interior Design Qualification, 2004). Sendo muitas vezes confundido com decoradores de interiores, o designer opera sempre no sentido projectivo, entendido como actividade de antecipação de necessidades, estilos de vida e novas exigências (Milano, 2008), aplicando

soluções e técnicas criativas dentro de uma estrutura funcional, atractiva e benéfica, para o ocupante do espaço a ser projectado (National Council for Interior Design Qualification, 2004).

“As crianças são indivíduos que se encontram numa importante fase de crescimento, desenvolvimento e adaptação ao mundo e cuja compreensão das coisas se processa de uma forma evolutiva, cada vez mais complexa, à medida que se desenrola a sua maturação” (Oliveira, 2007/2008, p. 10). Assim, o designer, cujo trabalho se insere, cada vez mais, num quadro interdisciplinar

que o obriga ao diálogo com o arquitecto (Candeias, 1999, p. 1397), pode trabalhar em conjunto com o mesmo na procura de soluções criativas e técnicas que serão aplicadas a uma estrutura, de modo a criar um ambiente interior estimulante para as crianças (National Council for Interior Design Qualification, 2004).

A sensibilidade do designer para a pequena escala, para o detalhe e para a interacção criança/espaço, e a sua

“A arquitectura diz-nos como habitamos, quais são os desejos, aspirações e os modelos culturais de uma sociedade, diz-nos qual é a nossa cultura material, a nossa relação entre o espaço, os objectos e o tempo...” (Maria Milano)



capacidade de operar com vários instrumentos do design, como os materiais, as cores, o design gráfico, entre outros (Milano, 2008), são uma mais-valia à construção de espaços destinados a crianças, porque tal como está provado cientificamente os bebés são seres capazes de criar relações espaciais e de integrar influências provenientes de várias fontes, sejam elas pessoas ou espaços (Chamberlain, 2003).

Assim, o designer que através de materiais simples ou complexos consegue encontrar soluções extremamente imaginativas (Santos, 1999), valorizando o espaço arquitectónico através de contrastes de vazio e cheio, de anguloso e arredondado, de estreito e largo, de liso e áspero, de contínuo e interrompido, de claro e escuro, de vertical e horizontal, de paralelo e cruzado (Munari, 1968), consegue satisfazer a necessidade de estímulos e variedade visual que as crianças precisam.

O designer de interiores como profissional que estuda, projecta e orienta todo e qualquer espaço, com sentido espacial onde o carácter distributivo, os percursos visuais, a articulação volumétrica e espacial se tornam um suporte das relações proxémicas do homem no mesmo (Milano, 2008), é capaz de trabalhar com diversas disciplinas e diferentes instrumentos inerentes ao campo arquitectónico, do equipamento e do mobiliário. A frágil fronteira que separa o design da arquitectura, permitindo ao designer aprofundar

"But the artist, the architect, first senses the effect that he wishes to exert upon the spectator... These effects are produced both by the material and the form of the space. "

(Adolf Loos)

uma sensibilidade inerente no que diz respeito à noção de habitar como espaço de vivência (Coelho, s.d.), faz com que seja possível ao designer de interiores, enquanto projectista que é, intervir num espaço destinado a crianças, onde as exigências não são única e exclusivamente físicas, mas também psicológicas, sensoriais, relacionais e de interacção e comunicação com o público-alvo (Milano, 2008), criando espaços estimulantes para as crianças, visto que estas apreciam aprender e se desenvolvem com a estimulação espacial (Chamberlain, 2003).

"Penso que o trabalho de um designer não é, pela sua natureza, destinado a exposições. O 'nosso trabalho' é para ser usufruído no tempo e local exacto" (Cabral, 1995, p. 494-495).

Assim, o design é sempre a gestão inteligente de um número considerável de solicitações (e de contribuições) de muitos parceiros, e entre conflitos e contradições, quando se encontram os parceiros certos, o design acontece. O designer, tem de cumprir tarefas

muitas objectivas e comunicar eficazmente as mensagens certas no momento certo (Silva, 1995), e trabalhando lado a lado como arquitecto, os resultados conseguidos serão mais satisfatórios e certos.

5. 0 PROYECTO DE INTERIORES

5. O projecto de interiores

5.1. Enquadramento do projecto de interiores

O enquadramento deste projecto surge tendo por base um prédio pertencente à Santa Casa da Misericórdia da Maia, constituído por dois corpos agrupados que no seu todo se desenvolve horizontal e verticalmente interligando-se através de pisos desnivelados, ficando constituído por cave, rés-do-chão, 1º andar e 2º andar perfazendo o total de quatro pisos, no sentido do adoptar para a função de creche, projecto de arquitectura desenvolvido e da responsabilidade do Arq. Abel Fernandes.

A creche destina-se a instalar 58 crianças escalonadas em três grupos que compreende um de 8 crianças na idade de berçário, correspondendo de 0 meses à aquisição da marcha, outro de 20 crianças na fase de aquisição de marcha até aos 24 meses e outro grupo de 30 crianças dos 24 aos 36 meses.

A intervenção apresentada respeita o projecto de arquitectura do arquitecto Abel Fernandes, responsável pela obra, dotando-o de um projecto de arquitectura de interiores, criando espaços inteiramente destinados às crianças, pensado no seu bem-estar e desenvolvimento.



Planta de implantação do edifício existente - sem escala



Planta do piso 0 - sem escala



Planta do piso 1 - sem escala



Planta do piso 2 - sem escala

5.1.1 Santa Casa da Misericórdia da Maia

A Santa Casa da Misericórdia da Maia é uma associação que se propõe a prestar assistência aos pobres e indigentes do concelho da Maia, de harmonia com o espírito tradicional da instituição para a prática da caridade cristã.

Fundada em 27 de Novembro de 1954, no concelho da Maia, na altura, essencialmente rural, carecia de todas as estruturas básicas e enormes carências sociais. Existia uma Comissão Municipal de Assistência, que com grande empenho e solidariedade conseguiu adquirir o terreno onde foi construído um pequeno centro hospitalar, que prestou bons serviços à comunidade maiata na área da saúde.

Igualmente por iniciativa da Comissão Municipal da Assistência foi fundada a Santa Casa da Misericórdia da Maia. Sem instalações próprias e sem recursos financeiros, a Santa Casa nasceu do nada, apenas da boa vontade daquele grupo de homens, que com o seu trabalho e generosidade conseguiram por em marcha a sua actividade social, que era muito importante junto da população mais carenciada, a quem ofereciam alimentos, medicamentos, subsídios de renda e outras ajudas quotidianas.

Foi debaixo da alçada do Doutor José Vieira de Carvalho, eleito provedor em 1981, que a Santa Casa cresceu a um ritmo alucinante, passando de zero funcionários aos quase quatrocentos de hoje em dia, e foi durante o seu consulado que se iniciaram funções em todas as actuais valências da Misericórdia.

Foram 50 anos de história, recheada de dificuldades, mas também de muita dedicação ao próximo. Dessa dedicação nasceram, diversas instituições que são, justamente, o orgulho da Misericórdia da Maia e das comunidades servidas, tal a qualidade dos serviços que prestam em áreas de apoio às crianças, aos jovens, aos idosos e à comunidade em geral, sempre imbuídas do espírito de Misericórdia (Santa Casa da Misericórdia da Maia, s.d.).



Fig. 38 (a cima) Centro Hospitalar da Santa Casa da Misericórdia da Maia, 1955

Fig. 39 Prof.Dr. José Vieira de Carvalho, eleito provedor da Santa casa da Misericórdia da Maia em 1981

5.1.2. Creches Santa Casa

No sentido de servir a população do Concelho da Maia, a Santa Casa criou estruturas de grande qualidade para dotar as famílias de melhores condições e opções de escolha, na formação dos seus filhos. Com esforço e determinação, a Santa Casa dotou 11 freguesias deste concelho, com 12 equipamentos de Creche, Jardim de Infância e A. T. L.. Estes serviços contemplam cerca de 1.500 crianças que vêm desta forma satisfeitas as suas necessidades educativas, sempre em parceria com as suas famílias (Santa Casa da Misericórdia da Maia, s.d.).

Existem várias creches Santa Casa no concelho da Maia, estando distribuídas por várias freguesias. Todas elas foram projectadas com o objectivo comum, estimular e incentivar a imaginação e criatividade da criança assim como a sua expressividade, ajudando-a a crescer num clima harmonioso proporcionando ambientes diversificados mas de acordo com as suas necessidades e interesses.

Podendo variar em alguns aspectos, todas elas estão equipadas para receber crianças desde os 2 meses aos 5 anos de idade, tendo ao seu dispor, berçário, salas de actividade, biblioteca, ginásio, secretaria, refeitório e os espaços funcionais como lavandaria, cozinha, casas de banho, etc.

No exterior encontram-se em quase todas uma enorme área de espaço verde dividido em hortas, jardins aromáticos, pomar, recreio e jardins florais.

Com a criação de espaços, a Santa Casa da Misericórdia da Maia para além de ajudar famílias desfavorecidas, pretende que as crianças estruturam as suas personalidades num

ambiente estimulante, nas vertentes afectiva, cognitiva e da incorporação de valores fundamentais ao seu futuro, como cidadãos de corpo inteiro.

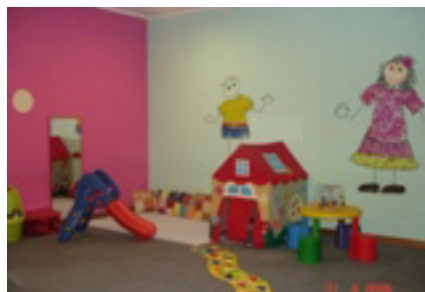
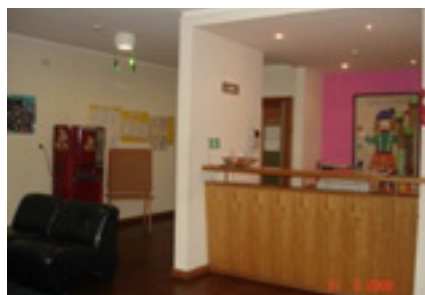


Fig. 40, 41, 42, 43, 44,
Creche Milheirós, Maia

5.2. *Intenção do projecto*

Tendo em conta o tema abordado neste projecto, as crianças e seu desenvolvimento, optou-se por projectar os espaços inteiramente dedicados às mesmas, deixando de lado as áreas que somente os adultos habitam.

Assim, o projecto foi organizado face às áreas de intervenção e à duração da permanência das crianças nas mesmas, ficando dividido em:

- Espaços de não permanência, onde não existe qualquer tipo de intervenção.
- Espaços de permanência média, onde a intervenção tem um aspecto mais gráfico de superfície como se fosse uma 'pintura'.
- Espaços de permanência intensa, cuja intervenção é exaustiva, com a criação de volumes, objectos, mobiliário, cor, textura e som como se fosse 'esculturas'.

Os espaços de não permanência são aqueles que não tem qualquer tipo de contacto com as crianças, sendo a cozinha, cave e área administrativa. Estas áreas são única e exclusivamente utilizadas por adultos, educadores e pessoal administrativo. Não foram considerados neste projecto de interiores.

Dos espaços de permanência média fazem parte as áreas de circulação -, recepção, corredores e halls -, que fazem a ligação entre as várias áreas de creche, indo desde a recepção até ao último piso; as instalações sanitárias que



Plantas pisos 0, 1 e 2 -
sem escala



dão apoio às salas nos vários pisos; a sala polivalente, utilizada para várias actividades lúdicas e o gabinete médico/sala de isolamento onde as crianças ficam a aguardar os pais quando apresentam sintomas de doença.

Os espaços de permanência intensa são aqueles onde as crianças ficam a maior parte do tempo, as cinco salas educativas distribuídas pelos vários pisos, que por uma questão de mobilidade estão organizados consoante a faixa etária das crianças, e o refeitório onde as crianças fazem as suas refeições, podendo ser transformado em sala polivalente caso seja necessário.

As crianças são seres em constante mutação e aprendizagem e como numa primeira fase do crescimento estas descobrem, depois exploram, apropriando-se por fim dos espaços onde se encontram, o projecto foi pensado de maneira a que as várias áreas acompanhassem as diferentes fases de crescimento da criança, oferecendo novos estímulos em cada sala, mantendo assim um elo de ligação entre elas.

O ponto de partida deste projecto foi o berçário, situado no 2º piso, onde fica a primeira faixa etária, os bebés dos 0 meses à aquisição da marcha, onde são privilegiadas a visão e audição, partindo para a sala dos 2 anos, área dos exploradores, onde para além dos dois sentidos anteriores se acrescenta o tacto e por último a sala dos 3 anos, área dos apropriadores onde são privilegiados todos os sentidos a um nível mais elevado, sendo assim cada sala uma evolução da anterior.

Assim, fazendo todo o percurso desde a entrada até cada uma das salas, percebe-se que existe um fio condutor, ligando cada espaço entre si, funcionando quase como uma história onde se desvenda o final nas salas, onde as crianças encontram espaços que são pequenos mundos que as libertam e incentivam á descoberta.

Como já foi referido anteriormente o projecto foi dividido em áreas de permanência diferenciada, passando de seguida à sua descrição.

5.2.1. Identificação dos espaços



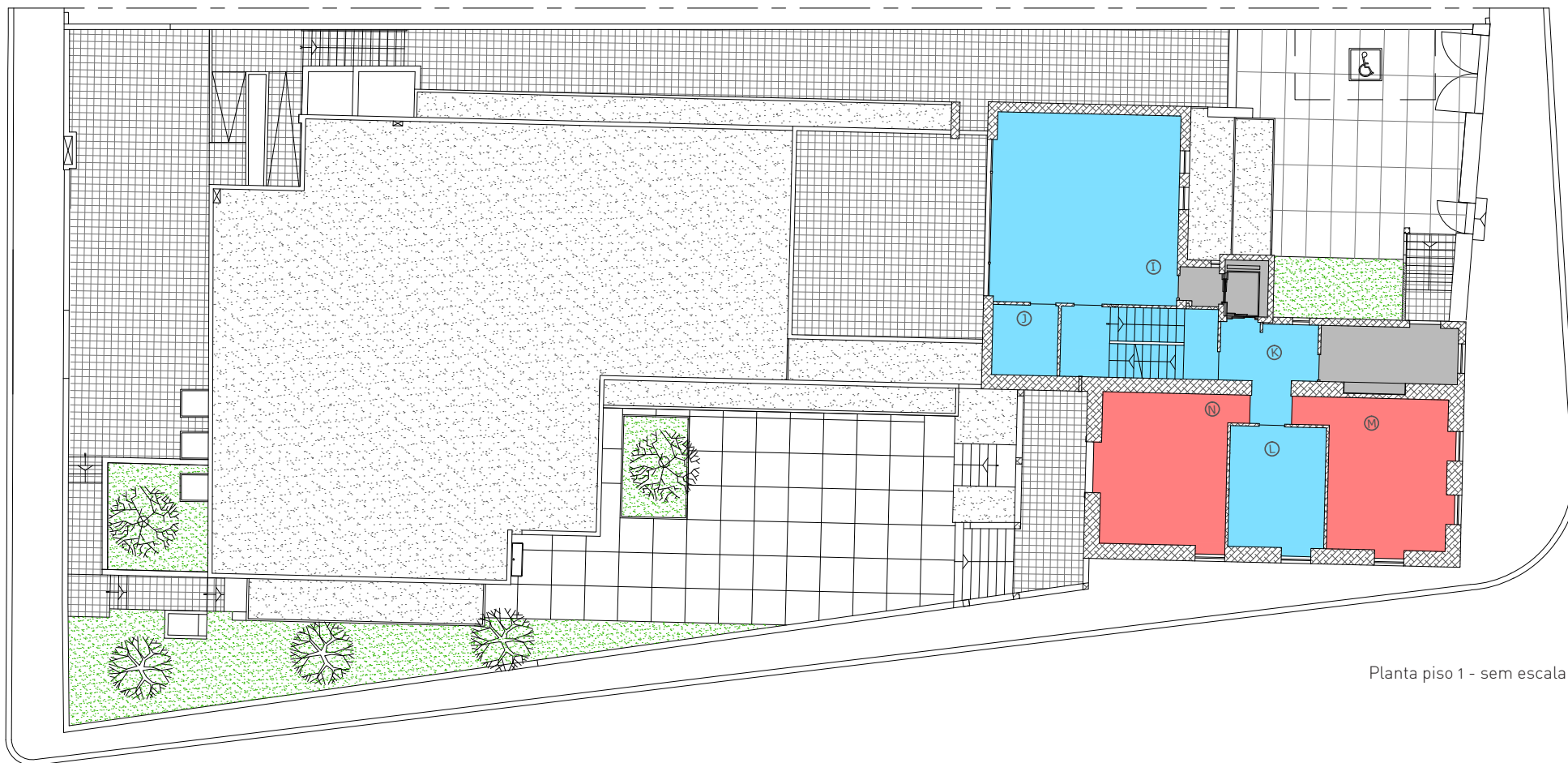
Planta Piso 0 - sem escala

- ESPAÇOS DE NÃO PERMANÊNCIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA MÉDIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA INTENSA

- A RECEPÇÃO (ENTRADA PRINCIPAL)
- B CORREDOR DE ACESSO À CRECHE
- C GABINETE MÉDICO/SALA DE ISOLAMENTO
- D CORREDOR DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA
- E REFEITÓRIO

- F SALA DOS APROPRIADORES 1
- G SALA DOS APROPRIADORES 2
- H INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 0
- I SALA POLIVALENTE
- J SALA DE ARRUMOS
- K HALL DE ACESSO AO PISO 1

- L INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 1
- M SALA DOS EXPLORADORES 1
- N SALAS DOS EXPLORADORES 2
- O VÃO DE ESCADAS
- P HALL DE ACESSO AO PISO 2
- Q SALA DOS DESCOBRIDORES (BERÇÁRIO)



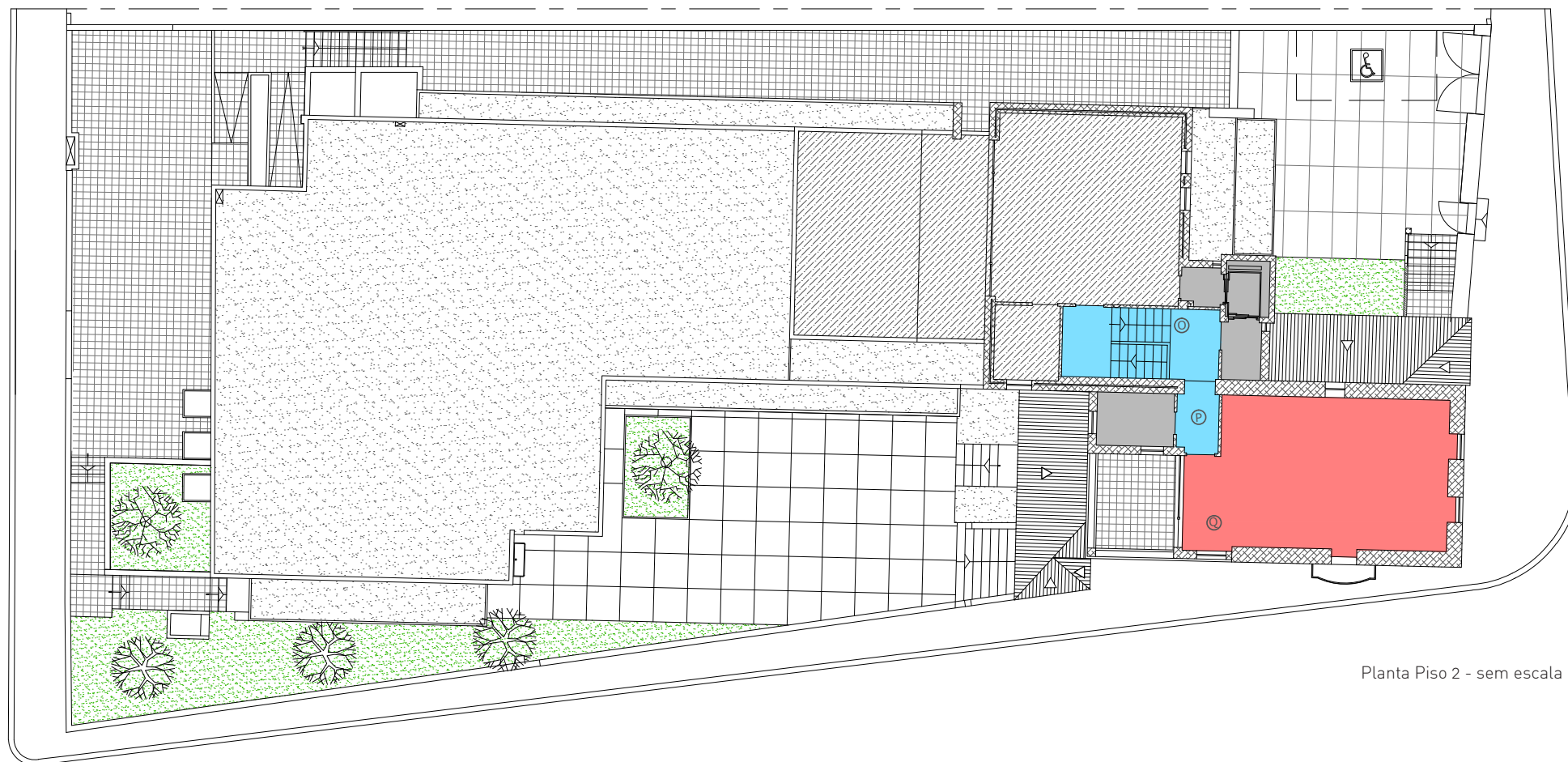
Planta piso 1 - sem escala

- ESPAÇOS DE NÃO PERMANÊNCIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA MÉDIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA INTENSA

- A RECEPÇÃO (ENTRADA PRINCIPAL)
- B CORREDOR DE ACESSO À CRECHE
- C GABINETE MÉDICO/SALA DE ISOLAMENTO
- D CORREDOR DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA
- E REFEITÓRIO

- F SALA DOS APROPRIADORES 1
- G SALA DOS APROPRIADORES 2
- H INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 0
- I SALA POLIVALENTE
- J SALA DE ARRUMOS
- K HALL DE ACESSO AO PISO 1

- L INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 1
- M SALA DOS EXPLORADORES 1
- N SALAS DOS EXPLORADORES 2
- O VÃO DE ESCADAS
- P HALL DE ACESSO AO PISO 2
- Q SALA DOS DESCOBRIDORES (BERÇÁRIO)



Planta Piso 2 - sem escala

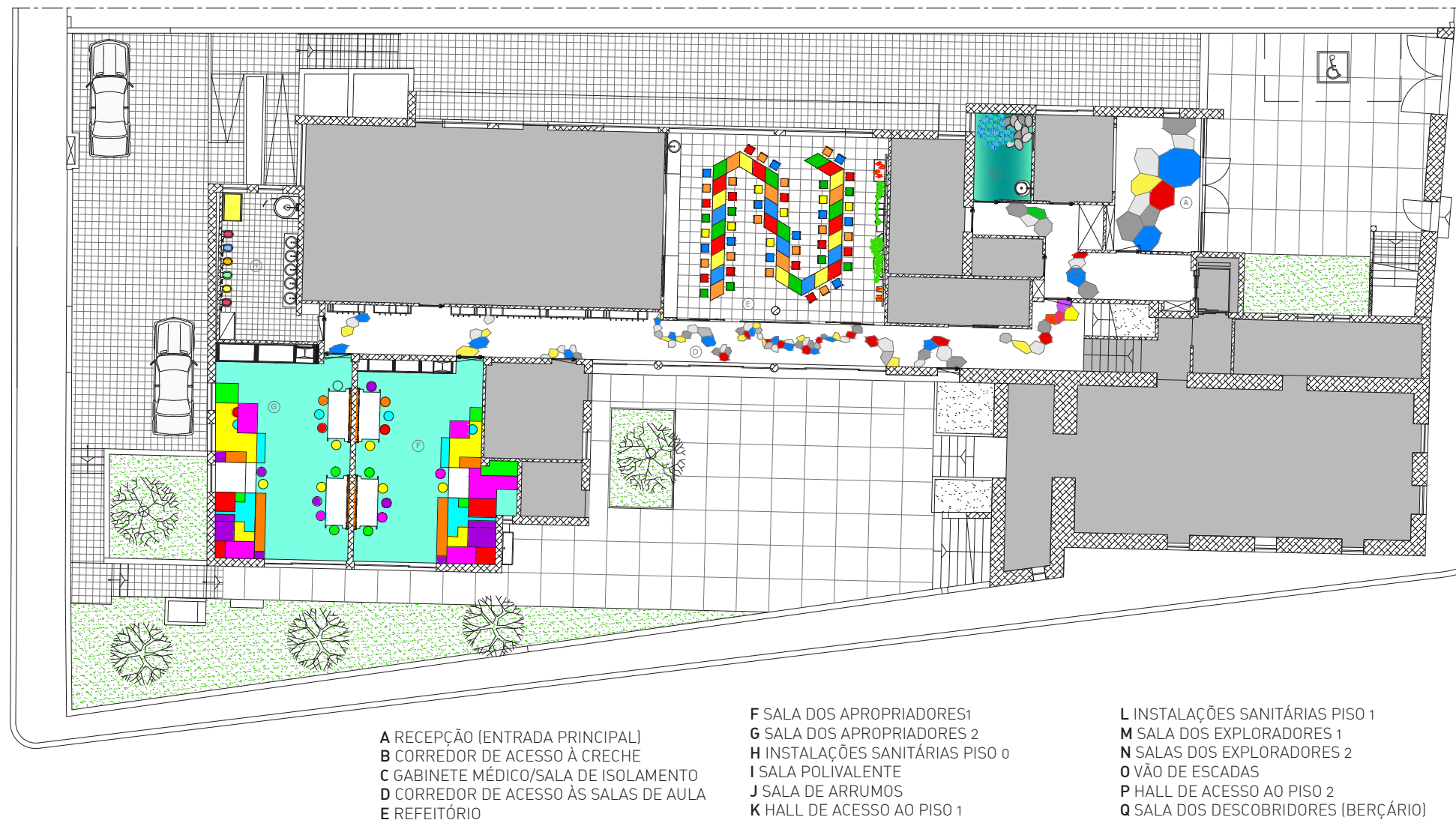
- ESPAÇOS DE NÃO PERMANÊNCIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA MÉDIA
- ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA INTENSA

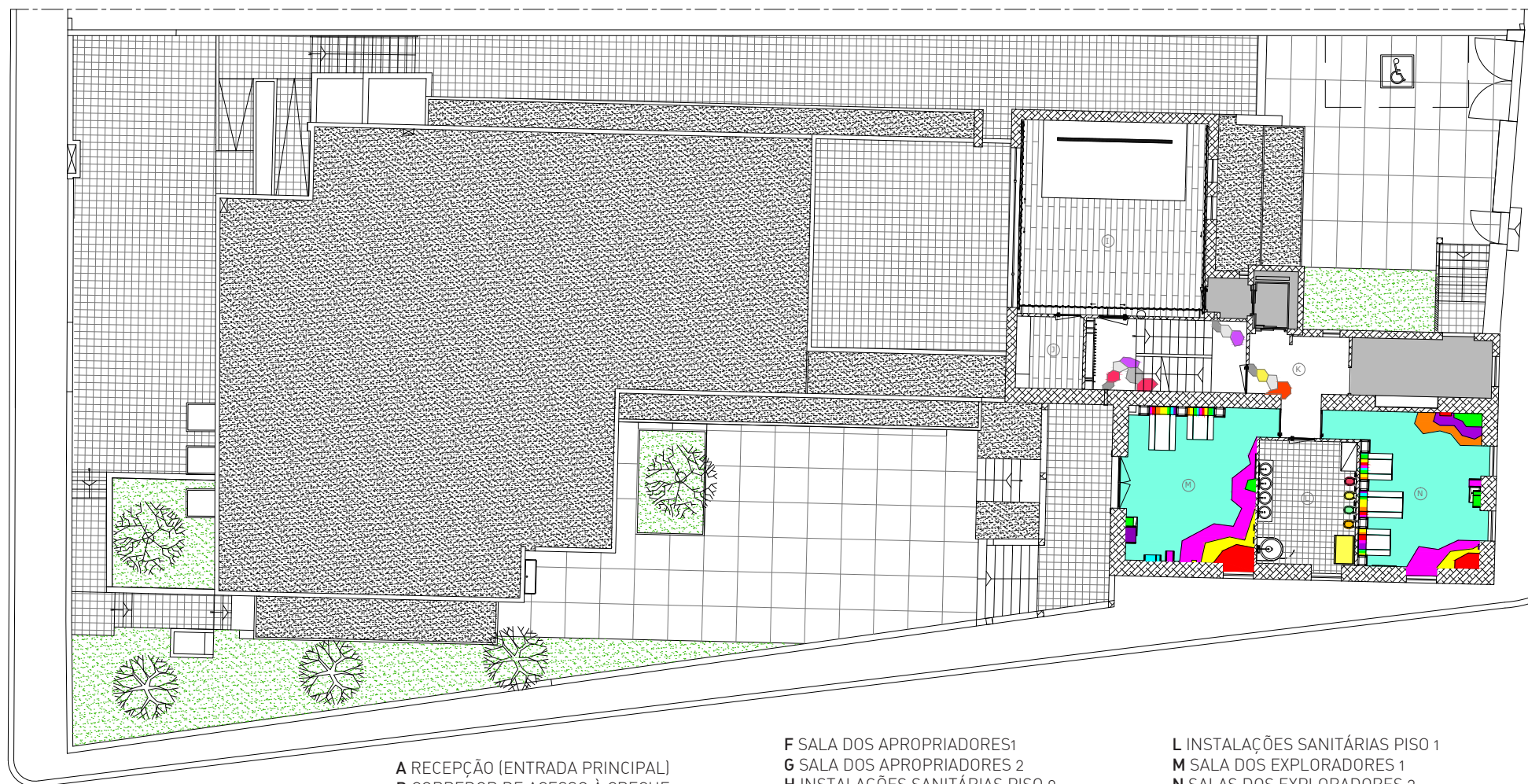
- A RECEPÇÃO (ENTRADA PRINCIPAL)
- B CORREDOR DE ACESSO À CRECHE
- C GABINETE MÉDICO/SALA DE ISOLAMENTO
- D CORREDOR DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA
- E REFEITÓRIO

- F SALA DOS APROPRIADORES 1
- G SALA DOS APROPRIADORES 2
- H INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 0
- I SALA POLIVALENTE
- J SALA DE ARRUMOS
- K HALL DE ACESSO AO PISO 1

- L INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 1
- M SALA DOS EXPLORADORES 1
- N SALAS DOS EXPLORADORES 2
- O VÃO DE ESCADAS
- P HALL DE ACESSO AO PISO 2
- Q SALA DOS DESCOBRIDORES (BERÇÁRIO)

5.2.2. Enquadramento geral do projecto

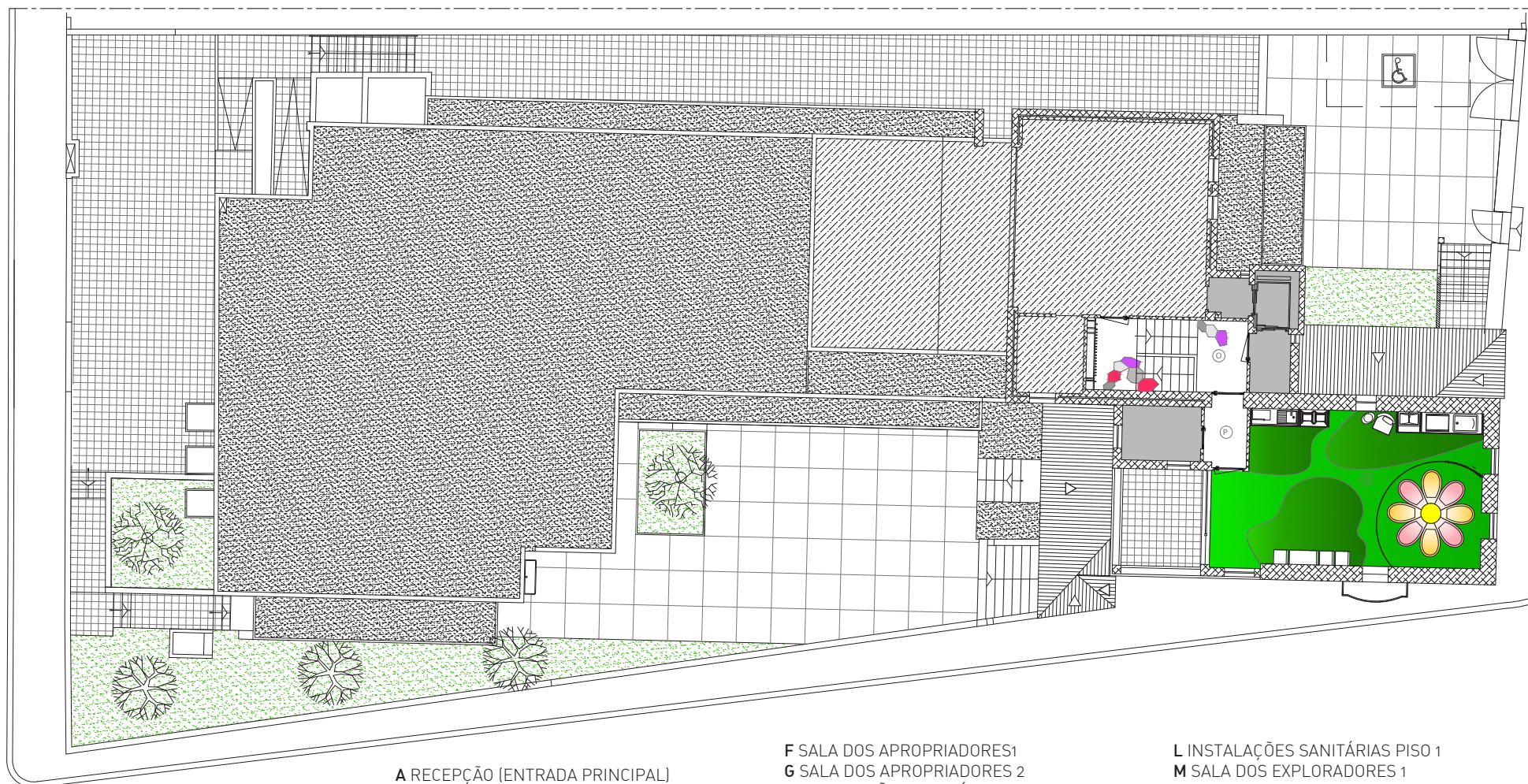




A RECEPÇÃO (ENTRADA PRINCIPAL)
 B CORREDOR DE ACESSO À CRECHE
 C GABINETE MÉDICO/SALA DE ISOLAMENTO
 D CORREDOR DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA
 E REFEITÓRIO

F SALA DOS APROPRIADORES 1
 G SALA DOS APROPRIADORES 2
 H INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 0
 I SALA POLIVALENTE
 J SALA DE ARRUMOS
 K HALL DE ACESSO AO PISO 1

L INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 1
 M SALA DOS EXPLORADORES 1
 N SALAS DOS EXPLORADORES 2
 O VÃO DE ESCADAS
 P HALL DE ACESSO AO PISO 2
 Q SALA DOS DESCOBRIDORES (BERÇÁRIO)



A RECEPÇÃO (ENTRADA PRINCIPAL)
B CORREDOR DE ACESSO À CRECHE
C GABINETE MÉDICO/SALA DE ISOLAMENTO
D CORREDOR DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA
E REFEITÓRIO

F SALA DOS APROPRIADORES¹
G SALA DOS APROPRIADORES 2
H INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 0
I SALA POLIVALENTE
J SALA DE ARRUMOS
K HALL DE ACESSO AO PISO 1

L INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PISO 1
M SALA DOS EXPLORADORES 1
N SALAS DOS EXPLORADORES 2
O VÃO DE ESCADAS
P HALL DE ACESSO AO PISO 2
Q SALA DOS DESCOBRIDORES (BERÇÁRIO)

5.3. Áreas de permanência média

5.3.1. Áreas de Circulação

Das áreas de circulação fazem parte a recepção da creche, halls e corredor de acesso às restantes divisões.

Era intenção do projecto unificar estas áreas, tornando-as num percurso de acesso tanto para os pais, como os educadores, mas principalmente para as crianças, evitando serem apenas vários espaços diferentes separados por portas ou paredes. Apesar de estas existirem pretende o projecto criar uma linha condutora que vá desde a recepção da creche até ao último piso da mesma, identificando cada espaço.

Esta linha que começa na recepção é literalmente uma linha orientadora, que toma a forma de um pixel, que se desenrola por toda a creche, apoderando-se das paredes, chão e tecto, dando a ideia do espaço como um todo. A linha pixelizada foi projectada em tons de cinza, com apontamentos de cor que identificam as diferentes áreas da creche, tais como salas, casas de banho, etc. tornando mais fácil aos utilizadores a localização do espaço para o qual pretendem dirigir-se.

Na zona de corredor propõem-se mobiliário onde as crianças possam guardar as mochilas e os casacos. A proposta prevê uma instalação com dois propósitos: o primeiro funcionar como cabide, estando preparada para receber casacos e mochilas de todas as crianças, trinta no rés-do-chão e vinte



Fig. 45 Pixel Studio
505



no primeiro piso; o segundo camuflar a iluminação, ficando a fazer parte da própria instalação. A instalação materializa-se a partir de tubos de inox pintados de branco, percorrendo o tecto e paredes, criando uma grelha disforme de vários tamanhos colocada a várias alturas, sobressaindo junto dos pixéis cinzentos.

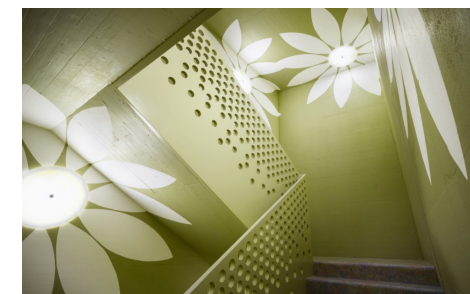
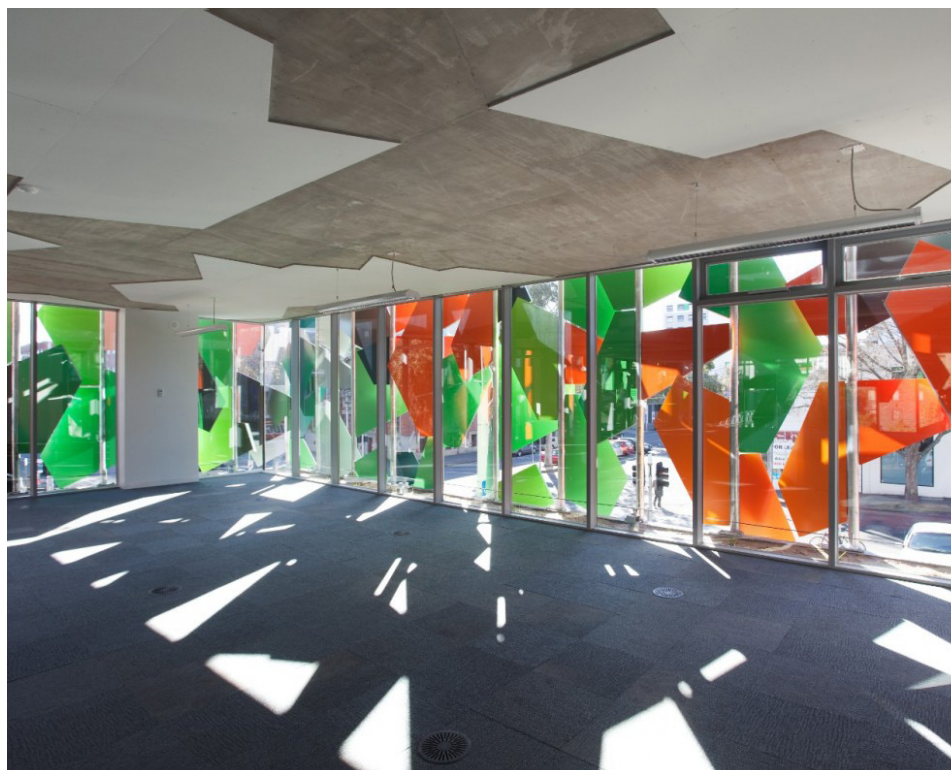


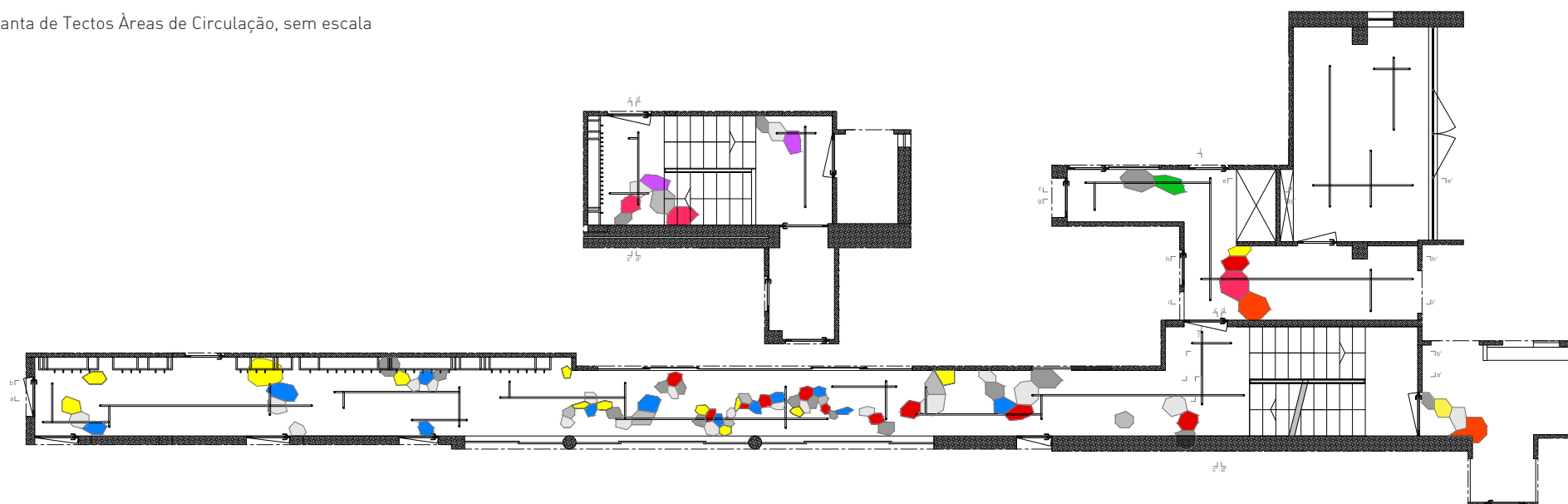
Fig. 46 (à esquerda) Pixel Studio 505
Fig. 47 e 48 (de cima para baixo) HOMEUnusual Store de Luigi Valente.
Fig. 49 Instalações do Monthey kindergarten, Suíça, 2007/2008, pelos arquitectos Bonnard Woeffray



Planta das Áreas de Circulação, sem escala



Planta de Tectos Áreas de Circulação, sem escala



053



Cortes aa' até jj' das Áreas de Circulação, sem escala

5.3.2. Instalações sanitárias

A proposta de projecto nas instalações sanitárias centrou-se no tecto, criando um padrão que foi preenchido com mosaicos de várias cores, cuja execução foi feita a partir de azulejos partidos propositadamente, originando pedaços de diferentes tamanhos, que quando aplicados oferecem o resultado pretendido.

Para potenciar a intenção do projecto, foram prolongadas as cores do tecto pelas paredes, dando a impressão de que estão a escorrer pelas mesmas. O mesmo acontece ao contrário, o branco das paredes prolonga-se até ao tecto em alguns momentos, ficando com a ideia de que as paredes se estão a apoderar deste. As restantes superfícies das casas de banho, paredes e pavimento, estão revestidas a azulejo branco de 20x20. As peças sanitárias e o mobiliário são brancos na intenção de dar mais ênfase ao trabalho no tecto.

As casas de banho estão equipadas com zona de duche e balcão para mudar os bebés caso seja necessário, armário para guardar os bacias e loiças sanitárias, da marca Sanindusa, apropriadas ao tamanho das crianças.

A iluminação é feita através de focos colocados nos espaços brancos do tecto.

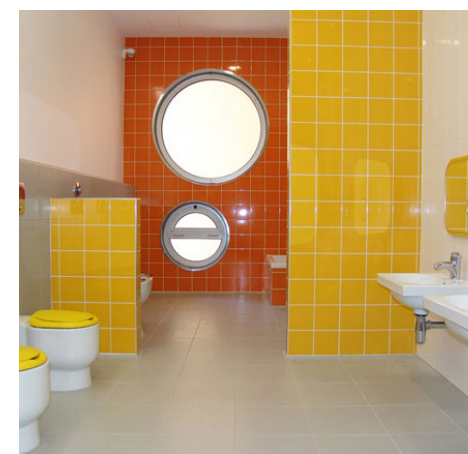
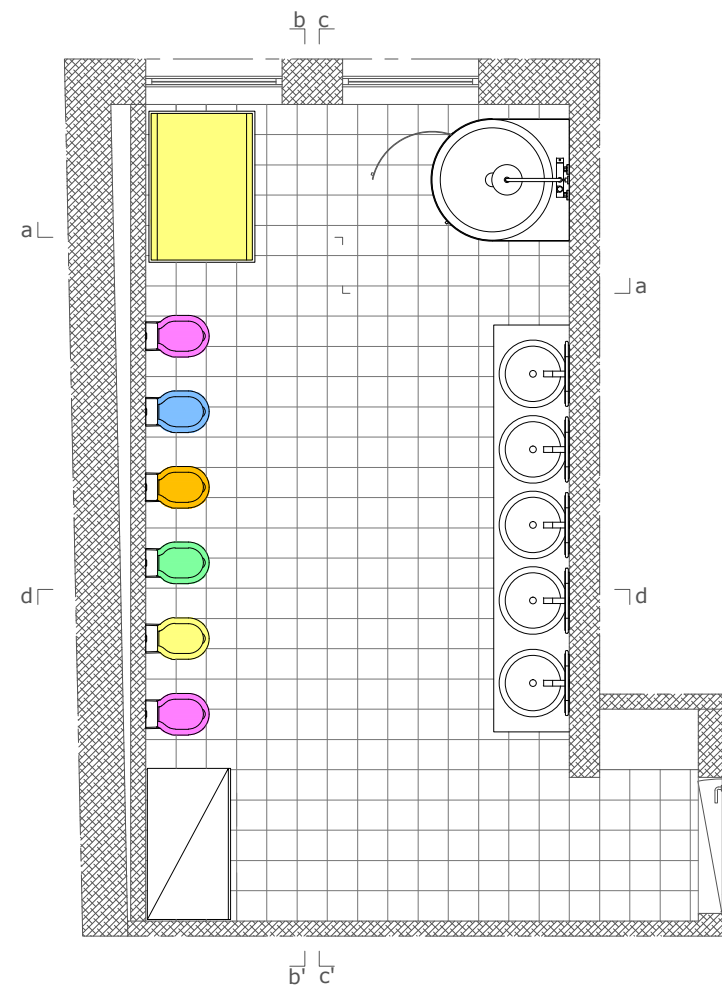
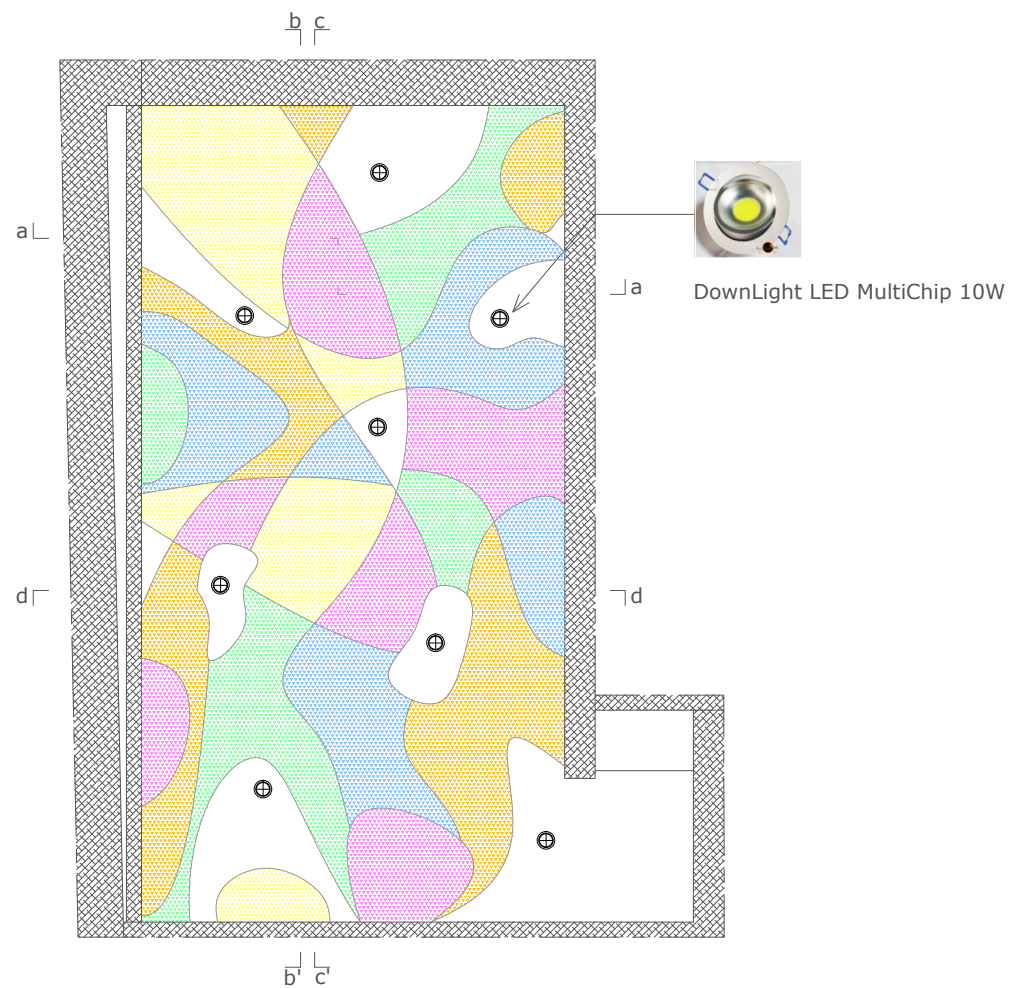
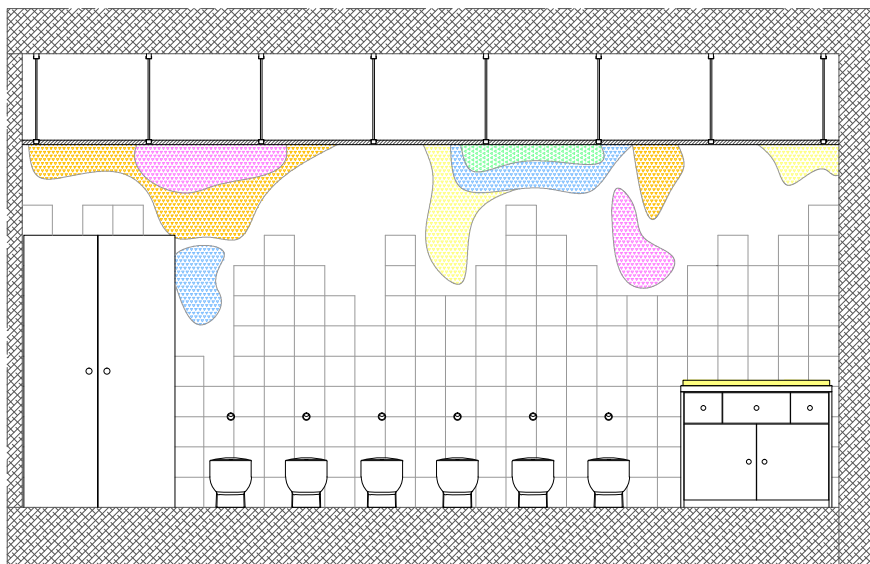
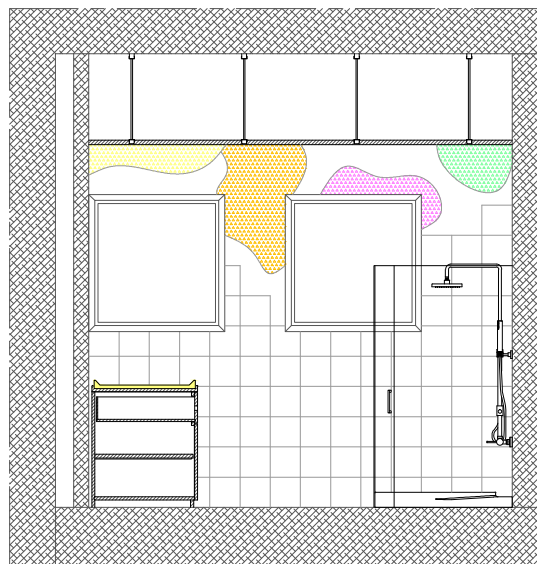


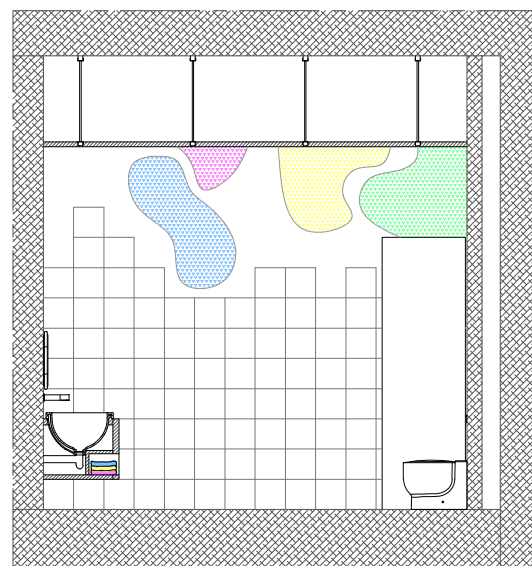
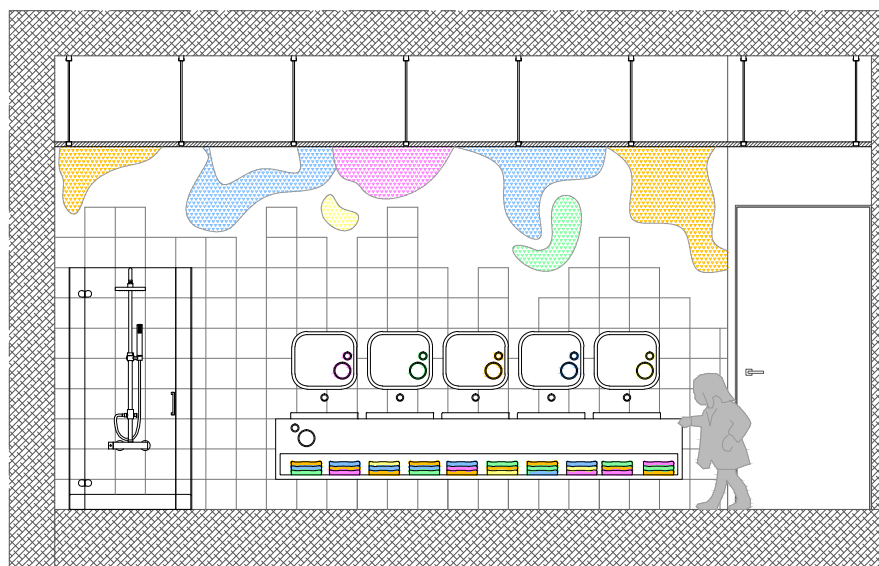
Fig.50, 51, 52 e 53 (começando por cima, da esquerda para a direita) Aplicação de mosaico, Casa de banho Creche by MAGK + Illiz Architektur, Maria Enzersdorf, Austria, Casa de banho Infantil, Casa de banho Jardim de Infância do Cadavão



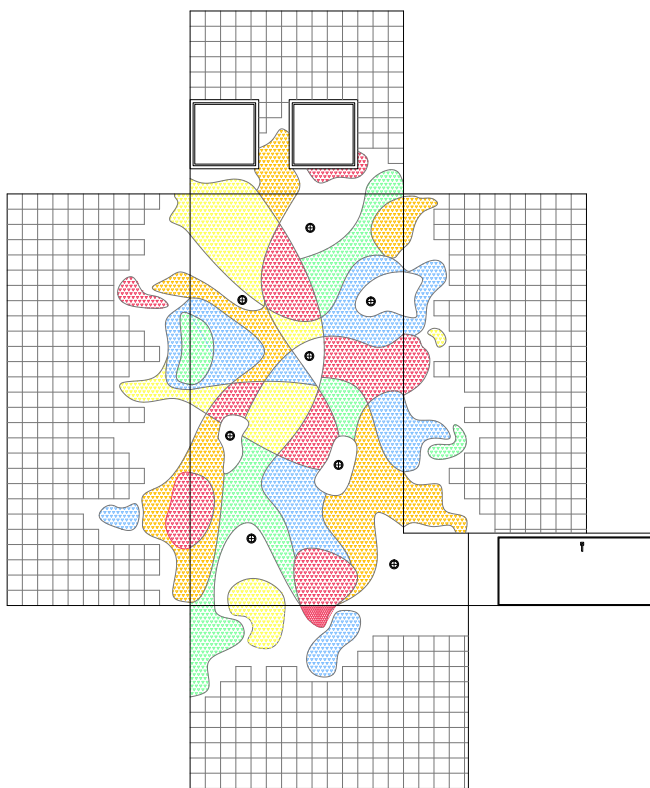
Planta de tectos e planta das instalações
Sanitárias piso 0 - escala 1:50



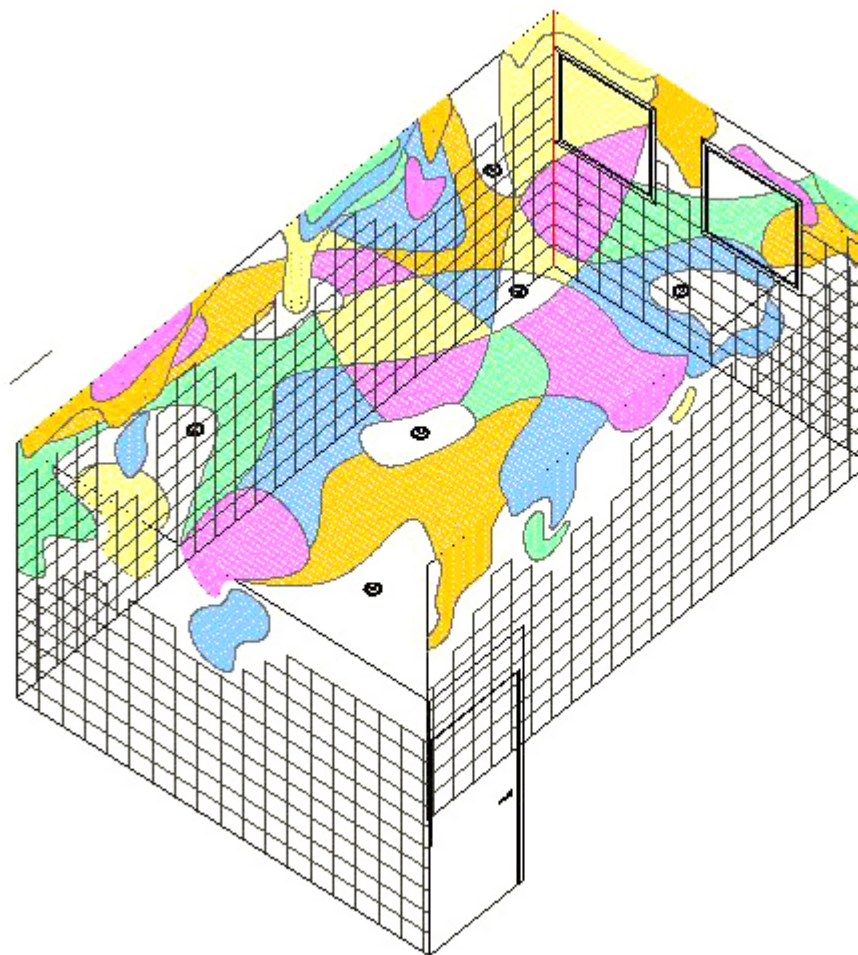
Instalações Sanitárias
 piso 0 - Corte aa' e bb'
 escala 1:50



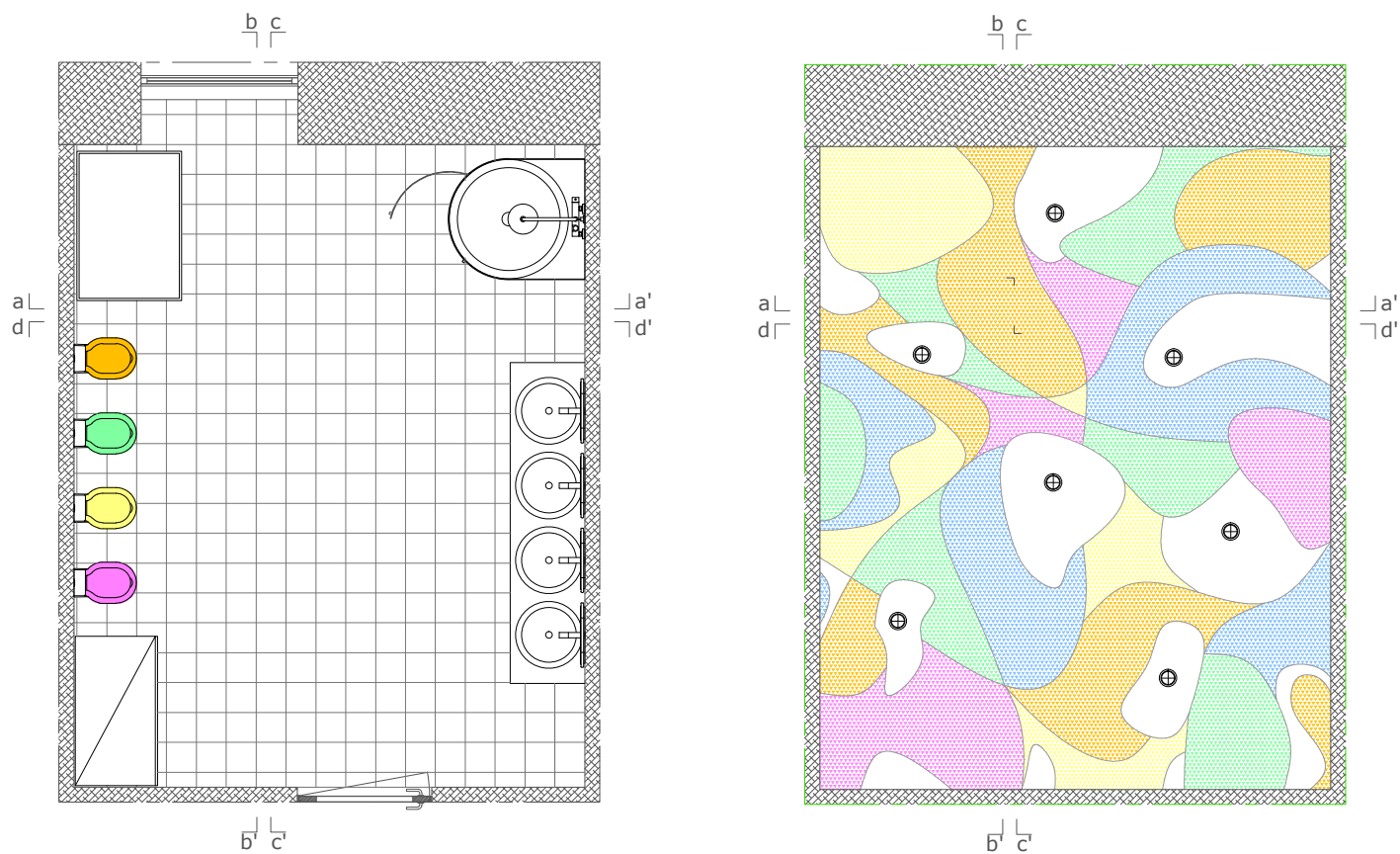
Instalações Sanitárias
 piso 0 - Corte cc'' e dd'
 escala 1:50



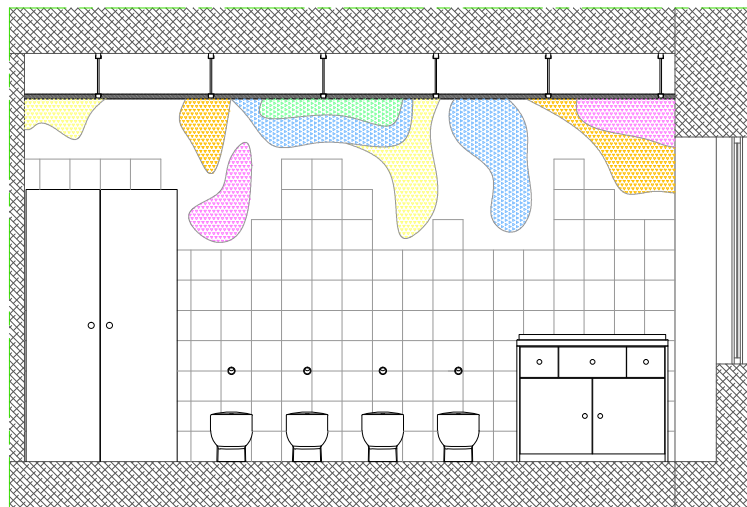
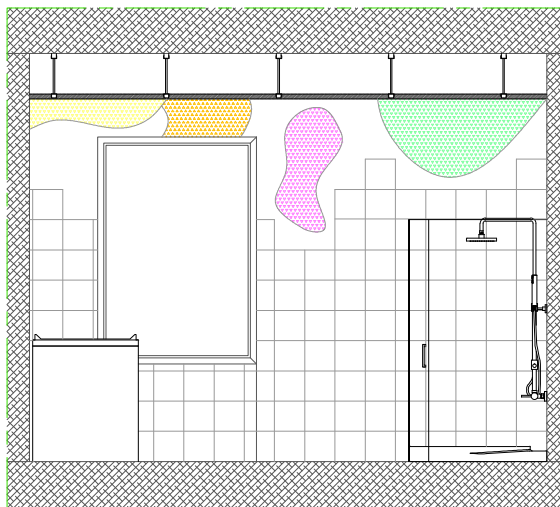
Planificação do tecto das Instalações Sanitárias
do piso 0



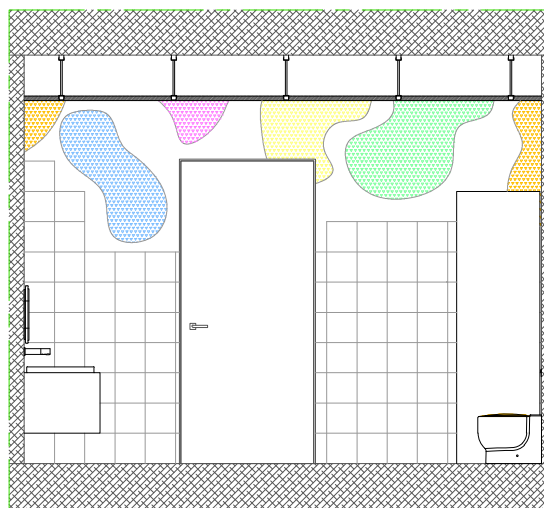
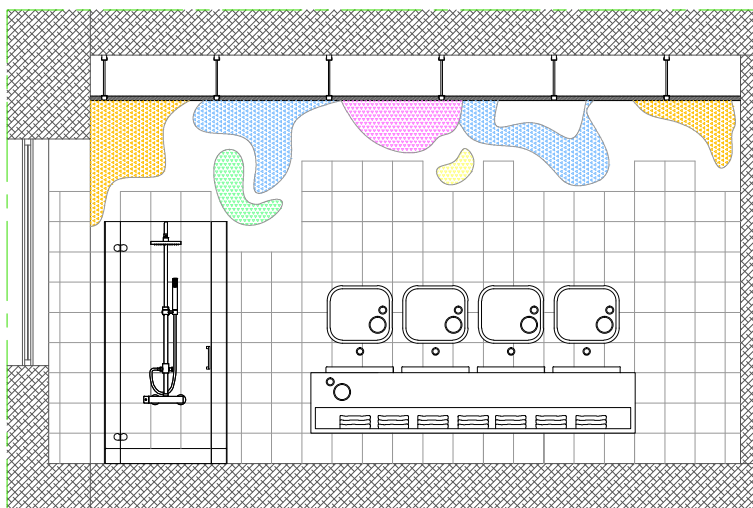
Perspectiva das Instalações Sanitárias piso 0



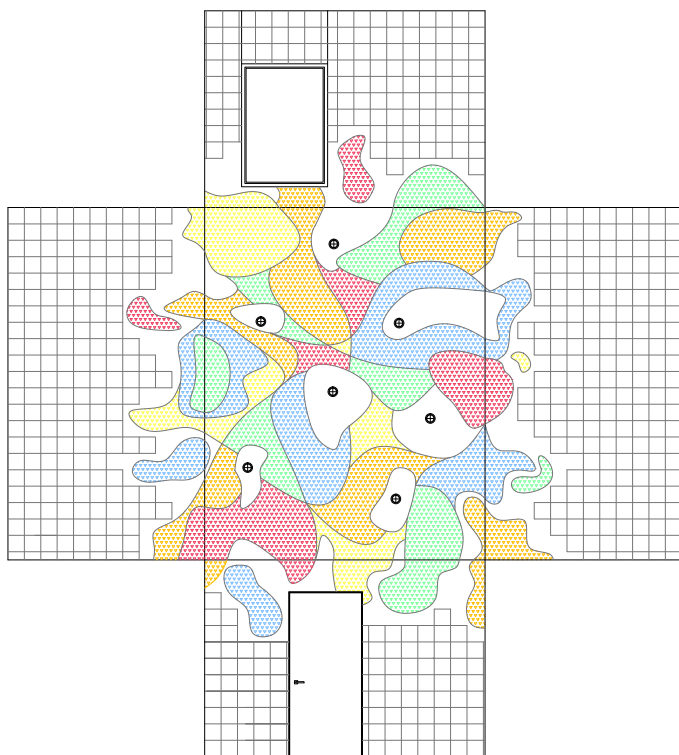
Planta de tectos e planta das Instalações
Sanitárias piso 1 - escala 1:50



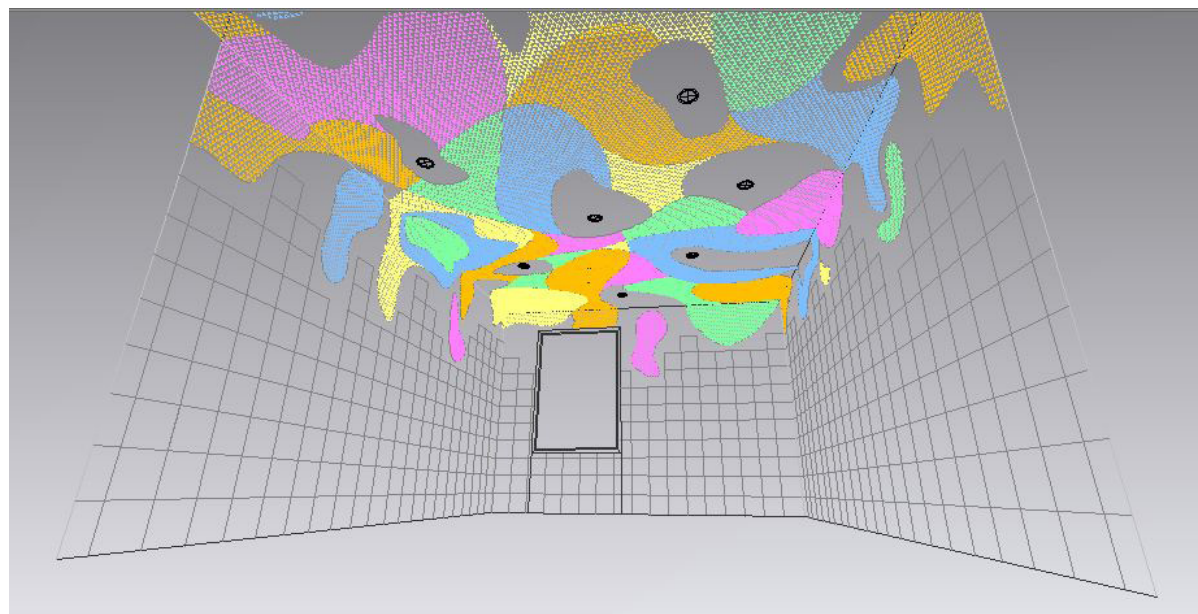
Instalações Sanitárias piso 1 - Corte aa' e bb'
escala 1:50



Instalações Sanitárias piso 1 - Corte cc'' e dd'
escala 1:50



Planificação do tecto das Instalações Sanitárias
do piso 1



Planificação do tecto das Instalações Sanitárias
do piso 1



Fig. 54 e 55 Maqueta das Instalações Sanitárias - escala 1:20

5.3.3. Gabinete médico/sala de isolamento

O gabinete médico por norma é um sítio onde as crianças não gostam de estar, e caso estejam doentes gostam de estar sossegados, num sítio calmo e acolhedor.

Nesse sentido, este espaço foi tratado como sendo um casulo, onde a criança, caso esteja doente, se possa refugiar enquanto espera pelos pais. Assim, e tendo como inspiração o mar, foram colocados vários puffs semelhantes a pedras onde a criança se pode deitar ou simplesmente recostar, enquanto observa um mar de anémonas por cima delas.

Com as anémonas, criadas a partir de papel e colocadas a diferentes alturas, pretende-se que a criança se esqueça do que está a sentir, alheando ao facto de estar num gabinete médico. Para criar um ambiente mais aconchegante a iluminação está distribuída por todo o tecto, parecendo pequenos pontos luminosos.

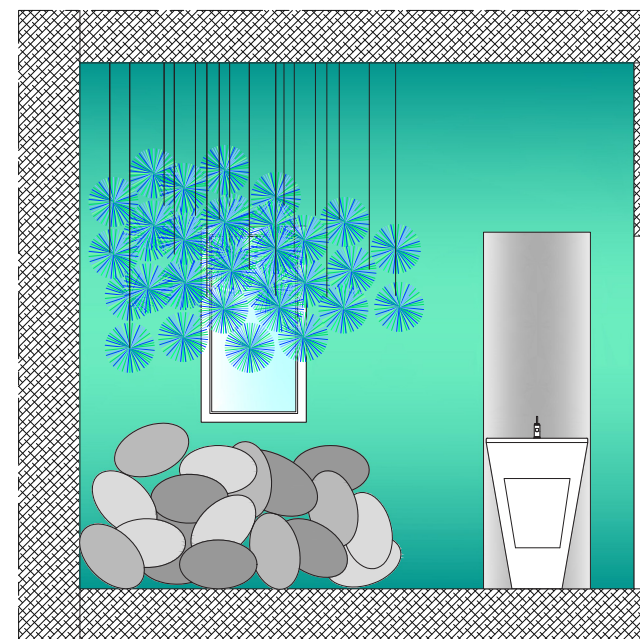
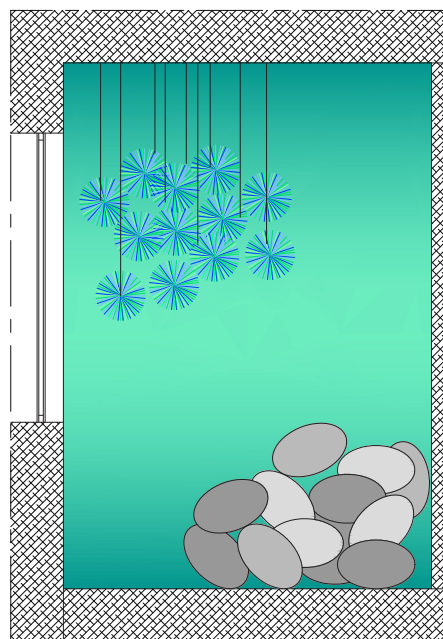
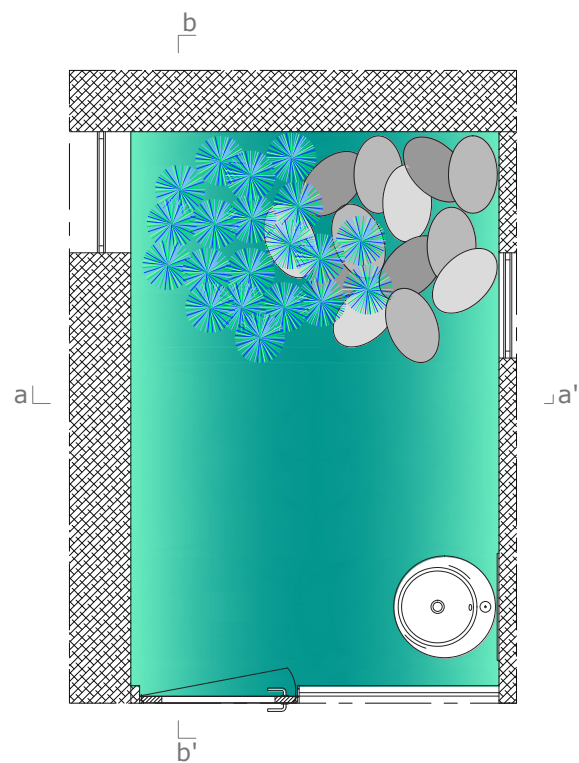
Para reforçar o ambiente do mar e ao mesmo tempo criar um espaço apaziguador, os tons utilizados foram os azuis e os verdes pastel, para acalmar a criança.



Fig. 56 e 57 Fundo do Mar, LivingStones



Fig. 58 (em cima) Balões de Barbante
 Fig. 59 e 60 Pompons de Papel, Balões de Papel
 Fig. 61 Maqueta Gabinete Médico, escala 1:20



Planta e cortes aa' e bb' do Gabinete Médico/Sala de Isolamento, sem
escala

5.3.4. Sala Teatro

A sala teatro situada no 1º piso é usada como sala polivalente, onde as crianças realizam actividades diferentes. Nesse sentido, foi criada uma mini sala de espectáculos onde eles possam apresentar peças de teatro e actividades diversas aos pais e familiares.

Para que elas possam transformar a sala conforme lhes for mais favorável, foi dado um tratamento simples descaracterizado à mesma, tornando-a assim, versátil.

Para que a atenção seja a criança na altura do espectáculo, foi criado um palco em MDF, onde as peças e representação possam ter mais destaque. O palco tem a particularidade de ser pintado com tinta ardósia, uma tinta desenvolvida para que as crianças possam pintar o cenário com giz e depois apagar e desenhar novamente e assim sucessivamente.

Tornar a sala acusticamente protegida foi uma das preocupações desta intervenção. Para tal foram colocadas cortinas de veludo preto em todo o seu perímetro e pavimento flutuante, absorvendo-se assim o som. Ao mesmo tempo a cortina é utilizada para esconder a arquitectura, janelas e portas, elementos de distração, quando as crianças estão a actuar. Para esconder o suporte das cortinas e ao mesmo tempo criar pontos de luz gerais, foi criada uma sanca á volta da sala, iluminando o espaço durante as actividades diárias. Visto que um dos principais elementos do teatro é a luz, criou-se igualmente uma grelha colocada no tecto que suportará os focos de luz, ajustáveis consoante o ambiente pretendido.

Para que o ambiente e cenário possam ser alterados

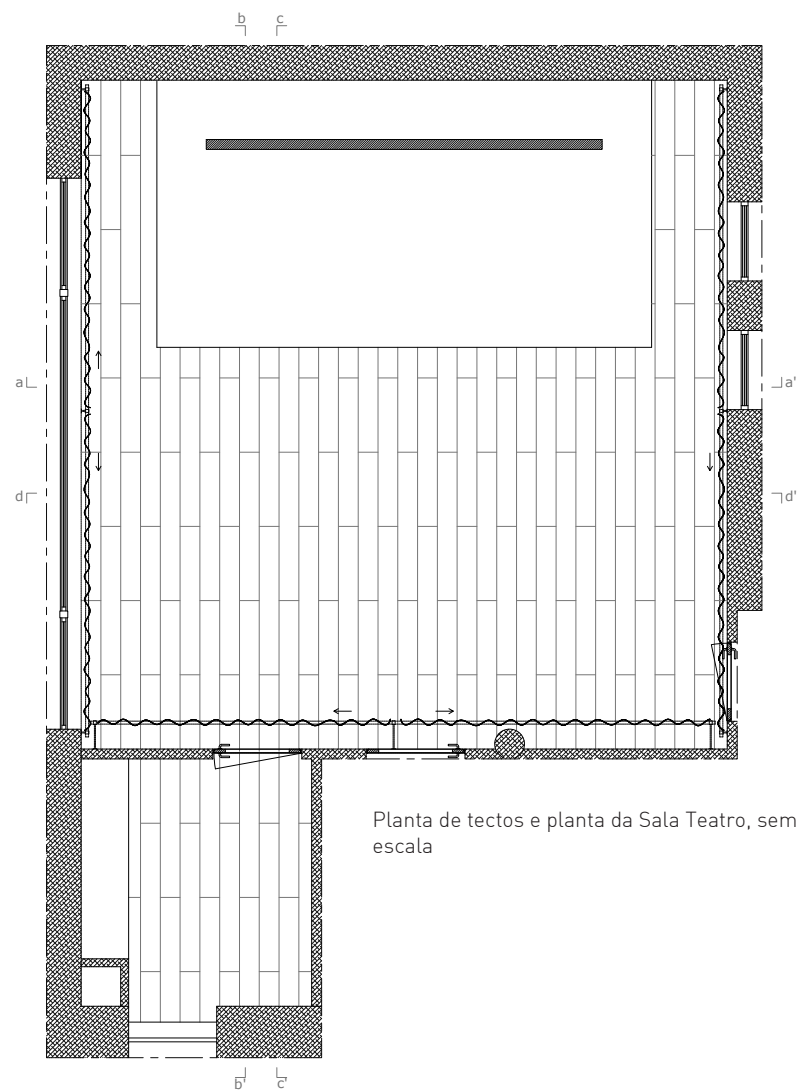
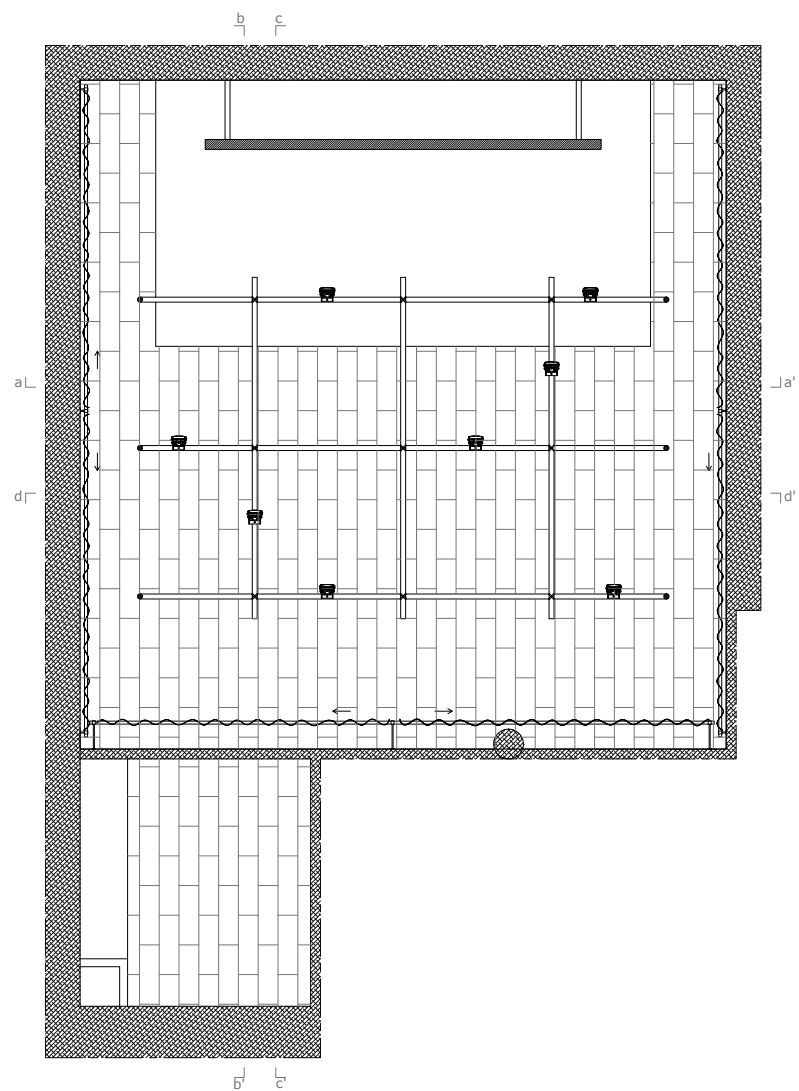
livremente e valorizados, as paredes, o tecto e todas as infra-estruturas, luzes e cortinas, são em cor branca, dando assim mais protagonismo ao palco e seus intervenientes aquando da sua utilização.

Adjacente a esta sala encontra-se uma sala de arrumos, onde ficam guardados para além de material didáctico, tudo o que envolve o teatro desde adereços a fatos, assim como as cadeiras para os familiares se sentarem a assistir ao espectáculo.

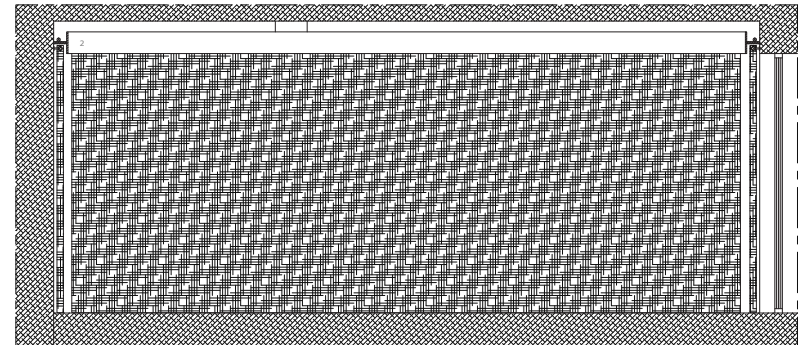
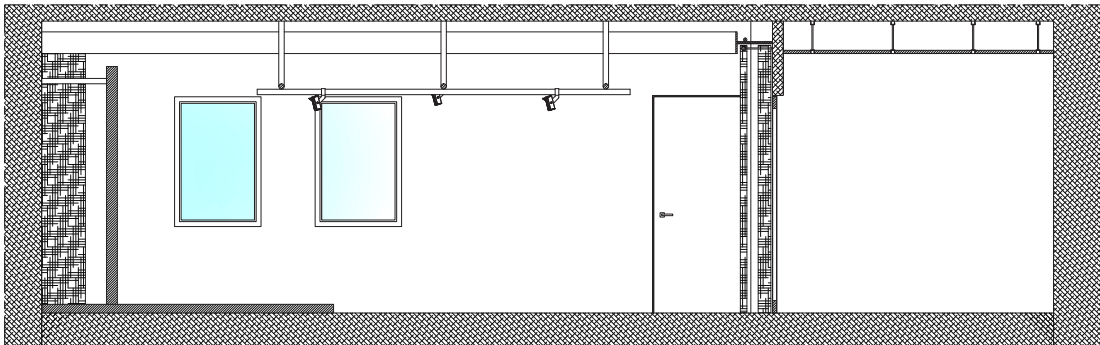
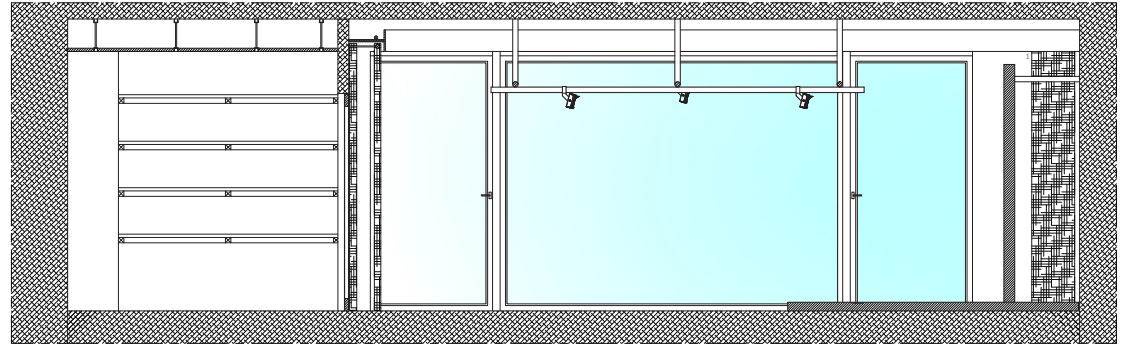
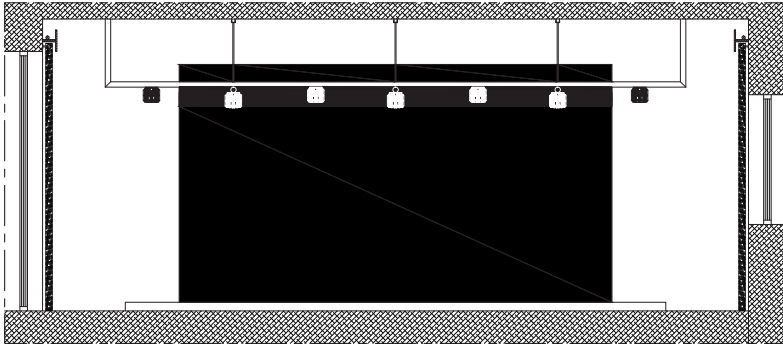


Fig. 62 (à esquerda) Maqueta Sala Teatro, escala 1:20

Fig.63 e 64 (de cima para baixo) Cadeira Vilmar do Ikea, Teatro Infantil



067



Corte aa' até dd' da Sala Teatro, sem escala.

5.4. Áreas de permanência intensa

5.4.1. Exploradores (dos 3 meses à aquisição da marcha)

As crianças em idade de berçário necessitam de cuidados especiais e de áreas específicas para os cuidados higiénicos e alimentares, sendo assim uma das áreas com a qual o designer de interiores deve ter atenção no momento do projecto.

O berçário foi pensado como um jardim onde as flores – as crianças – crescem e exploram o espaço onde se encontram. Assim, e como nesta fase os sentidos mais apurados dos bebés são a visão e a audição, foi criado um espaço cheio de formas – as árvores – cores e movimentos – os móveis –, elementos estimulantes para os bebés.

A zona de dormir está equipada com um dos elementos principais do berçário, as camas. Tendo como inspiração uma flor, a gerbera, cada cama é uma pétala, e perfazendo um total de oito camas, constitui uma flor gigante. O pé da flor é o eixo central da mesma, produzido em ferro, suporta toda a estrutura necessária à sua sustentação. Para se tornar agradável aos bebés permanecerem no berço, as camas foram moldadas em contraplacado, criando uma forma oval, forradas a esponja e a tecido, lavável e impermeável. Lembrando um mini casulo, faz com os bebés se sintam aconchegados e protegidos.

O pé é o único ponto em contacto com o chão, dando a sensação de se tratar de uma verdadeira flor. O pé da flor

esconde uma das particularidades do berçário, uma coluna de som que dá música de embalar, introduzindo assim o elemento som à sala, e um projector virado para cima, que projecta estrelas no tecto, que juntamente com a música embala o bebé num sono profundo.

A área da motricidade é a zona onde os bebés começam a ter noção do próprio corpo e a conhecer os diferentes membros do mesmo. Como os bebés estão numa fase importante do seu desenvolvimento e de aprendizagem é importante que haja um espelho instalado nesta área, para que eles comecem a ver o seu reflexo e a conhecer não só o seu corpo, mas também a ter noção de profundidade. O espelho é igualmente utilizado pelos educadores que se auxiliam neste para ensinarem ao bebé as diferentes partes do corpo, mostrando-as conforme as vão dizendo.

Na zona de fraldário, tem um colchão próprio para deitar os bebés na altura de mudar a fralda e uma banheira caso haja necessidade de lhe dar banho. A pensar nos objectos pessoais de cada bebé foram criadas vários espaços de arrumação onde se podem guardar esses objectos, havendo desde o início a intenção de tratar cada bebé como um ser individual.

A zona da copa está equipada com frigorífico e microondas,



Fig. 65 Flor Gerbera

para guardar e aquecer o leite respectivamente. Aqui fica guardada a cadeira para dar de comer as crianças. Junto a esta zona foi colocado um cadeirão com uma mesa de apoio para que as educadoras possam alimentar os bebés e caso haja algum ainda em fase de amamentação, a mãe tenha um sítio próprio onde o fazer.

Tanto a copa como o fraldário estão escondidos por portas, para que os bebés não vejam o que está por trás delas, não aguçando a sua curiosidade e vontade de mexer, e para que se integrem no espaço como um todo, sendo apenas visível aquando da sua utilização. Em volta da flor tem uma cortina usada apenas quando os bebés vão dormir, criando um espaço mais escuro tornando possível a visualização das estrelas projectadas no tecto.

Para completar toda a intenção de criar um pequeno jardim, e porque os bebés nesta fase se sentem atraídos pelo movimento e pelas cores, foram pendurados mobiles pelo tecto, uns com forma de pássaros, que apenas se movimentam, integrando-se no fundo das paredes, e outros com forma de nuvem, que para além de se integrarem na paisagem, funcionam como iluminação.

Para haver uma maximização do espaço ao mesmo tempo que se permite aos bebés circularem por todo o berçário, não foram criadas divisórias. Com esta intenção foram também colocadas caixas de arrumação penduradas por cima da zona da motricidade, libertando mais uma vez o chão para os bebés.

Foi dado um tratamento gráfico às paredes, tecto e chão para acentuar a ideia de jardim. As várias superfícies foram tratadas como sendo uma só, prolongando-se umas nas outras, ou seja, o chão foi forrado a vinil verde em rolo, para

que não haja juntas, prolongando-se até ao início da parede onde começa a transição para a relva pintada, que por sua vez transita para o azul do céu, preenchendo todo o tecto.

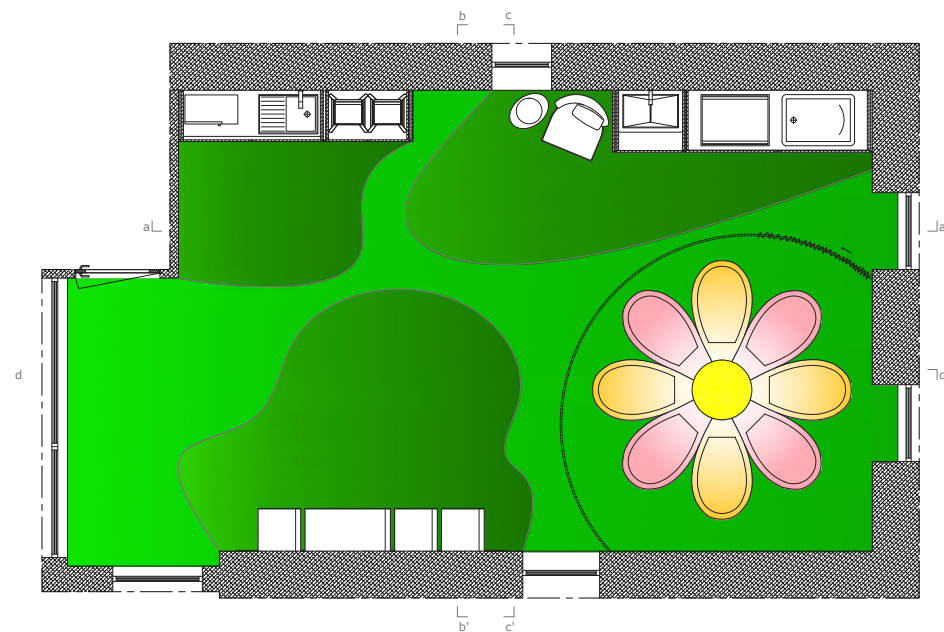
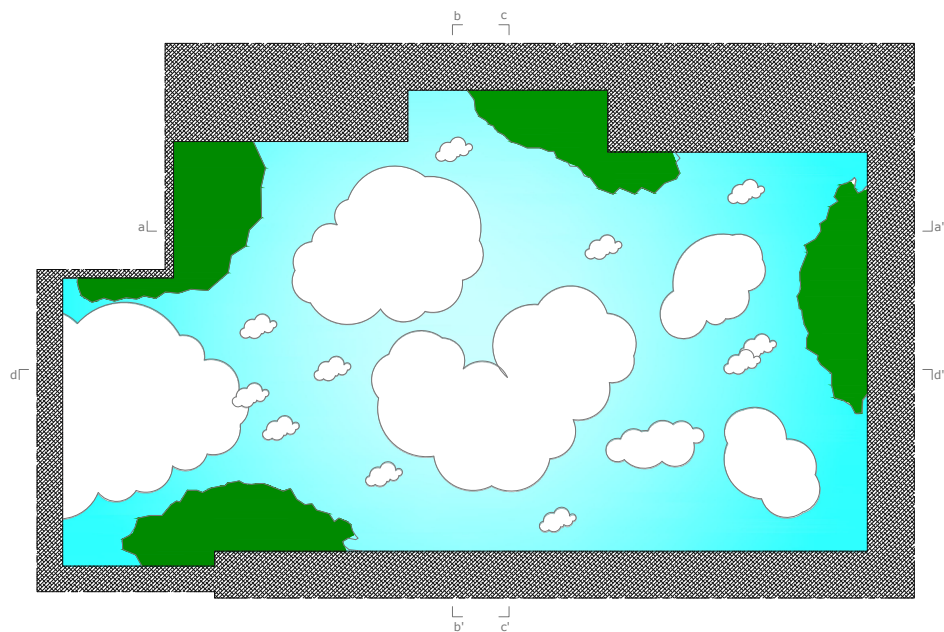
Nas paredes foram desenhadas árvores e flores, onde foi dado volume a algumas delas, permitindo ao bebé começar a sentir diferentes texturas através do tacto. No pavimento, a zona da motricidade e a zona da flor são demarcadas por outras tonalidades de verde e para mais uma vez estimular a criança no seu desenvolvimento, começando a aperceber-se das diferenças de cor.



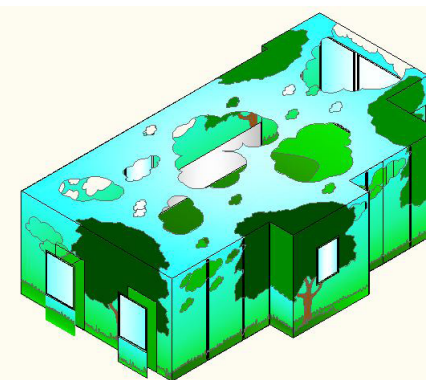
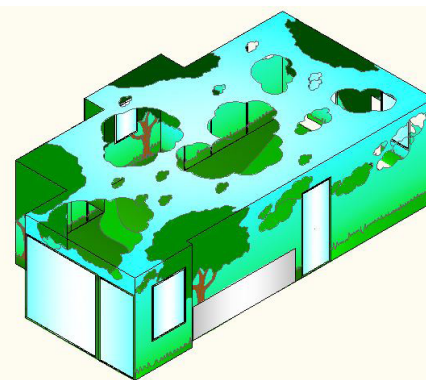
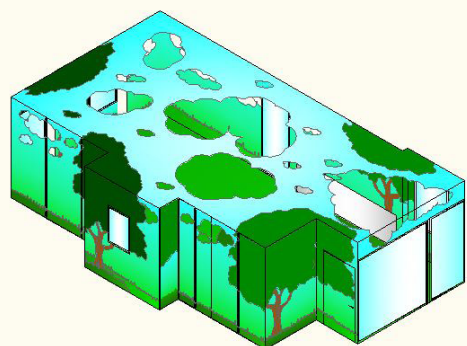
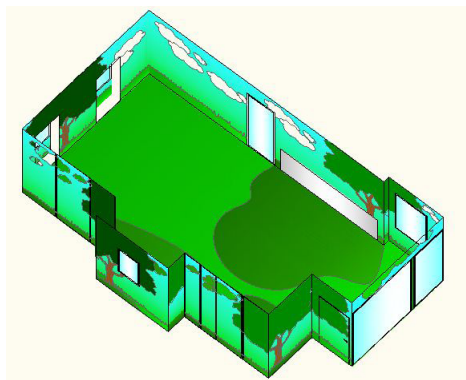
Fig. 66 Quarto de Criança

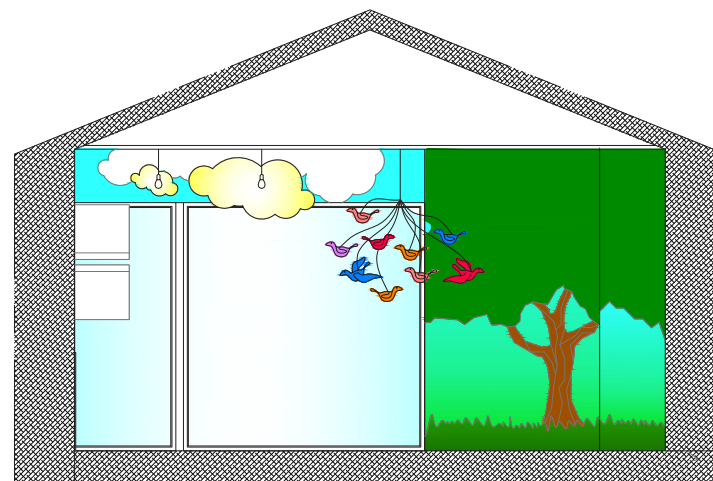
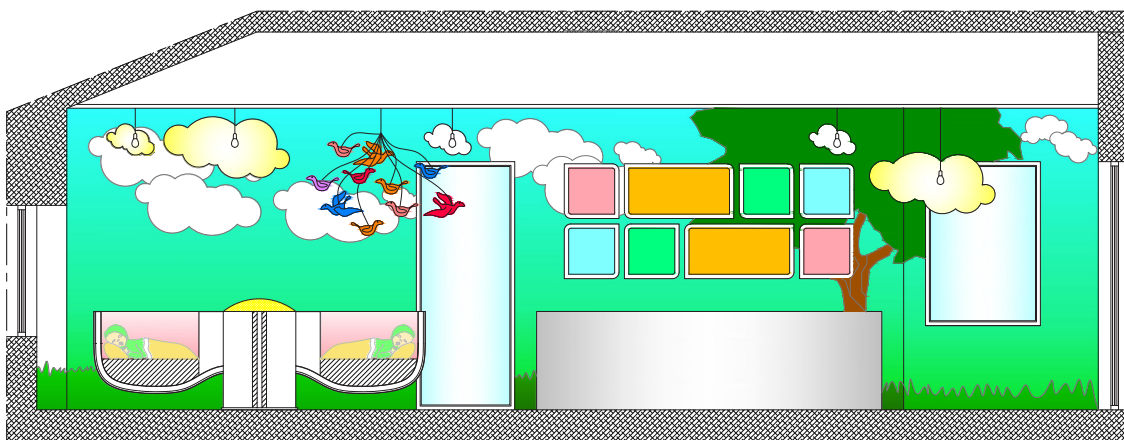
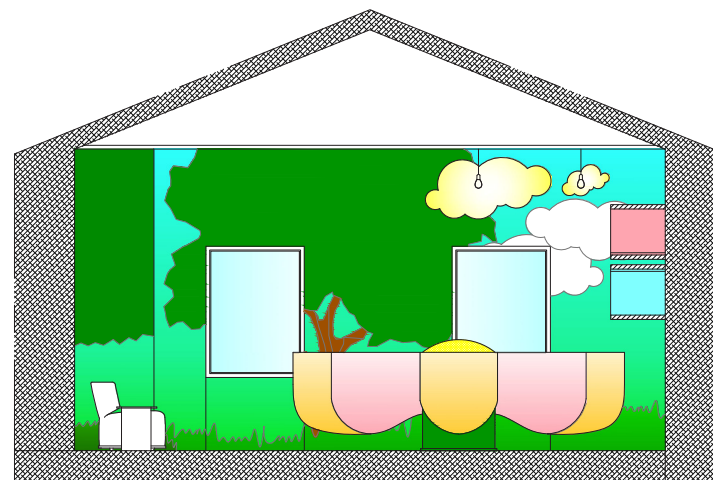
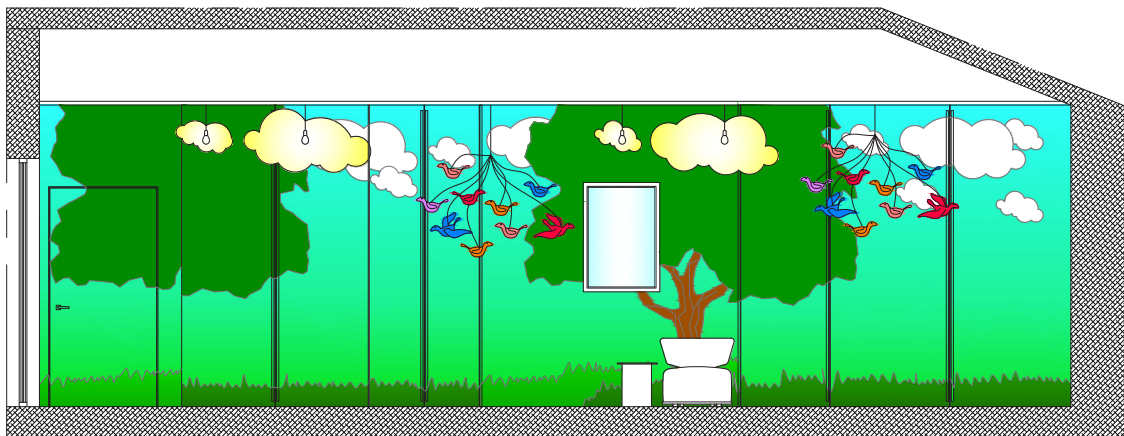


Fig. 67 e 68 (de cima para baixo) Quarto de Criança, Infantário Cidade dos Brinquedos do Atlier zero vinte oito



A cima, planta de tectos e planta da Sala dos Exploradores, sem escala
A baixo, perspectivas da Sala dos Exploradores





Cortes aa' até dd' da Sala dos Exploradores, sem escala



Figura 69 e 70 Maqueta da Sala dos Exploradores, escala 1:20



5.4.2. *Descobridores* (da aquisição da marcha aos 24

meses)

As crianças com 2 anos começam a querer percorrer tudo o que as rodeia despertando o seu sentido de descoberta. Assim, as salas que albergam esta faixa etária foram projectadas de modo a dar liberdade à imaginação e aos movimentos.

Tal como referido anteriormente, a sala dos descobridores é uma evolução do berçário, estando presente a audição e a visão, mas acrescentando o tacto à equação.

As crianças conforme vão crescendo querem mais desafios e estímulos novos. Assim, considerando cada uma das salas uma caixa, foi criado um mundo de volumes com cores e tamanhos diferentes, dando uma sensação de mundo único, extraordinário.

Junto às janelas foi colocado uma espécie de pódio com diferentes alturas, onde as crianças se podem sentar e trepar, aproximando-se das janelas, aperfeiçoando ao mesmo tempo a marcha. Este pódio é construído em madeira, forrado com poliuretano e esponja, para ser macio para as crianças, sendo por fim forrado a tecido texturado, onde as crianças podem começar a usar o tacto, percebendo que existem diferentes texturas.

Numa das paredes, e porque é necessário existir um local para sentar as crianças na altura das actividades lúdicas, foram criadas mesas e bancos rebatíveis, possíveis de arrumar quando não utilizadas, dando assim mais espaço de manobra às crianças. As mesas são executadas em madeira

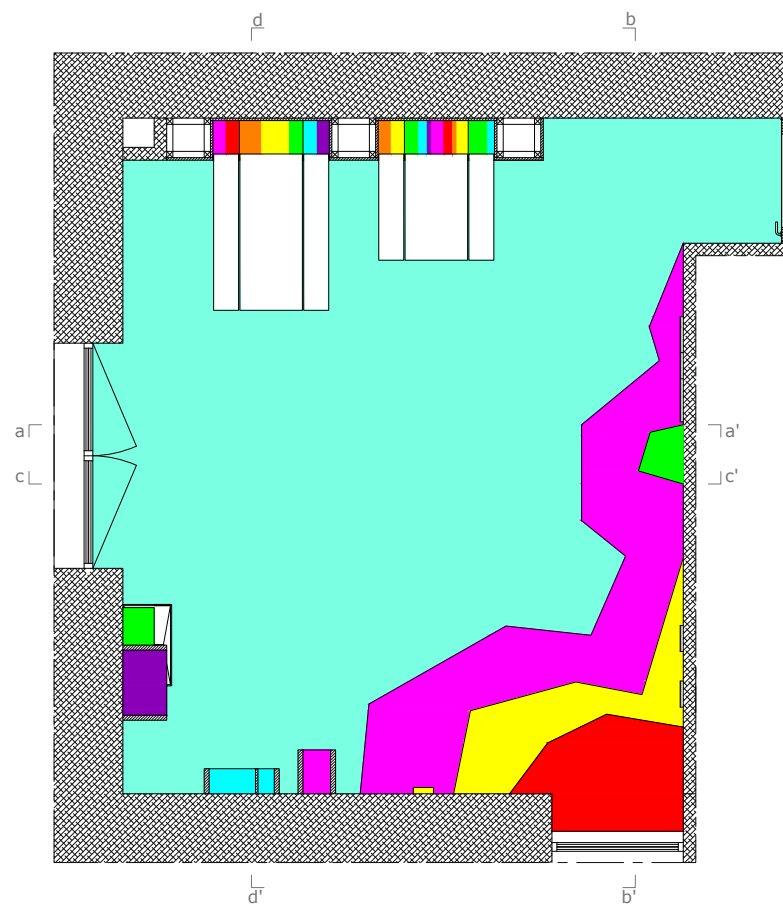
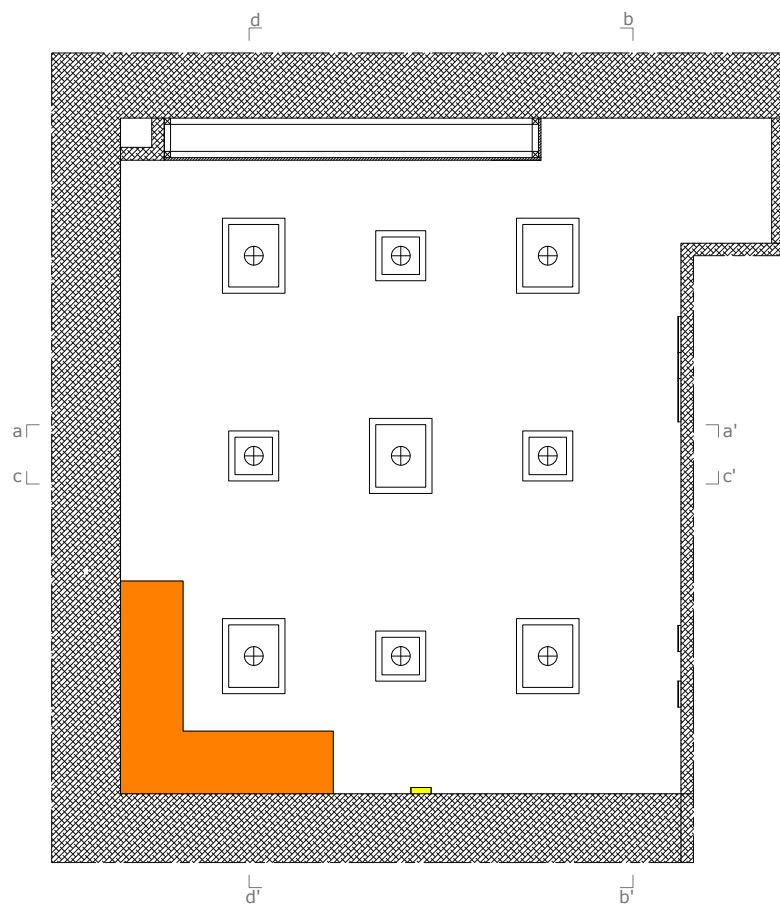
permitindo o seu manuseamento.

Por todas as paredes estão colocados os volumes, uns que servem como espaço de arrumação, onde ficam guardados livros, brinquedos, material didáctico e os colchões para a hora da sesta, outros que servem apenas como elemento decorativo, completando assim todo o conjunto de volumes. Por baixo da zona de arrumações principal está o lavatório. Vários dos volumes, forrados a cortiça e pintados com cores diferentes, servem como quadro onde as crianças podem expor os seus trabalhos.

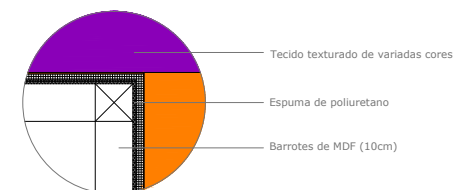
Visto que as crianças, nesta faixa etária, começam a aprender os números e as cores, os elementos gráficos propostos nas salas reflectem exactamente isso. Estando presentes as cores nos vários volumes, nas paredes brancas, sobressaem os números com tamanhos, texturas e tipos de letra diferentes. Na parede onde estão as mesas, foram pintadas riscas verticais baseadas nas cores do arco-íris. A tinta utilizada na parede do arco-íris, tem a particularidade de ser magnética, permitindo a exposição dos trabalhos manuais realizados pelas crianças. O pavimento é revestido a vinil azul/esverdeado em rolo, sendo de fácil manuseamento e limpeza.

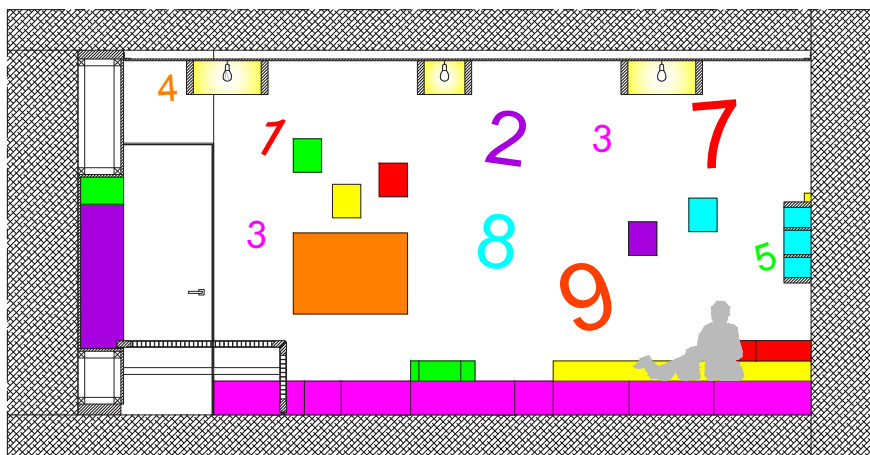
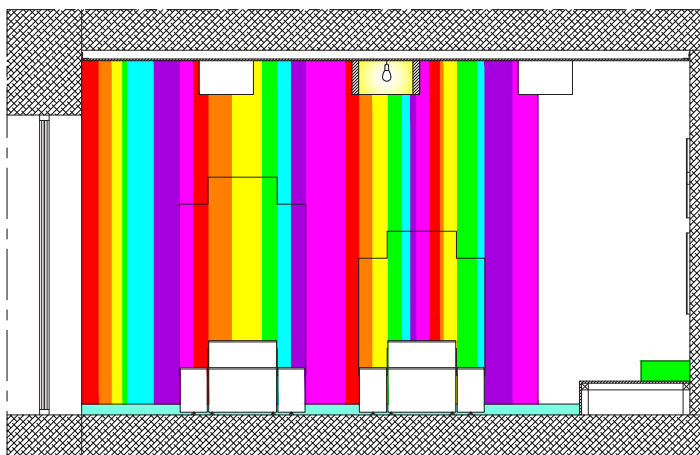
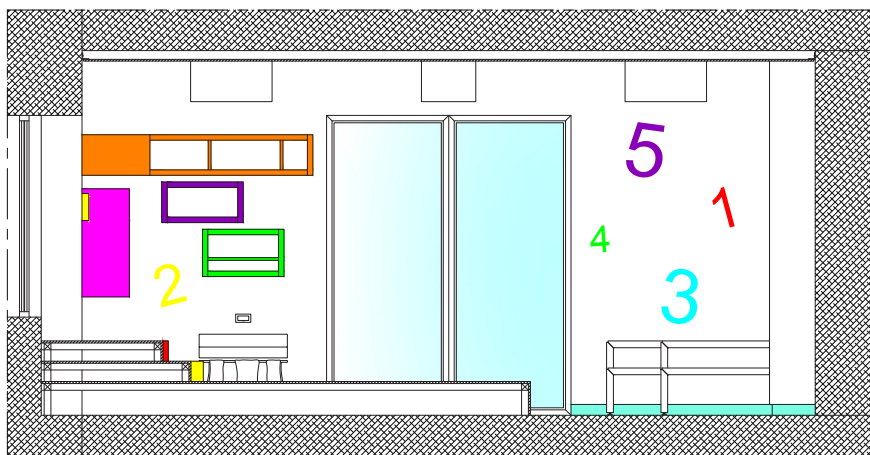
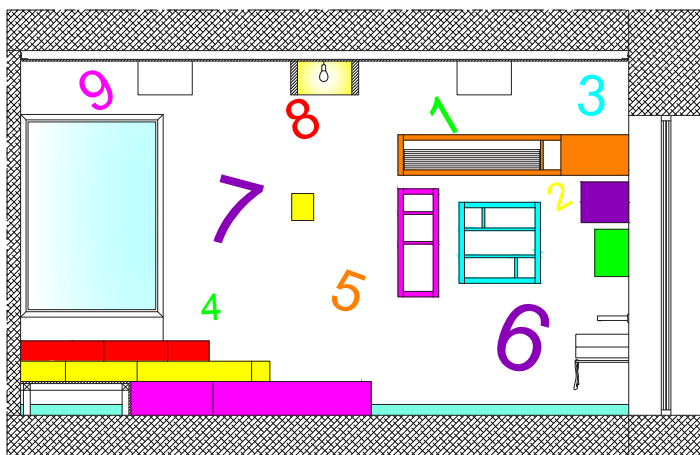


Fig. 71, 72 e 73 (de cima para baixo)
Cores do Arco-Iris,
Vinil Infantil da casa
d'Arte, Philipp Plein
Forte Dei Marmi



Planta de tectos e planta da Sala 1 dos
Descobridores, sem escala
À direita, pormenor blocos escalonáveis, sem
escala

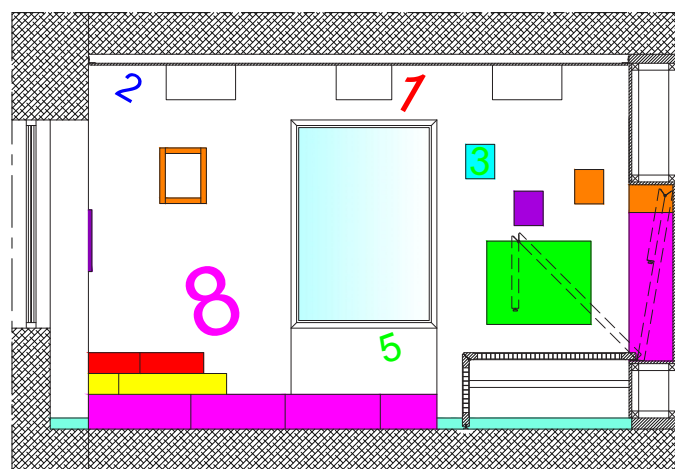
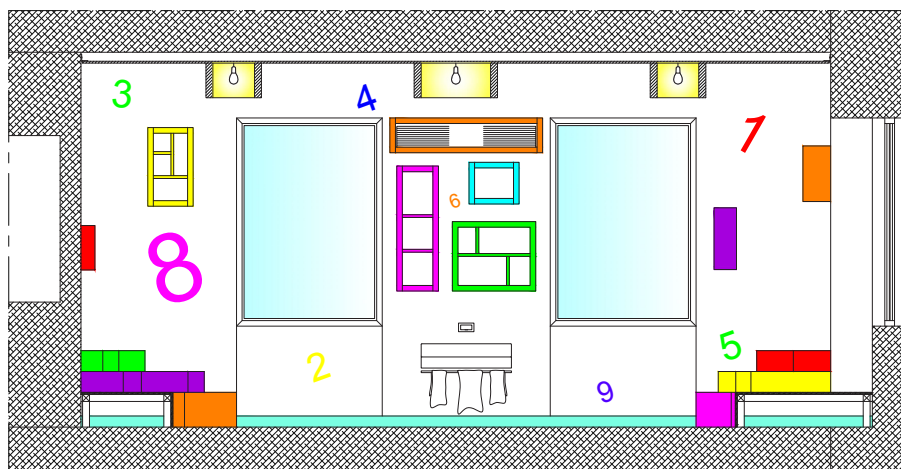
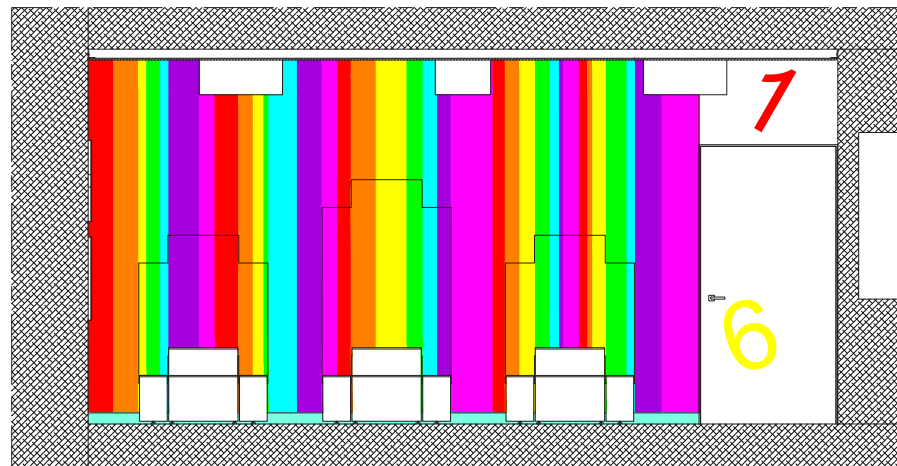
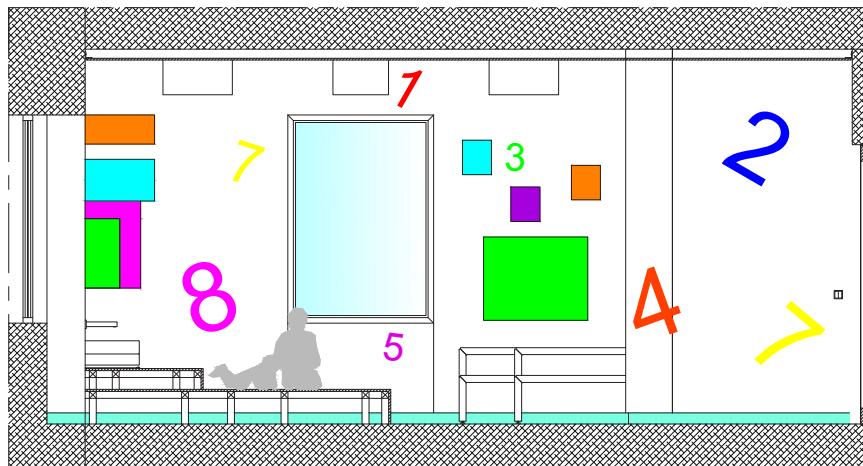




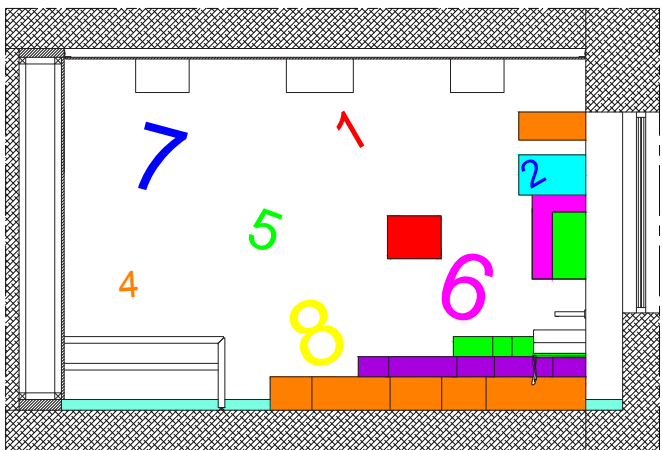
Cortes aa' até dd' da Sala 1 dos Descobridores, sem escala



Planta de tectos e planta da Sala 2 dos Descobridores, sem escala
 À direita, pormenor sistema de rebatimento das mesas, sem escala



Cortes aa' até dd' da Sala 2 dos Descobridores, sem escala



Corte ee' da Sala 2 dos Descobridores, sem
escala
Fig. X e X Maqueta da Sala dos Descobridores,
escala 1:20



5.4.3. Apropriadores (24 aos 36 meses)

Conforme as crianças vão crescendo, começam a ter necessidade de novos desafios, e ao contrário do que acontece na sala dos dois anos, as crianças com três anos já dominam a marcha e a arte de trepar e saltar, actos próprios desta idade.

Nesse sentido, estas salas foram projectadas de modo a estabelecer novos obstáculos e desafios aos seus utilizadores. Ao mesmo tempo que as crianças gostam de trepar, nesta idade tem um sentido de curiosidade e descoberta mais aguçado. Enquanto na sala dos dois anos os obstáculos são mais tranquilos, nestas salas foram levados ao extremo, criando estruturas multifunções, onde para além de ter obstáculos mais altos e complicados, podem ser esconderijo ou secretaria.

Na intenção de acompanhar a evolução das crianças, nesta sala, estão igualmente presentes os variados volumes, mas agora para criar ambientes distintos. Foram tratados de maneira diferente, numa justaposição de volumes, dando a sensação de tridimensionalidade.

Nestas salas, os volumes ficarão restritos a uma das paredes, prolongando-se até ao tecto. Estes volumes, dispostos a diferentes alturas e posições criam um padrão tridimensional, conferindo profundidade ao espaço. Para além disso, estes blocos tem a particularidade de esconder mesas rebatíveis, necessárias para as actividades realizadas durante o dia, que quando fechadas ficam no mesmo plano dos volumes, libertando o espaço às crianças. Os volumes do tecto escondem a iluminação que passa a fazer parte do jogo

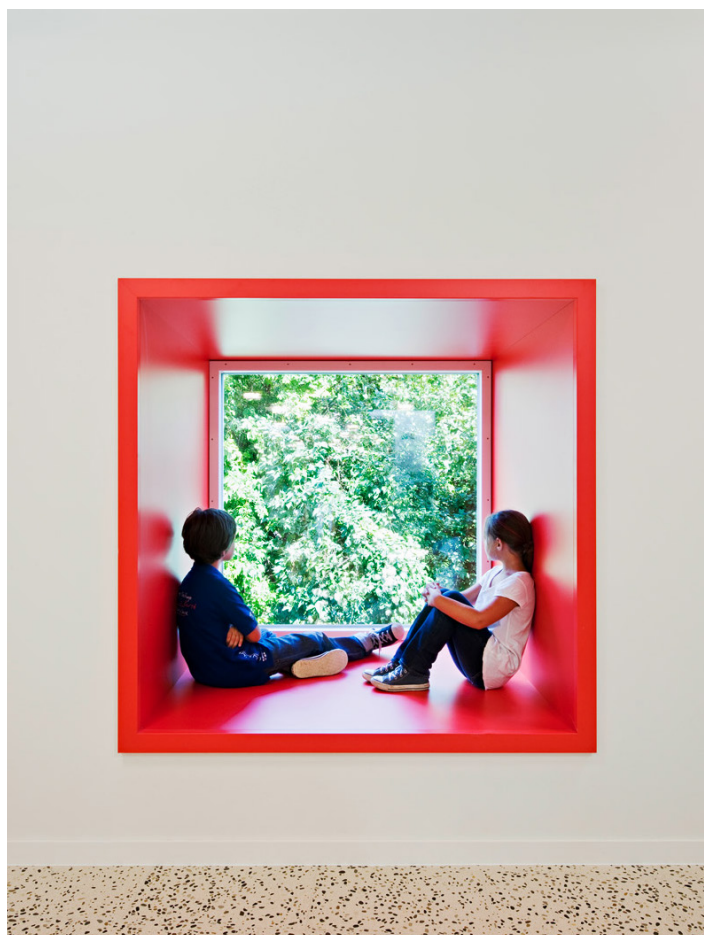


Fig.76 (à esquerda) Creche by MAGK + Illiz Architektur, Maria Enzersdorf, Austria

Fig.77 e 78 (de cima para baixo) Crianças a brincar com cubos, Spin Tool, Staffan Holm for Swedese

volumétrico.

A estrutura para as crianças treparem foi baseada em formas geométricas rectangulares, e ao contrário do que acontece na sala dos 2 anos, foi forrada a vinil, para que desse a sensação de volumes a brotar do chão, dando a ideia de montanha escalonável, que preenche o espaço, indo até as janelas, desafiando a criança a apropriar-se destas e dos diferentes blocos.

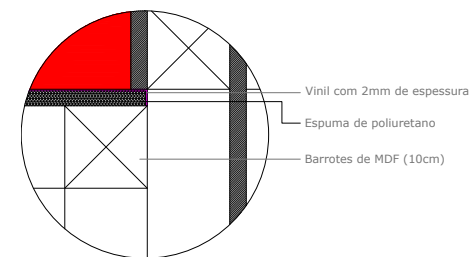
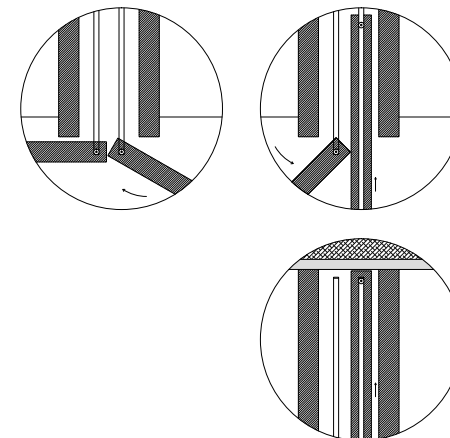
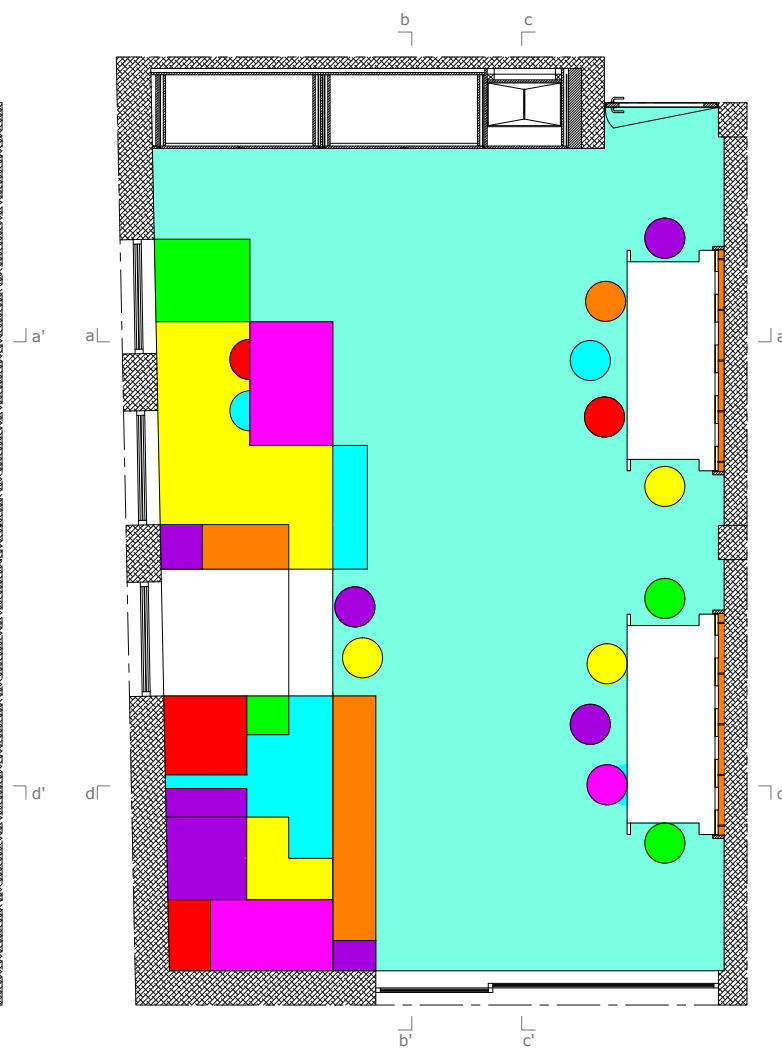
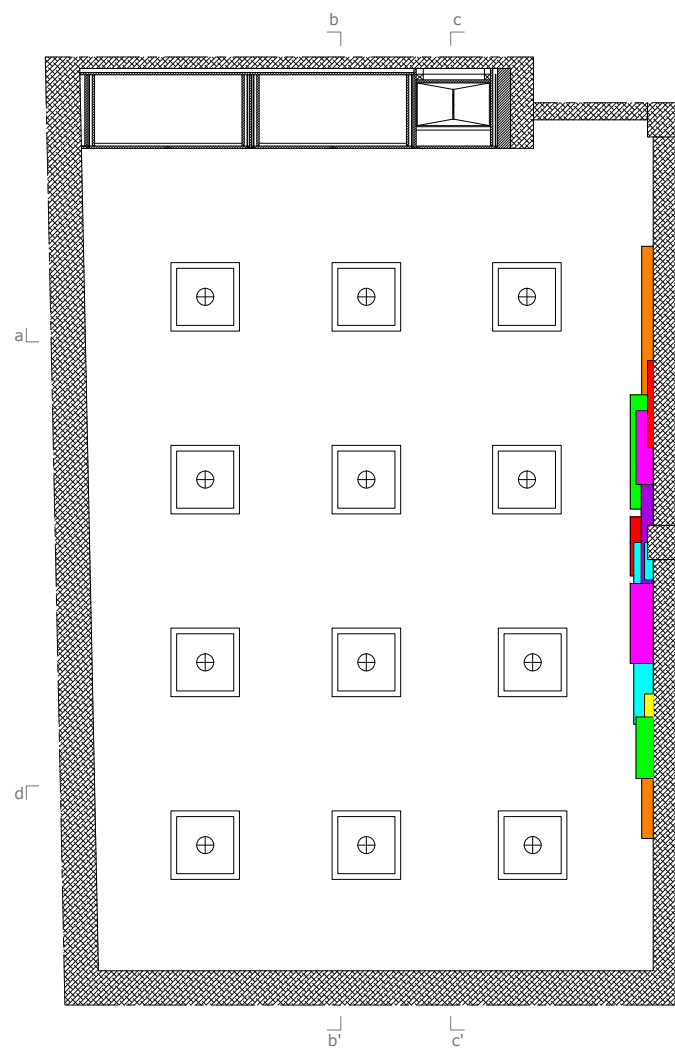
Para introduzir os elementos cor e textura no espaço, foram aplicadas nos diferentes volumes das paredes, cores vibrantes variadas, pintadas com rolos texturados, criando assim diferentes padrões e texturas que permitem às crianças perceber através do tacto da existência de diferenças entre paredes lisas e volumes texturados, ao mesmo tempo que fazem cadeias de associações entre uns e outros.

Nestas salas, e porque existem variadíssimos objectos de que as crianças precisam, foi criado um armário onde são guardados todos os materiais didácticos, jogos, cadeiras e colchões usados para as sestas. Nesta área fica igualmente o lavatório, necessário em cada divisão.

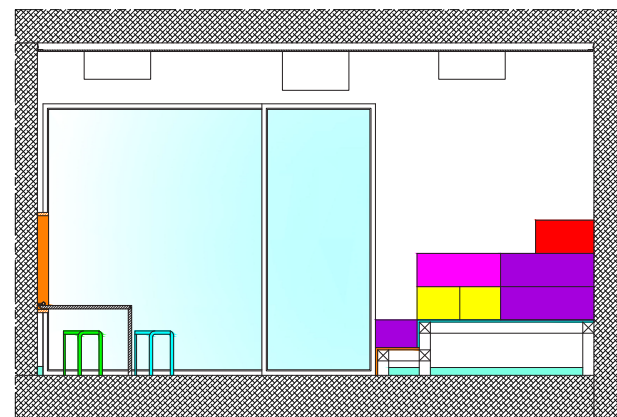
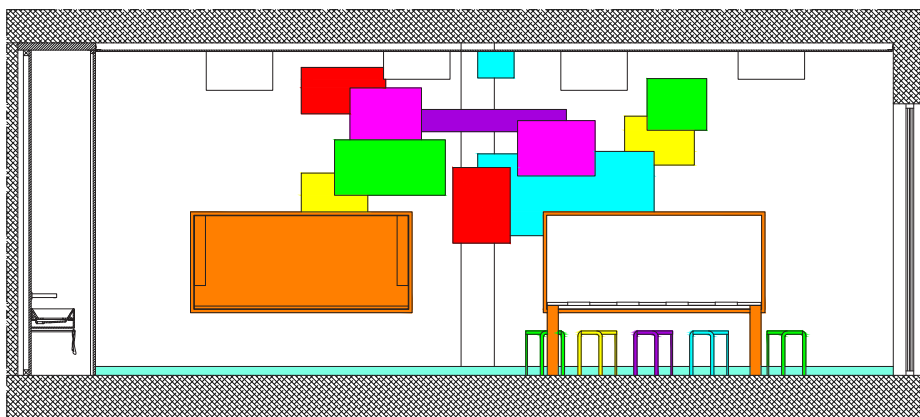
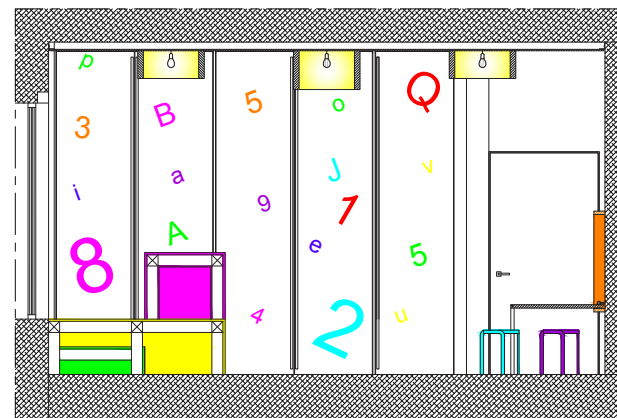
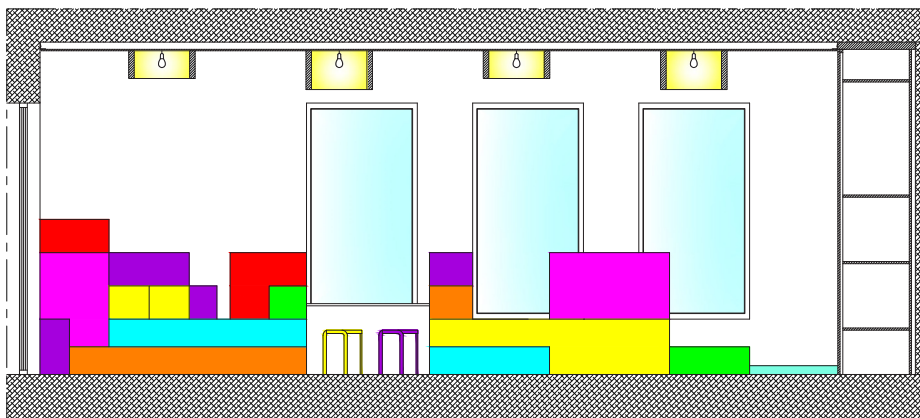
As paredes desta sala foram mais uma vez pintadas de branco, para que o espaço se torne neutro, dando protagonismo aos diferentes volumes e cores. Para que o armário fique integrado no ambiente da sala e não se pareça com um elemento exterior ao espaço, foram pintadas as portas deste de branco com diferentes motivos numéricos e alfabéticos, introduzindo assim a parte lúdica ao espaço, permitindo às crianças a iniciação ao conhecimento das letras e números. A tinta utilizada no armário, tal como acontece nas outras salas, é magnética, admitindo a exposição de trabalhos realizados pelas crianças.



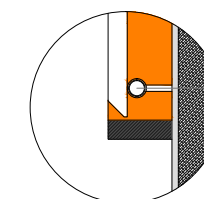
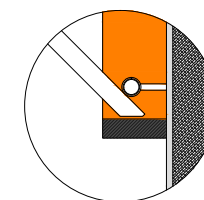
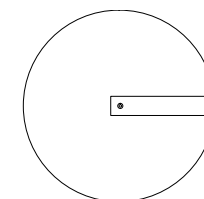
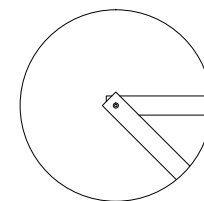
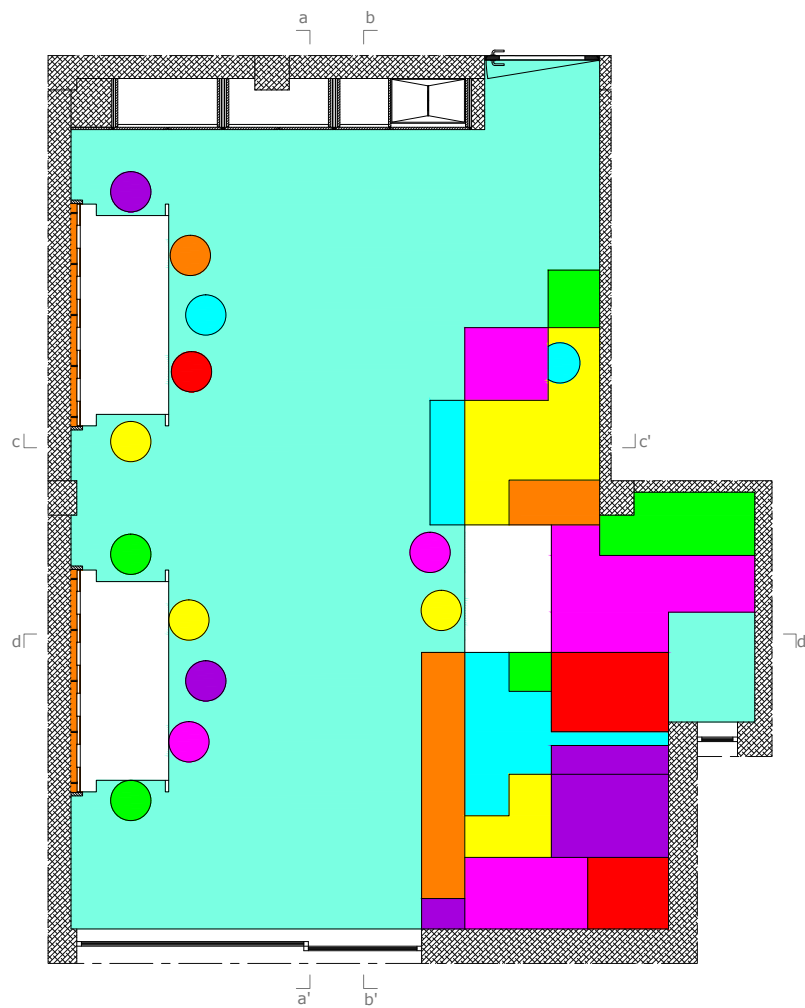
Fig.79 e 80 (de cima para baixo) Sala de Aula, Spin Tool, Staffan Holm for Swedese



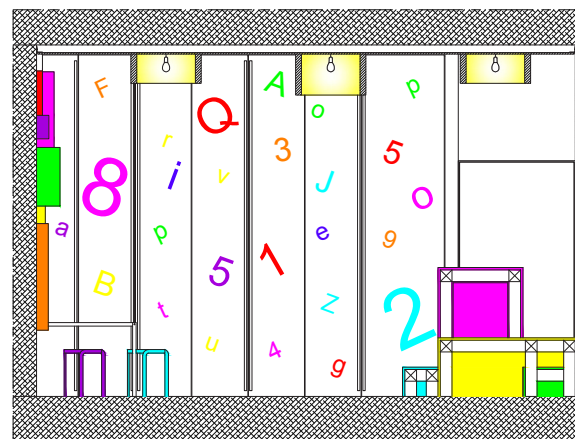
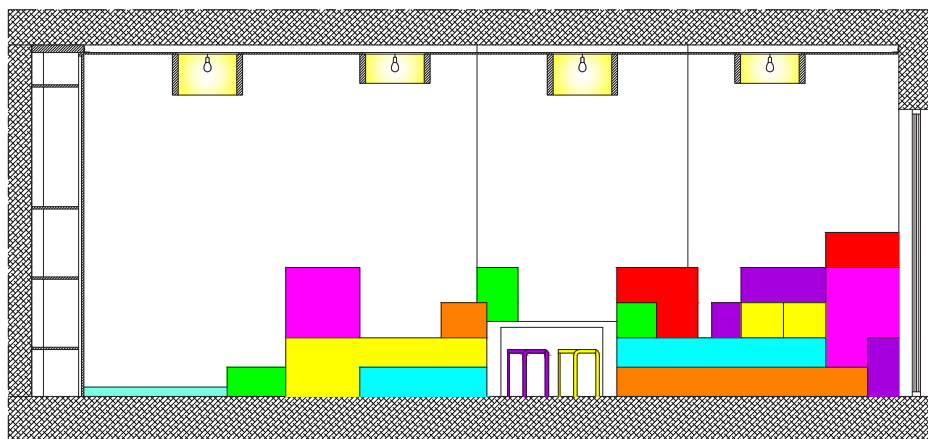
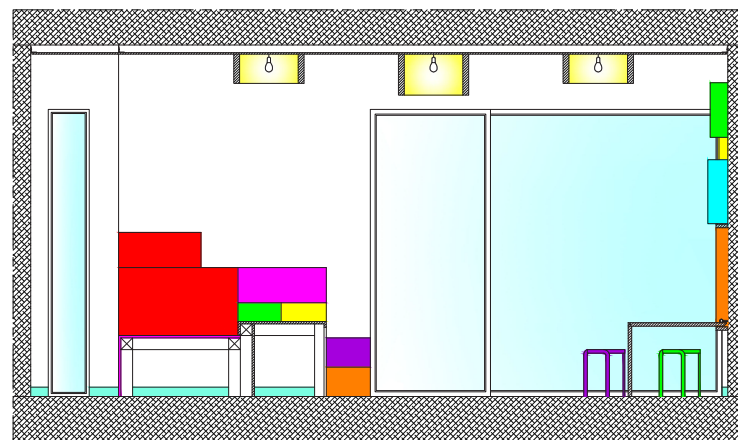
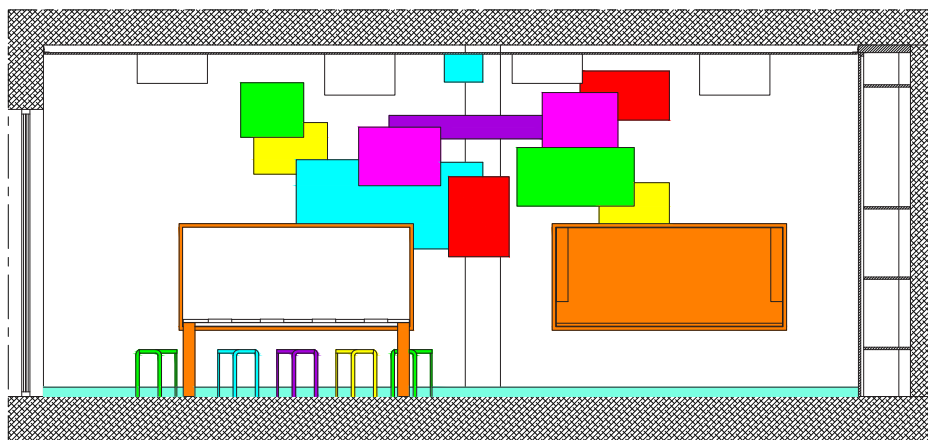
Planta de tectos e planta da Sala 1 dos
Apropriadores, sem escala
Pormenor do sistema de rebatimento das portas
Pormenor dos blocos escalonáveis



Cortes aa' até dd' da Sala 1 dos Apropriadores, sem escala



Planta de tectos e planta da Sala 2 dos Apropriadores, sem escala
Pormenor do sistema de rebatimento das mesas



Cortes aa' até dd' da Sala 2 dos Apropriadores, sem escala



Fig 81 e 82 Maqueta da Sala dos Apropriadores, escala 1:20

5.4.4. Refeitório

O refeitório, também utilizado como sala polivalente, foi projectado para receber todas as crianças da creche. O facto de esta área ser utilizada como sala de convívio ou recreio em dias de chuva, torna-se uma condicionante ao seu desenho. Esta sala foi projectada para sentar 50 crianças à mesa à hora da refeição, e ao mesmo tempo, tornando possível libertar toda a área quando necessário, objectivo conseguido através das mesas desenhadas, com forma de losango possíveis de empilhar e arrumar deixando a área maior livre.

Sendo o refeitório um espaço mais sério, onde as crianças têm de estar quietas e atentas ao acto de comer, foi-lhe dado um tratamento mais leve e instrutivo, conferindo-lhe apenas pequenos momentos de brincadeira.

Assim, foi desenhado mobiliário de acordo com as necessidades do espaço, possível de empilhar e arrumar, mas ao mesmo tempo adicionando-lhe o tal apontamento de brincadeira, ou seja, as mesas que com o seu formato permitem criar disposições diferentes e que juntamente com as cadeiras criam um jogo de cores, conferem assim movimento e cor ao refeitório.

A parede adjacente à cozinha foi equipada com armários, onde ficam guardados todos os acessórios necessários às refeições, um passa-pratos ligado a cozinha onde os educadores vão buscar a comida para as crianças e onde se encontra o lavatório.

Na parede oposta, e porque as crianças são seres curiosos e sedentos de aprendizagem, foi colocada uma horta biológica,

com o intuito de despertar os sentidos, ensinando-as a cultivar e a perceber a importância dos alimentos saudáveis. A horta, contém ervas aromáticas, tomates, frutos silvestres, etc., distribuídos por diversos vasos de barro, de tamanhos e formas variados, que através de um sistema de suporte que se prende num ripado de madeira - cuja intenção é emoldurar



Fig.83 e 84 (de cima para baixo) Horta Biológica, Vinil Autocolante da casa d'Arte



Fig.85 e 66 (de cima para baixo) Plantas de bolhas de vidro, Cadeira Kritter IKEA

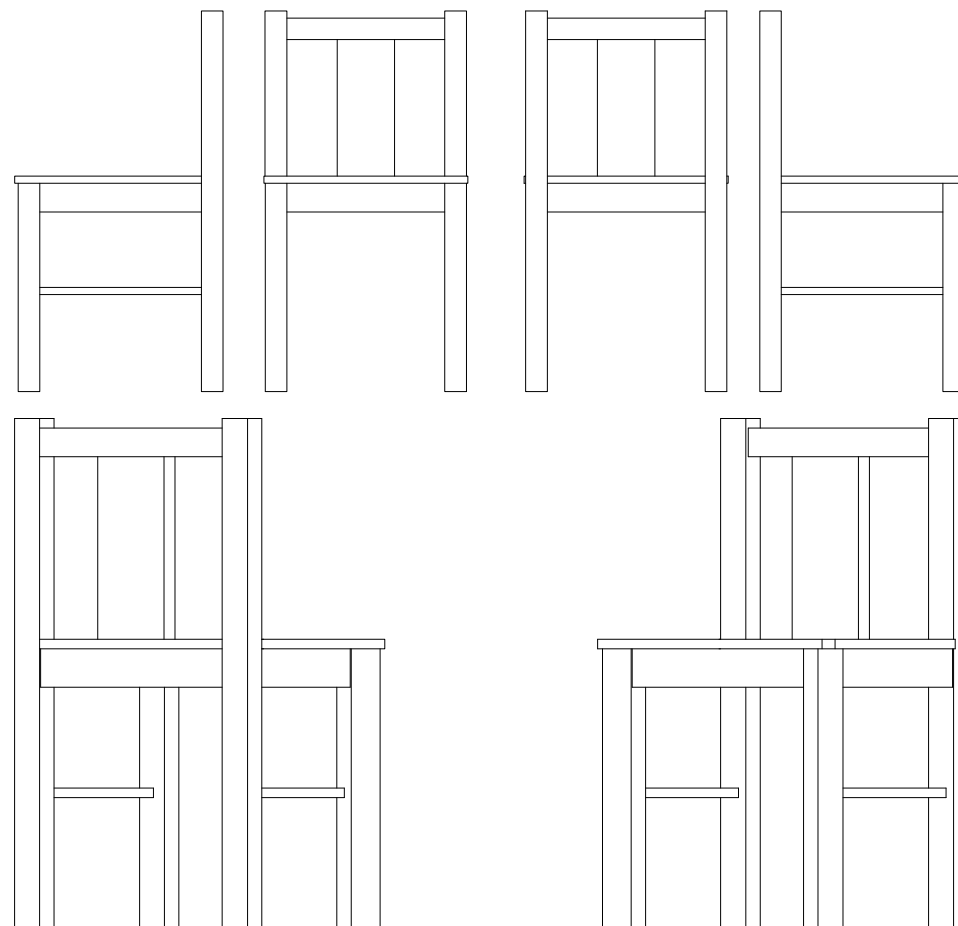


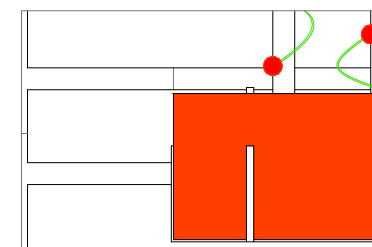
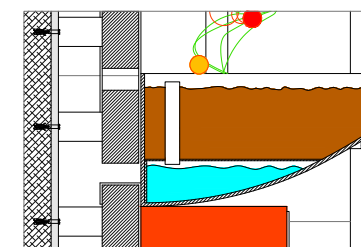
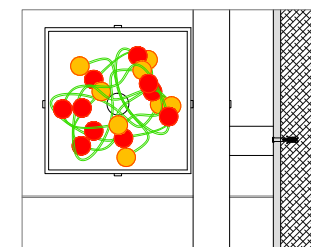
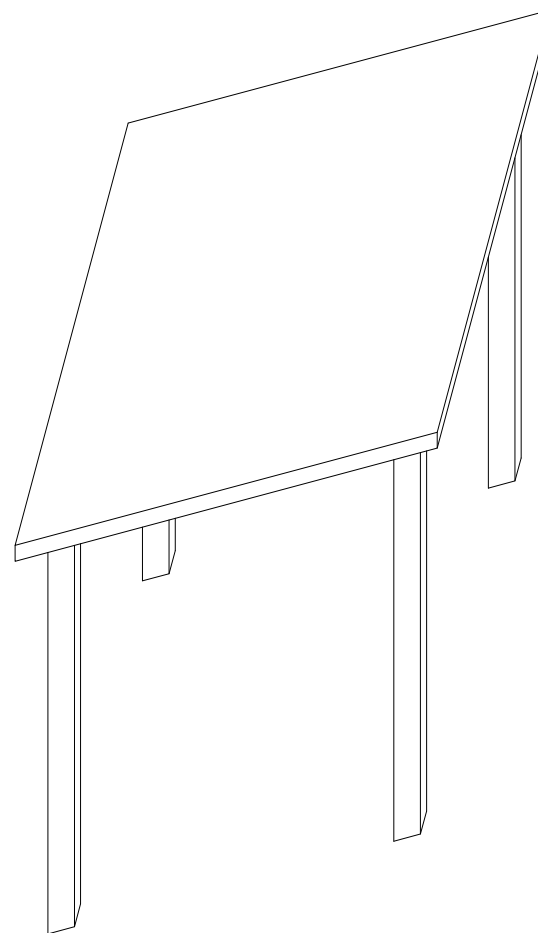
Fig.87 Cadeira Kritter IKEA

A cima: Vistas da cadeira Kritter, IKEA, sem escala.
Em baixo: Cadeira Kritter, IKEA, sem escala.

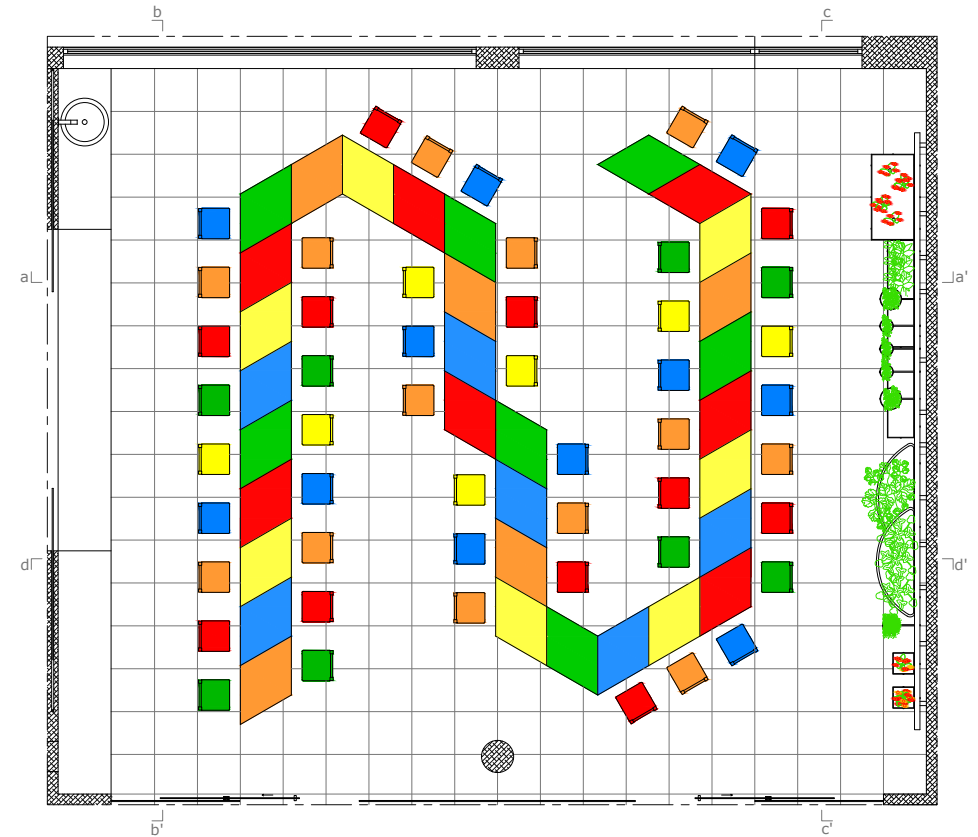
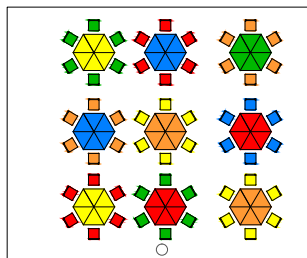
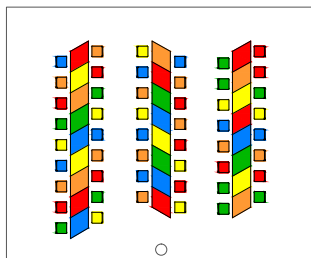
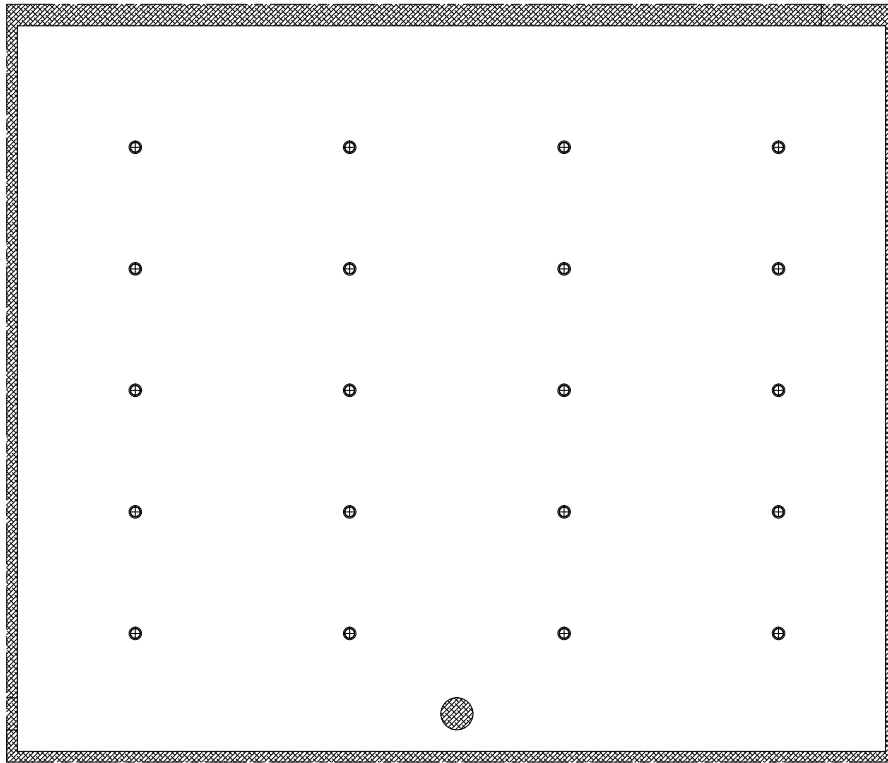
a horta, dando-lhe mais ênfase relativamente à parede -, são possíveis de mudar, criando resultados diferentes. O sistema dinâmico da horta torna, assim a parede versátil. Como ao fim de semana não existem crianças na creche que possam regar os vegetais e frutos, foi criado um sistema de gota-a-gota integrado nos próprios vasos, garantindo a sua preservação.

Sendo o refeitório um espaço onde a limpeza e higienização é imperativo, as paredes e chão foram revestidos a azulejos brancos de 20x40, para que seja de fácil limpeza e lavagem, dando ao mesmo tempo ênfase ao mobiliário colorido.

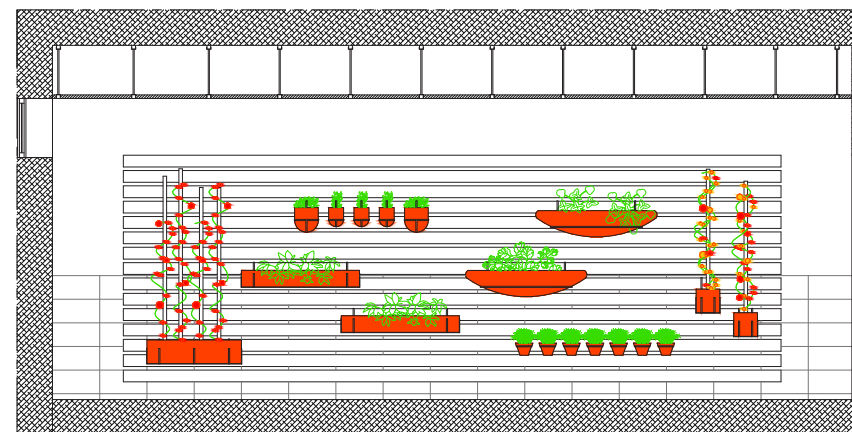
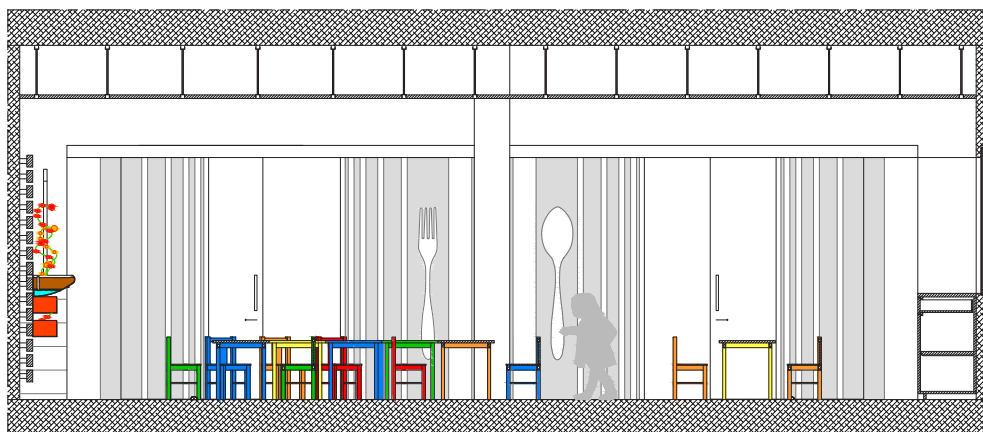
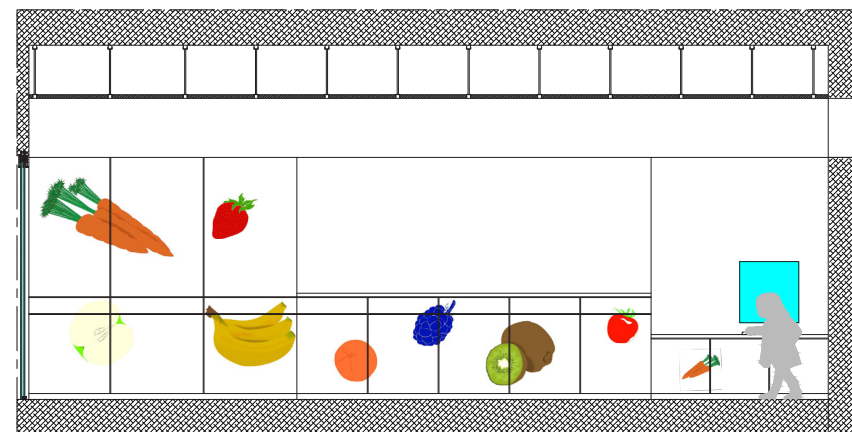
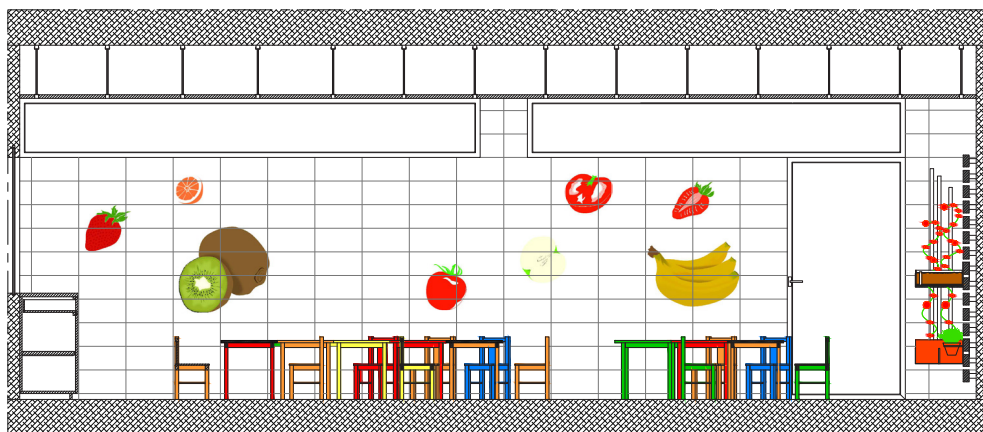
A nível gráfico, e para ser facilmente identificável a área onde se encontram, nas portas de vidro que dão entrada ao refeitório foi criado um padrão de linhas de várias espessuras que começa nas pontas propagando-se até ao centro das portas onde surge um conjunto de talheres, faca, garfo e colher. Estes elementos foram produzidos em vinil autocolante colocado sobre o vidro liso, sendo translúcido nos intervalos das listas. Numa das paredes e nos armários foram igualmente colocados motivos alusivos ao refeitório e a boa prática alimentar, sendo colocados em vinil diversas frutas e legumes com tamanhos e cores diferentes, proporcionando assim a criança conhecimento sobre as formas e cores de alguns alimentos.



À esquerda: Mesa concebida para o Refeitório, sem escala
À direita: Pormenores da horta, sem escala



Planta de tectos e planta do Refeitório, sem escala
À direita: disposições das mesas, escala 1:200



Cortes aa' até dd' do Refeitório, sem escala



Fig 88 e 89 Maqueta do Refeitório, escala 1:20

6. CONCLUSÃO



6. Conclusão

As crianças como o futuro da nossa sociedade necessitam de ser educados no sentido de formação de indivíduos de bom carácter e capazes de integrar a sociedade como adultos responsáveis. A formação que uma criança precisa desde que nasce, diz respeito não só à família mas também à escola, inserindo-os desde tenra idade nos cânones da sociabilidade.

Os ambientes escolares têm então um papel decisivo no desenvolvimento da criança, instruindo-os a nível social mas também pessoal. Uma das fases escolares com mais importância no seu desenvolvimento é a altura da creche, sendo nesta fase que a criança se começa a formar como indivíduo e ser social.

Assim, a creche que outrora era apenas um sítio onde as mães podiam deixar os filhos enquanto iam trabalhar, tornou-se, hoje em dia, um espaço educativo que dá assistência a nível motor, físico, afectivo-social e cognitivo, havendo a necessidade de criar espaços estimulantes e propícios ao desenvolvimento físico e cognitivo da criança.

Um dos profissionais que pode construir ou auxiliar a criação deste tipo de espaço é o designer de interiores, tendo assim a sua cota-parte no sucesso da formação da criança como cidadão.

Em Portugal, o design começa a ter cada vez mais notoriedade e reconhecimento pelo público através dos meios de comunicação. Contudo, há ainda muita confusão relativamente ao que é e para o que serve. Existindo várias áreas do design – comunicação, produto, gráfico, interiores, etc. – foi na área dos interiores que se centrou a investigação deste projecto.

O design de interiores, muitas vezes confundido com mera

decoração, leva a maior parte dos profissionais ao desagrado com tal pressuposto, ficando igualmente desagradados quando assumem que os arquitectos são os únicos profissionais habilitados ao espaço interior.

Sendo o arquitecto, um profissional, cuja arte é projectar para a construção de edifícios com qualidade estética, serve a presente investigação, para desmistificar todas as ideias pré-concebidas sobre o trabalho do designer, fazendo valer a sua importância junto do arquitecto aquando do projecto de espaços interiores.

Utilizando um exemplo prático, o equipamento de uma creche pertencente à Santa Casa da Misericórdia da Maia, cujo responsável é o Arquitecto Abel Fernandes é importante perceber que o designer como profissional dotado de competências e aptidões, com capacidade de pensar os espaços como um todo, respondendo às necessidades e objectivos do cliente, pode igualmente trabalhar numa equipa multidisciplinar, trabalhando lado a lado com profissionais de diversas áreas.

Os interiores da creche destinada a 58 crianças, em idades críticas do seu desenvolvimento, projectados juntamente com o arquitecto responsável, foram abordados como espaços de experiências e relações pessoais e espaciais, criando-se pequenos mundos estimulantes, criativos, coloridos e educativos que desafiam as capacidades das crianças e os transportam para o imaginário, ao mesmo tempo que auxiliam o seu desenvolvimento físico e cognitivo, com recurso a gramáticas próprias da cor, da textura e do som.

Percebe-se assim, que as crianças como seres curiosos que são precisam de espaços que os desafiem a descobrir, a explorar e a apropriar o mundo que as rodeia, começando



o seu longo caminho da vida com experiências que terão influência no seu crescimento como ser humano. Parte dessas experiências podem ser conseguidas através dos espaços onde elas se inserem, e quanto mais estimulantes forem mais a criança tem ânsia de explorar o meio que a envolve.

O presente projecto e investigação adjacente a ele, poderá então contribuir para a desmistificação da actividade e áreas de intervenção do designer de interiores, valorizando-o como profissional e parte integrante de uma equipa multidisciplinar, que pode contribuir para a criação de espaços dedicados às crianças cuja intenção é estimular o seu desenvolvimento, sendo assim um elemento valorizador da arquitectura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

- A Casa da Avó (s.d.). Instalações. Retirado em Janeiro 23, 2012 de <http://www.acasadaavo.com/creche.php?p=3>.
- A criança e a música: Musicalização de Forma Intuitiva [2011]. Pedagogia ao Pé da Letra. Retirado em Janeiro, 20, 2012 de <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/a-crianca-e-a-musica-musicalizacao-de-forma-intuitiva/>.
- A influência das cores na decoração das crianças! [2011]. Blog de decoração. Retirado em Dezembro 20, 2011 de <http://www.lojaskdblog.com.br/blog/2011/07/25/a-influencia-das-cores-na-decoracao-das-criancas/>.
- Aires Mateus, F. (2006). Arquitecto com atitude. In Atitude – Interior Design, 11, 21.
- Associação Portuguesa de Designers (s.d.). O que é o Design?. Retirado em Agosto, 4, 2010 de http://apdesigners.org.pt/?page_id=127.
- Baptista, L. (2011). Ambientes formativos. Entre a redefinição tipológica e a emergência das práticas experienciais. 88/89, 6-7.
- Bártolo, J. (2006). O Estado do Design. Reflexões sobre teoria do design em Portugal. Retirado em Setembro, 14, 2011 de <http://www.artecapital.net/opinioes.php?ref=30>.
- Beylerian, G. & Dent, A. (2005). Material connexion. Londres: Thames & Hudson, Ltd.
- Campos, C. (2011). Como se relaciona a criança com o seu espaço?. In Eguaras, M. (Ed.) Pequenos quartos para crianças (pp.22-27). Barcelona: Loft Publications.
- Campos, C. (2011). Cor. In Eguaras, M. (Ed.) Pequenos quartos para crianças (pp.104-113). Barcelona: Loft Publications.
- Campos, C. (2011). Introdução. In Eguaras, M. (Ed.) Pequenos quartos para crianças (pp.6-9). Barcelona: Loft Publications.
- Caracol, A. (s.d.). A importância da música na aprendizagem. Retirado em Janeiro 20, 2012 de <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>.
- Carvalho, M. & Rubiano, M. (2001). Organização dos espaços em instituições pré-escolares. In Oliveira, Z. (Org.) Educação Infantil: muitos olhares. Brasil: Edições São Paulo.
- Casa do Cuco (s.d.). Onde se cresce a sorrir. Retirado em Janeiro 23, 2012 de <http://www.casadocuco.com/>.
- Catrica, P. (2011). Ambientes formativos. Perspectivas críticas. 88/89, 38-39.
- Cecchini, M. (2010). Sem criatividade com as crianças?. Dicas da Arquitecta Mari Cecchini. Retirado em Maio 14, 2011 de <http://colunistas.ig.com.br/dicasdaarquitectura/tag/espacos-para-criancas/>.
- Centro Português de Design (2004). Visão, Missão e Objectivos. Retirado em Setembro 20, 2011 de <http://www.cpd.pt/101000/1/index.htm>.
- Chamberlain, D. (2003). A mente do seu recém-nascido. Lisboa: Hugin Editores, Lda.
- Coelho, P. (s.d.). Licenciatura design interiores - enquadramento. Retirado em Janeiro 5, 2011 de <http://www.esad.pt/pt/cursos/design/interiores/>.
- Coles, J. & House, N. (2007). Fundamentos da arquitectura de interiores. Barcelona: AVA Publishing SA.
- Como montar um berçário e creche [2011]. Emprego e renda, 15. Retirado em Janeiro 3, 2012 de <http://www.empregoerenda.com.br/paginas/193>.
- Cooper, R. & Press, M. (2001). The design agenda: a guide to successful design management, Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Cores na educação e no desenvolvimento [2009]. Crianças.pt. O mundo é das crianças.... Retirado em Dezembro 20, 2011 de <http://www.crianças.pt/ate-1-ano/84-cores-na-educacao-e-no-desenvolvimento.html>.
- Costa Cabral, M. & Marques da Silva, M. (coord.) (1995). Sebastião Rodrigues - Designer. (pp.494-495). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dantas, H., Rego, T. & Oliveira, Z. (2009). O pensamento infantil sobre os fenómenos naturais. Nova escola, 223. Retirado em Dezembro, 20, 2011 de <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/pensamento-infantil-fenomenos-naturais-475516.shtml>.
- Dorst, K. (2003). Under-standing design. Amsterdão: BIS Publishers.



Franklin, A., Drivonikou, G. V., Bevis, L., Davies, I. R. L., Kay, P. & Regier, T. (2007). Categorical perception of color is lateralized to the right hemisphere in infants, but to the left hemisphere in adults. Retirado em Novembro 21, 2010 de <http://design-ergonomia.blogspot.com/search?q=como+os+adultos+e+crian%C3%A7as+percepcionam+as+cores>.

Geração Chupeta (2008). Os serviços oferecidos pelas creches. Retirado em Janeiro 23, 2012 de <http://www.geracaochupeta.com/servicos.htm>.

Gibbs, J. (2005). Interior Design: Portfolio Series. Reino Unido: Laurence King Publishing Ltd.

Heitor, T. (2011). Ambientes formativos. Perspectivas críticas. 88/89, 34-36.

Heller, E. (2007). A psicologia das cores. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Hertzberger, H. (2011). Ambientes formativos. Perspectivas críticas. 88/89, 24-26.

Hofmann, S. (2011). Ambientes formativos. Perspectivas críticas. 88/89, 32-34.

International Interior Design Association (s.d.). What is Interior Design?. Retirado em Setembro 20, 2011 de <http://www.iida.org/content.cfm/what-is-interior-design>.

Loução, M. (1993). Cor: componente cromática. Dissertação de Doutoramento, Lisboa.

Maia, T. (2011). Berçário e creche. Retirado em Janeiro 3, 2012 de <http://www.temposlivres.online.pt/site/fotos/file/CRECHE.pdf>.

Milano, M. (2009). Projectar com o passado. Os interiores de um edifício do século XIX no Largo dos Lóios no Porto. In Milano, M. (Coord.). Paolo Deganello - as razões do meu projecto radical (pp.494-495). Matosinhos: Edição ESAD.

Milano, M. (Eds.) (2008). O projecto de interiores. Matosinhos: Edição ESAD/RAR Imobiliária.

Minner, K. (2010). Kindergarten Terenten / feld72. Archdaily. Retirado em

Março 13, 2011 de <http://www.archdaily.com/93632/kindergarten-terenten-feld72/>.

Møller, A. C. F. (2009). 'Dragen' Children's House. Design home interior. Retirado em Março 13, 2011 de <http://inhometrend.com/interior-design-of-dragen-childrens-house-by-architects-c-f-m%C3%B8ller>.

Munari, B. (1968). Design e comunicação visual. Lisboa: Edições 70.
Munari, B. (1990). Artista e designer, Lisboa: Editora Presença.

Nadal, P. (2010). O que a creche pode ensinar?. Nova escola. Retirado em Dezembro, 20, 2011 de <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/creche-pode-ensinar-548829.shtml>.

National Council for Interior Design Qualification (2004). Definition of Interior Design. Retirado em Abril, 27, 2010 de <http://www.ncidq.org/AboutUs/AboutInteriorDesign/DefinitionofInteriorDesign.aspx>.

O desenvolvimento do bebé e da criança (2011). Guia do bebé. Retirado em Dezembro 20, 2011 de <http://www.desenvolvimentodobebé.com.br/o-desenvolvimento-do-bebe-e-da-crianca/>.

Oliveira, A. (2007/2008). Arquitectura e infância: espaços para educação infantil. Prova final de Licenciatura: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

Papanek, V. (1997). Arquitectura e Design. Lisboa: Edições 70.

Piu, P. (2009). SPAN – Span the boundaries between space and graphics. Ásia: Sandu publishing.

Rodrigues, B. (2011). A magia das cores no mundo infantil. Guia do bebé. Retirado em Maio 12, 2011 de <http://guiadobebé.uol.com.br/a-magia-das-cores-no-mundo-infantil/>.

Rodrigues, P. (2005). Brincadeiras para estimular o cérebro das crianças. Lisboa: Texto Editores.

Rosenberg, A. (2011). Solrosen Kindergarten / Stein Halvorsen Sivilarkitekter. Archdaily. Retirado em Março 13, 2011 de <http://www.archdaily.com/100897/solrosen-kindergarten-stein-halvorsen-sivilarkitekter/>.



Saieh, N. (2010). Monthey Kindergarden / Bonnard Woeffray Architectes. Archdaily. Retirado em Março 13, 2011 de <http://www.archdaily.com/79449/monthey-kindergarden-bonnard-woeffray-architectes/>.

Santa Casa da Misericórdia da Maia (2011). Creche/pré-escolar. Retirado em Janeiro 3, 2012 de <http://www.misericordiadamaia.com/CrechePr%C3%A9Escolar/tabid/62/Default.aspx>.

Santa Casa da Misericórdia da Maia (2011). História SCMM. Retirado em Janeiro 3, 2012 de <http://www.misericordiadamaia.com/Default.aspx?tabid=91>.

Schleifer, S. (2006). Aspectos sobre o design. In Schleifer, S. (Ed.). Pequenos quartos de criança (pp.10-11). Espanha: Gráficas Toledo.

Schleifer, S. (2006). Cores. In Schleifer, S. (Ed.). Pequenos quartos de criança (pp.40-53). Espanha: Gráficas Toledo.

Sena da Silva. (1995). Designer e alquimista de sinais visíveis. In Costa Cabral, M., Marques da Silva, M. (coord.). Sebastião Rodrigues - Designer. (pp.23-24). Fundação Calouste Gulbenkian.

Taylor, A. (2011). Ambientes formativos. Perspectivas críticas. 88/89, 26-28.

LISTA DE FIGURAS



Lista de Figuras

Fig. 1 Crianças em várias fases de crescimento - p.010

Fig. 2 Criança a pintar - p.011

Fig. 3, 4 e 5 Instalação presente no Museu de Arte Moderna de Brisbane, na Austrália. O espaço que era todo branco foi conquistado por cores a partir da ajuda das crianças munidas de adesivos coloridos - p.012

Fig. 6 Bebê a brincar com cubos de madeira - p.013

Fig. 7 Bebê a brincar com brinquedos variados - p.014

Fig. 8, 9, 10 Instalações da Creche Geração Chupeta em Lisboa - p.019

Fig. 11, 12, 13 Instalações da Creche A Casa da Avó em Vila Nova de Gaia - p.020

Fig. 14, 15, 16, 17 Instalações da Creche Casa do Cuco no Porto - p.021

Fig. 18, 19, 20, 21 Instalações do Solrosen Kindergarten, Noruega, 2009, pelo atelier Stein Halvorsen Silviakitekter - p.022

Fig. 22, 23, 24, 25, 26 Instalações do Monthey kindergarten, Suíça, 2007/2008, pelos arquitectos Bonnard Woeffray - p.023

Fig. 27, 28, 29, Instalações do Terenten kindergarten, Itália, 2009/2010, pelo atelier feld72 - p.024

Fig. 30, 31, 32 Instalações da Dragen Children's House, Dinamarca, 2008/2009, pelo arquitecto C.F. Møller - p.025

Fig. 33, 34, 35 Jardim de Infância Popular, Cacém, pelos arquitectos Nadir Bonaccorso e Sónia Silva - p.026

Fig. 36 Jardim de Infância João de Deus, Penafiel, pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira - p.026

Fig.37 Quarto de Lina Loos, Adolf Loos, 1903 - p.031

Fig. 38 Centro Hospitalar da Santa Casa da Misericórdia da Maia, 1955 - p.040

Fig. 39 Prof.Dr. José Vieira de Carvalho, eleito provedor da Santa casa da Misericórdia da Maia em 1981 - p.040

Fig. 40, 41, 42, 43, 44, Creche Milheirós, Maia - p.041

Fig. 45 Pixel Studio 505- p.050

Fig. 46 Pixel Studio 505 - p.051

Fig. 47 e 48 HOMEUnusual Store de Luigi Valente- p.051

Fig. 49 Instalações do Monthey kindergarten, Suíça, 2007/2008, pelos arquitectos Bonnard Woeffray- p.051

Fig.50 Aplicação de mosaico- p.054

Fig.51 Casa de banho Creche by MAGK + Illiz Architektur, Maria Enzersdorf, Austria- p.054

Fig. 52 Casa de banho Infantil- p.054

Fig. 53 Casa de banho Jardim de Infância do Cadavão- p.054



Fig. 54 e 55 Maqueta das Instalações Sanitárias - p.061

Fig. 56 Fundo do Mar- p.062

Fig. 57 LivingStones- p.062

Fig. 58 Balões de barbante- p.063

Fig. 59 Pompons de Papel- p.063

Fig. 60 Balões de Papel- p.063

Fig. 61 Maqueta do Gabinete Médico - p.063

Fig. 62 Maqueta da Sala Teatro - p.065

Fig.63 Cadeira Vilmar do Ikea- p.065

Fig.64 Teatro Infantil - p.065

Fig. 65 Flor Gerbera- p.068

Fig. 66 Quarto de Criança- p.069

Fig. 67 Quarto de Criança- p.069

Fig. 68 Infantário Cidade dos Brinquedos do Atlier zero vinte oito- p.069

Fig. 69 e 70 Maqueta da Sala dos Exploradores - p.072

Fig. 71 Cores do Arco-Iris - p.073

Fig. 72 Vinil Infantil da casa d'Arte- p.073

Fig. 73 Philipp Plein Forte Dei Marmi- p.073

Fig. 74 e 75 Maqueta da Sala dos Descobridores - p.078

Fig.76 Creche by MAGK + Illiz Architektur, Maria Enzersdorf, Austria- p.079

Fig.77 e 78Crianças a brincar com cubos - p.080

Fig.79 Spin Tool, Staffan Holm for Swedese - p.080

Fig.80 Sala de Aula- p.080

Fig. 81 e 82 Maqueta da Sala dos Apropriadores - p.085

Fig.83 Horta Biológica - p.086

Fig. 84 Vinil Autocolante da casa d'Arte - p.086

Fig.85 Plantas de bolhas de vidro - p.086

Fig. 86 Cadeira Kritter IKEA - p.086

Fig.87 Cadeira Kritter IKEA - p.087

Fig. 88 e 89 Maqueta do Refeitório - p.091

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Este questionário foi elaborado no âmbito do Mestrado em Design – Núcleo de Especialização em Espaço Urbano e Interiores da Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos e visa a obtenção de informação para a realização de um estudo sobre a utilização de espaços infantis na zona do Porto. Agradecemos desde já a sua colaboração.

Realizado a ____ de _____ de 2011

1. Quantos filhos têm?

2. Quantos frequentam uma creche/jardim-de-infância?

3. Que tipo de instituição é?

- a) ☐ pública
b) ☐ privada

4. Em que escalão etário se insere o seu filho?

- a) ☐ 0 – marcha
b) ☐ marcha – 24 meses
c) ☐ 24 – 36 meses
d) ☐ mais de 36 meses

5. Em média, por dia, qual o período de permanência da criança na creche?

Nº horas	0-marcha	Marcha-24 meses	24 – 36 meses	Mais de 36 meses
4h				
6h				
8h				
10h				
12h				

6. Qual o nível económico em que se insere?

- a) ☐ classe baixa
b) ☐ classe média
c) ☐ classe média alta
d) ☐ classe alta

7. Na sua opinião, qual é o papel da educadora no desenvolvimento da criança?

8. Quais as actividades realizadas na creche pelo seu/sua(s) filho/a(s)?

9. Que tipo de brinquedos usa a criança quando se encontra na creche?

10. Na sua opinião, quais são as necessidades da criança em termos de espaço?

11. Acha que o bebé é influenciado pelo espaço onde se encontra? Porquê?

12. Acha que a criação de espaços interactivos é benéfica para as crianças? Porquê?

13. Acha que as cores, as texturas e os grafismos têm alguma influência no comportamento da criança? Porquê?

14. Acha importante o contacto da criança com elementos naturais? (Tipo terra, produtos hortícolas, vegetação.) Porquê?

Design por: Joana Martins
www.joanamartins.com

